

NA CAPITAL — CR \$2,00
OUTRAS CIDADES — CR \$2,50

ANO VI — N.º 50
JUNHO DE 1944

Alterosa



*Constantino
B.F.*

○ AMBIENTE

Maravilhoso

onde a elite belorizontina
comemora os seus grandes
acontecimentos sociais.

PARA os belorizontinos já se tornou pra-
xe a comemoração do aniversário no
"grill" da PAMPULHA. E' o ponto ideal
para festejar as datas que a todos são
caras.

Num ambiente de distinção e elegancia,
dansando ao som de duas excelentes or-
questras, ou assistindo a um "show" que é
esplendido espetáculo de variedades, ani-
mado por grandes atrações internacionais
ou saboreando o prazer de um perfeito
serviço "à la carte", todos encontram no
aristocrático "grill" da Represa o salão
ideal para as comemorações festivas.

"Grill" da
PAMPULHA

Alterosa

Publicação mensal da
Sociedade Editora ALTEROSA Ltda.

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 —
Fone 2-0652 — Caixa Postal, 279 —
Cod. Teleg.: ALTEROSA — BELO
HORIZONTE — Est. de Minas Gerais

VENDA AVULSA

Belo Horizonte Cr\$2,00
No resto do país Cr\$2,50
As edições especiais de Aniversário e
Natal circulam respectivamente em
Agosto e Dezembro, ao preço único
de Cr\$3,00. Os números especiais de
moda aparecem em Maio e Novem-
bro, também ao preço de Cr\$3,00 em
todo o país. Para números atrasados,
mais Cr\$1,00.

ASSINATURAS NA CAPITAL

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$13,00
Ano (12 números) Cr\$25,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$45,00

ASSINATURAS NO INTERIOR DO
ESTADO E NO PAÍS

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$15,00
1 ano (12 números) Cr\$30,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$55,00

SUCURSAL NO RIO

Diretor:

ULISSES DE CASTRO FILHO

Rua da Matriz, 108 — Ap. 15
Fone 26-1881

SUCURSAL DO ESTADO DO RIO

Diretor:

JORGE AZEVEDO

Estação de Paulo Frontin — E.F.C.B.
Rodeio

SECRETARIO — Teódulo Pereira
REDAÇÃO — Clemente Luz e Djalma
Andrade

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Al-
phonsus de Guimarães Filho, Alva-
rus de Oliveira, Austen Amaro, Baía
de Vasconcelos, Evagrio Rodrigues,
Fernando Sabino, Francisco Armond,
Huberto Rohden, João Dornas Filho,
Jorge Azevedo, Luiz de Bessa, Mário
Casassanta, Murilo Araújo, Murilo
Rubião, Nabal Mont'Alvão, Nilo
Aparecida Pinto, O. Lage Filho,
Oliveira e Silva, Oscar Mendes, Olga
Obry Rafael Tarnapolsky, Raul de
Azevedo e Vanderlei Vilela.

FOTOGRAFIA — Antonio Freitas.
IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brel-
ner Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Ge-
rais Limitada e Gravador Araújo
DESENHOS — Augusto Rezende, An-
tônio Rocha, Rodolfo e Osvaldo Na-
varro.

INSPETORES:

A serviço desta Revista percorrem os
municípios brasileiros a Sra. M. N.
Esteves, a s-ta. Geralda Berço Tor-
res e a sra. H. C. Pcna.

A redação não devolve, em hipótese
alguma, fotografias ou originais, ain-
da que não tenham sido publicados.

ALTEROSA * JUNHO DE 1944

★ NESTE NUMERO ★

CAPA

A capa desta edição mostra as irmãs sr-tas. Maria da Conceição e Vanda Monteiro Werneck, da nossa sociedade, em fotografia feita especialmente pelo Estúdio Constantino e gravada em tricromia pelo gravador Gervásio Pinto de Araújo.

contos

ELISABETH E OUTROS PERSONAGENS — Anselmo Macielra	2
LARGO DE SÃO SEBASTIAO — Nóbrega de Siqueira	4
OFÉLIA. MEU CACHIMBO E O MAR — Murilo Rubião	6
O ULTIMO QUADRO — Martins Capistrano	10
O NOTURNO DE SARAPÚ — Alberto Renart	12
IDILIO DOMÉSTICO — Alicia Means Reeve	16
AS SURPRESAS DO DESTINO — Stanley Paul	22
INFIDELIDADE — Constance Bestor	29

LITERATURA

VITRINE LITERÁRIA — Redação	48
PROUST E A BELEZA FEMININA — Vivaldi Moreira	34
O HOMEM DAS LUZES — Murilo Araújo	36
A FALTA DE UMA FLOR — Alberto Olavo	33

HUMORISTICO

DE MÊS A MÊS — Guilherme Tell	38
OUTRA COMÉDIA DA VIDA — Osvaldo Navarro	39

REPORTAGENS

COM A PALAVRA A JUVENTUDE DO BRASIL — Nilo A. Pinto	50
O GOVERNADOR BENEDITO VALADARES EXCURSIONA AO SUDOESTE	68
EROS VOLUSIA TEM MEDO DE AMAR — Redação	72
A XI EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS — Redação	86

DIVULGAÇÃO

PEQUENA HISTORIA DOS TALHERES — Olga Obry	42
AS BOMBAS PÖEM TERMO A HISTÓRIA DE UMA HEROINA	93

CINE e RADIO

LOURAS, RUIVAS OU MORENAS? — Reportagem	62
MARGUERITE CHAPMAN REALIZA OS SEUS SONHOS — Reportagem	64
DE CINEMA — Noticiário fotográfico	66
NOTAS DE RADIO — Redação	77
CONVERSANDO COM PAULO LESSA — Entrevista	78
A TELEVISÃO EM "CHARGE" — Por Fábio Borges	79

MODA e BELEZA

MODELOS PARA A ESTAÇÃO	53 a
SUGESTÖES PARA A SUA BELEZA — Ivete Marion	61

DIVERSOS

SEDAS E PLUMAS — Redação	40
ESPARSOS — Poesia	47
A CIRANDA — Poesia de Ademar Tavares	8
ENLACE MARIA DE LOURDES LIMA NAVES-LUIZ GONZAGA RENÖ	94
NO MUNDO DOS ENIGMAS — Polidoro	96
GRANDES VULTOS DE MINAS GERAIS — Mário Casassanta	91
ARTE CULINÁRIA — Redação	98
PÁGINA DAS MÃES — Redação	100
GRAFOLOGIA — Por Fábio	102
CRANÇAS MINEIRAS	105

ELISABETH E OUTROS PERSONAGENS

CONTO DE
ANSELMO MACIEIRA

PREMIADO NO CONCURSO
PERMANENTE DE ALTEROSA

PERMANECIA de mãos abertas, palmas voltadas uma contra a outra, em atitude que bem seria mista se o quarto fosse um santuário. Era um velho costume de Elisabeth.

Só encontrava jeito de pensar assim. Explicaram-lhe outrora, nos tempos de menina, que ela herdara aquilo dos seus pais e avós. Eles eram do Norte, dos países frios onde os invernos são longos e tristes. Mas isto pouco preocupava Elisabeth. A verdade é que sentia um imenso prazer em contemplar as mãos. Os dedos levemente rosados terminavam em unhas pequenas, bem feitas, suaves. Não apareciam vestígios de ossos na pele clara. Horríveis essas pessoas de mãos ossudas. Parecem esqueletos rebelados contra o envólucro, ansiosos de morte. Distendidos, as palmas quasi deixavam passar a luz. E Elisabeth ficava assim, por minutos, com as mãos muito perto dos olhos, experimentando a estranha sensação de sentir a luminosidade do mundo através da sua própria carne. Relaxando os músculos percebeu que as linhas sulcaram a superfície macia, em tôdas as direções. Nelas estaria traçado o seu destino, sua vida. Olhou-as novamente, com um infinito de curiosidade. Possuimos um mistério em nossas mãos.

Depois, sem mesmo perceber a transição, já estava observando a vidraça larga que recortava um pedaço de céu azul. Uma tarde linda fluava sobre as coisas lá fora. Elisabeth pôs-se a pensar nos jardins onde, naquele momento, os lírios estariam florindo e os ipês falcando ao sol. No silêncio das florestas virgens nem os pássaros ousavam cantar. E chegaram lembranças de longe, recordações dos tempos de infância: "Somos pequeníssimos em face do tempo". Ocorreu-lhe a idéia de que poderia fechar a janela, juntar as cortinas e, em um minuto, transformar o ambiente. Escorraçar o sol do seu quarto. Aliás, muitas vezes fizera isso. Não raro tinha uma necessidade física da noite. Todos nós possuimos o dia e a noite interior e nem sempre ela coincide com a outra, a que desce dos astros. Quando isto acontece, é preciso fechar a janela, acender os candelabros — e esperar a madrugada. O ser humano é um ritmo e é uma expectativa.

A imagem do espelho, porém, agitou-a como um choque elétrico. Con-

templara a si mesma. Seu olhar duro, transparecendo uma leve malícia, talvez uma incapacidade de ser meiga, encontrou ali, o olhar de Elisabeth. Sobreveio um momento de incertezas e de embaraço. Ela sabia que nunca estava só. Apenas a mediocridade pode levar alguém a acreditar que ela é só ela, quando não há mais ninguém ao seu redor. Existe qualquer coisa como o inferno de Dante, na imaginação dos aflitos.

Entretanto, Elisabeth vivia mesmo só. "Há pessoas que não precisam admitir nenhuma outra na sua companhia, justamente porque trazem n'a dentro de si". Falta um sentido para tudo isso, é evidente. Afinal, somos. Esta é a certeza elementar. Devemos continuar a ser, segredando-nos uma voz íntima, impositivamente. Ali perto estavam os símbolos. Uma pequena caveira de marfim, com a inscrição *isso é apenas isto*; uma estatueta de Venus, uma espada, um par de algemas, um livro e uma esfera. Venus significava a beleza, a perfeição que a humanidade procura. A espada é o instrumento dessa luta para conquistá-la. As algemas são o prêmio da inquietude humana. O livro é a experiência, a sabedoria dos séculos, acumulada. A esfera é a forma geométrica mais enigmática, simbolizando o mistério essencial. É possível que amanhã Elisabeth visse alguma coisa nova em tudo aquilo.

"Pensamos outra vez, cada dia que passa". Mas tal hipótese não vem a caso.

O fato é, que estava bem ali. O tempo transcorria calmo, sem ruído. Atingimos o equilíbrio, desde o instante em que ficamos identificados com o que somos. Elisabeth admira sua enfermidade, conformara-se com ela. Só compreendia a si mesma daquela maneira.

A simples suposição de uma Elisabeth praticando esporte numa praia de banhos, parecia-lhe absurda. No princípio sofrera muito, desejara ardentemente o término de tudo. Aquele acidente marcara o ponto final de sua infância. Embora estivesse moça feita, sabia que continuava menina, uma criança. "A primeira decepção abre, para nós, as cortinas da madureza espiritual."

Para ela a primeira fôra a supremacia. Mudara o curso da sua vida. Privara-a das emoções, dos prazeres de que as outras podem participar. Isto hoje não a preocupava

mais. Pelo contrário. Com o conhecimento que adquirira dos segredos humanos, compreendera que fôra melhor assim. Tivera um destino, cumpria-o. Eis tudo. O melhor, porém, seria interromper a meditação. Tinha muito que fazer, ainda. Devia concluir a tradução do romance até sabado próximo, senão o editor mandaria um recado daqueles e, além do mais, não lhe pagaria. Dispôs-se a iniciar o trabalho, quando veio-lhe a vontade de ler as últimas cartas. Enquanto o relógio bateu as horas, sem pressa, musicalmente.

"... durante a vida devemos renunciar a cada passo. Desistir, desistir sempre desse absoluto inatingível. É preciso acostumar à idéia de que todos nós erramos mas, apesar do erro, nem tudo está perdido. Sei, compreendo tudo isso, entretanto sinto-me sem coragem para resolver. E que deverei resolver? Nem sequer a morte é uma solução quando somos nós que a procuramos. Ajuda-me, Elisabeth, diz-me qualquer coisa! Tua E."

"... talvez não passe de uma tolice, de um fato sem importância. A importância que isto ou aquilo, tem para cada um de nós, depende particularmente da atitude que assumimos em face disto ou daquilo. Mas, passemos adiante. Trata-se de uma idéia que me persegue, segundo a qual me acontecerá uma desgraça qualquer, às 7 horas da noite de uma sexta-feira. Pode ser uma bobagem, rápido, porém uma bobagem que me força a uma terrível expectativa durante todo princípio de semana. Estou magra, isto me põe doente. Como libertar-me? Uma sugestão, por favor, Elisabeth. Da tua amiga N."

"Minha afinidade com você (permitte-me este tratamento?) eu a descobri com a leitura daquele seu conto publicado durante a primeira semana de dezembro. Estarei enganado se quiser descobrir ali um forte coeficiente de autobiografia? Mesmo que não seja assim, digo-lhe que aquele caso se parece muito com o meu. Quando interrompi o meu curso de medicina, forçado pelas circunstâncias, julguei não poder resistir ao abalo moral que aquilo me causou. Havia antes queridos que precisavam de mim e o remédio era mesmo trabalhar num balcão de comércio, aceitando o que a vida me impunha. Hoje tudo mudou. Disponho agora de alguns elementos para prosseguir no estudo. Acontece que apareceu

Clara. É uma criaturinha admirável com a qual eu seria capaz de tentar a experiência do casamento. Mas, justamente o casamento significaria esquecer o resto. Que faria você neste caso? É o que desejaria saber seu admirador sincero V."

"... pois segui, Elisabeth, o seu conselho. Deixei-me levar pelo impulso do coração. Entre os dois escolhi aquele que me agradava mais. Aborreci-me com a família, briguei com todos, procedendo como você achava mais acertado fazer. O resul-

tao foi a minha infelicidade, já hoje irremediável..."

Elisabeth suspendeu por momentos a leitura. Errara metendo-se nos problemas de tanta gente. A história começara com aquela secção feminina que fizera, ha dois anos, naquela revista. Um caso emendara-se com outro e outro e nunca pudera interromper aquela sequência. De resto não tinha forças para tal. Gostava daquilo. Era sua distração, seu esporte. O diabo é que causava aborrecimentos, transtornos. Um con-

selho que ela deu, por exemplo, fôra, de certo modo, o motivo de um suicídio. Já possuía naquele armário um dos maiores documentários da insatisfação humana. Orgulhava-se daquele tesouro. Tinha preso às suas mãos, o cordel de uma porção de existências. Não duvidava da influência que exercia sobre aquela multidão. A principio divertia-se, apenas. Respondia às cartas, aconselhava, dizia isto ou aquilo, sem preocupar-se absolutamente com o que pudesse

(Continúa na página 8)



QUE "seu" Francisco de Assis estava fazendo não era certo, não era justo, não era digno.

Além do cerceamento de nossa liberdade, consistia numa falta de consideração a todos nós, de cujas partes era amigo. Era, sobretudo, uma falta de amor ao Largo de São Sebastião, à sua capela, às suas caneleiras cheias de sanhaços, ao rio celhu que corria mansamente pelo leito vermelho, quasi roxo. E a uma falta de bairrismo.

Era um gesto digno dum emigrante vulgar, dum emigrante vulgaríssimo, que não tivesse nenhum amor às tradições do Largo de São Sebastião, ao seu renome, à situação que desfrutava junto aos demais bairros da cidade.

Nem parecia de um homem cuja tradição e cujo sangue vinham do tempo dos Bandeirantes!

É verdade que o largo foi comprado com o dinheiro de "seu" Francisco de Assis, que foi ele quem mandou construir a capela, quem comprou os altares, os bancos, as imagens, a Via Sacra bonita e em alto relevo, o órgão que custou vinte contos de réis.

Outra razão, portanto, para que, mais que qualquer de nós, tivesse amor àqueles piagas que ele, francamente, estava hostilizando...

Demais, uma vez que ele doou tudo à Paróquia, perdeu o direito de posse. Aquilo tudo era tanto dele como era nosso, a não ser que quizesse ficar concudando por dar e tomar...

Não podia portanto, ficar, ali, o dia inteiro, de tocaia, por detrás de uma caneleira, como um qualquer caçagaceiro, impedindo que jogássemos futebol com a turma do bairro do Potunduva, para que desforrássemos aqueles "4 x 0" amargurados que nos infligiram no domingo anterior, afim de que lavássemos o brio do Largo de São Sebastião a que amávamos profundamente e pelo qual sentíamos um apego tapúio, gostoso...

O Largo era parte integrante da nossa vida, era como que um prolongamento de nossos lares. Eu era de Jaú, filho de paulista e fluminense. Emílio Rossi, filho de italiano. Páco e Lito, filhos de espanhóis. Sargi, filho de sírios. O Perpétua, filho de portugueses. Havia também pretos, cafusos, mulatos.

Desse "meatling-pot", dessa mistura de raças, é que surgira o nosso bloco, a nossa grêl ilustre do Largo de São Sebastião. Bloco unido, coeso.

Como, então, que "seu" Francisco de Assis estava ali de moita, hostilizando-nos impatrioticamente, impedindo que jogássemos futebol, que desforrássemos o revêz dos "4 x 0" do domingo anterior?

"Seu" Francisco de Assis nem pa-

LARGO DE SÃO



CONTO DE NOBREGA DE SI

recia que vinha de Bartolomeu Bueno da Ribeira, nosso Rei!

Estava ali, teimosamente de espicita, sabodadoramente alerta, afim de pegar a bola e jogar no rio Jaú, que corria perto do Largo, calmo, com suas águas vermelhas, quasi roxas.

A turma do Potunduva já havia chegado. Os 11 meninos, (glorioso "team" que nos impuzera aqueles fragorosos "4 x 0"), — estavam sentados no adro da igreja, à espera de que "seu" Francisco de Assis nos deixasse começar a partida, a partida "revanche", que tinha de ser nossa de qualquer jeito, pois, nunca perdíamos em nosso campo...

Mas "seu" Francisco de Assis continuava firme como a Torre de Pisa, imóvel como o Pão de Açúcar, estático como o Corcovado!...

A imagem de São Sebastião, nintada ao alto da Capela, olhava-nos com olhar de dó, por ver que estávamos impossibilitados de tirar a "revanche", de lavar os brios de seu Largo, de nosso Largo... (São Sebastião havia de mandar um castigo para "seu" Francisco de Assis).

A turma do Potunduva, ou melhor, o "Potunduva Futebol Clube" começou a movimentar-se.

Um pretinho lustroso como uma bola preta de "snooker", — naturalmente o "capitão" do "team", —

ai igiu-se a Tonico padeiro, nosso "capitão"!

— "Nós qué sabê se vocês joga ou não joga. Se vocês não jogá já, nós dá o fóra e não dá mais fóra neste campo. Tem que sê no nosso campo, outra vez..."

Esse "outra vez" era como que uma alusão direta aos "4 x 0"...

E "seu" Francisco de Assis, ali, parado, por detrás da caneleira, aguardando que começássemos o jogo, para pegar a bola.

Tudo isso por que?

Por causa de alguns miseráveis vidros de janela que a bola havia quebrado, por culpa de Tonico padeiro, que chutava torto como Patesco, como Zizinho, como Tim...

Que significavam algumas vidraças para "seu" Francisco tão rico, tão ilco, dono de fazendas, de casas, de máquinas de beneficiar café?

Qual, "seu" Francisco de Assis não sabia o que era poder de sacrificio!... Não tinha capacidade de sofrimento, era um inadaptado!

Não deixei de ir ao cinema, não deixei de ver fita em série, de tomar sorvete, de comprar livros de história, para juntar dinheiro, tostão por tostão, vendendo as garrafas e os vidros vassios de minha casa, os jornais velhos, para comprar aquela bola, a nossa bola, a bola que ia ser estrea-

SEBASTIÃO



QUEIRA ○ PARA "ALTEROSA"

da naquele jôgo, para tirar a fôrra do "4 x 0"?

Sargi não quebrou o nariz, num jôgo com o "Vila Nova", ao tentar fazer um "goal" para o "Esporte Clube Largo de São Sebastião"?

Emílio Rossi não voltou com a cara cheia de bofetadas, porque reclamou contra um "goal" do "Potunduva"?

E os que fugiam à aula dos Grupos Escolares "Dr. Pádua Sales" e "Major Prado" para defender nossas cores?

Não! "seu" Francisco de Assis havia de pagar! A coisa não ia ficar assim, não!

Perder no campo, perder no jôgo, porque os outros jogaram mais, está certo! Perder por não poder jogar? Perder por desistência? Isso é que não!

E desistência como? Então havíamos desistido de alguma coisa? Não estávamos todos ali, alinhados, uns calçados, outros descalços, esperando que "seu" Francisco saísse da tocáia, para começar a partida, para tirarmos a forra dos "4x0" de qualquer jeito?

Enquanto isso, o sol grande, o sol bonito, o sol brilhante, o sol redondo e amarelo que até parecia uma abóbora-morango, ia caminhando,

caminhando no céu azul sem fim...

Bem que o sol podia parar, que os relógios podiam todos parar, até que "seu" Francisco de Assis cansasse, saísse da tocáia, fosse à casa de Chuta, aquela mulata que êle visitava sempre.

De fato "seu" Francisco cansou-se.

Chamou João Negrinho, mandou buscar uma cadeira, sentou-se à frente da casa, da casa dêle com janelas quebradas.

O negrinho lustroso como uma bola preta de "snooker" voltou a reunir a turma.

O "Potunduva Futebol Clube" ia embora, pois não podia esperar toda a vida. Não podia jogar com gente que não tinha campo. Se quizessemos revanche, que voltássemos ao campo dêles.

— Nós tem campo. Vocês é clube sem campo, — arrematou.

Isso era peor do que dizer nome feio.

Então, nós não tinhamos campo? Aquele Largo todo, com a capela, com as cancelleiras, os sanhaços, o rio vermelho, quasi roxo, correndo calmo, não era nosso, não era a nossa vida, a de Sargi a de Emílio Rossi, de Tonico padeiro, de todos nós va-

lorosos defensores de seus brios futebolísticos?

O Largo de São Sebastião não era tão nosso quanto do "seu" Francisco de Assis?

Não, aquilo era demais!

Como que por combinação prévia, olhamos todos para a imagem de São Sebastião pintada na frente da capelinha.

Tivemos a impressão que São Sebastião se desamarrava da árvore, atirava longe todas as flexas e que nos incitava à reação.

Sargi, filho de sírio, mas que já se fundira no nosso "mealting-pot", estalou uma bofetada áspera no rosto do negrinho de "Potunduva", do negrinho lustroso como a bola preta de "snooker". O negrinho rolou.

— Perder no futebol está certo. Desafêro, não.

E o conflito generalizou-se.

Tonico padeiro, de olhos blearitosos, deu uma rasteira num italianinho do "Potunduva". E Lito, o Paco, e eu, e Emílio Rossi, e o Perpetuo, todos, entramos no barulho.

"Seu" Francisco de Assis correu para dentro de casa.

As pedras começavam a cruzar no ar. Pedras perdida iam quebrar os vidros das janelas da casa de "seu" Francisco de Assis: "blim-blim-blim-blim-blim"...

Os vidros caindo no chão em estilhaços.

Afinal, terminou o conflito, com a retirada estratégica do "Potunduva Futebol Clube".

Lá longe, ao atravessarem a ponte, os meninos do "Potunduva" gritavam:

— Aleguá, guá, guá... "4x0"!!!!

Lito estava de nariz roxo. José Negrinho com a cabeça quebrada.

Separamo-nos todos, como sempre fazíamos depois dos conflitos.

Marcamos reunião para a noite, afin de assentarmos medidas e providências. Já havíamos acertado as contas com o "Potunduva". Tínhamos que as acertar com "seu" Francisco de Assis.

No dia seguinte, pela manhã, estava escrito a carvão, em letras enormes, nas paredes da capelinha:

— "Seu" Francisco de Assis é um Velho Besta. E' um traidor do Largo de São Sebastião".

Se fosse hoje, Tonico padeiro, Sargi, Emílio Rossi, qualquer de nós teria acrescentado:

— "Seu Francisco de Assis é Sabotador. E' o Quinta-Coluna do Largo de São Sebastião".

Ofélia, Meu Cachimbo e o Mar ★ Conto de

GOSTO de conversar com Ofélia na varanda, após o jantar, cachimbo entre os dentes e o oceano, quase que inteiramente enegrecido pela noite, estendendo-se na nossa frente.

Conto-lhe episódios culminantes da crônica de minha família ou do mar, esquecendo-me que ela somente aprecia histórias de caçadas. Quando me lembro desse pormenor, lamento que Ofélia seja descendente de uma nobre estirpe de caçadores. Mas o que posso fazer além de lastimar? Não sinto nenhum atrativo por esse esporte e entre os meus antepassados não sei de algum que tenha levantado a sua arma para exterminar um animal que não fosse do gênero humano.

Se noto que a conversa vai morrendo, por culpa de Ofélia que esticou os olhos nostálgicos para dentro de si, afim de sonhar com selvas e tiros, calo-me por uns instantes e me ponho a ouvir as vozes soturnas que veem do mar. Ouço as sirenes, que cortam a noite como gemidos de homens que perderam a pátria.

Talvez seja mera impressão minha. Os gritos surdos das naves, procurando ou afastando-se do porto, podem simbolizar, para outros, cousa bem diferente. Tanto podem que Pedro, o velho marinheiro ruivo e sardento, diz que, ao ouvi-los, lembra-se, invariavelmente, das espeluncas do porto de Marselha.

Não sei onde ele foi buscar essa estranha relação, pois nunca toma o trabalho de explicá-la. E' possível que nem saiba porque associa uma cousa a outra. Contenta-se, quando instado a esclarecer o motivo, em levar os olhos muito azuis em direção ao mar, como se quisesse atravessá-lo e enxergar algo que as imensas molles d'água encobrem ao seu olhar.

O botiqueiro, que trás no corpo centenas de tatuagens — todas alusivas a amores passados — afirma que "são artes de rabo de saia". No entanto, não estou de acôrdo. Marinheiro velho lembra-se de mulher apenas para ter saudades do mar.

* * *

Seja qual fôr a razão, o meu amor pelas mulheres me vem do mar. Não que eu seja ou tenha sido marinheiro. Nem ao menos nasci numa cidade litorânea. Mas nas minhas veias corre o sangue de uma geração inteira de valentês marujos.

Na minha meninice, enquanto os meus companheiros subiam nas árvores, ou caçavam passarinhos, eu me debruçava numa ba-

cia cheia d'água e me divertia fazendo navegar pequeninos barcos de papel.

Côm os anos as minúsculas embarcações passaram a não me entreter mais, e a minha imaginação já não conseguia atravessar os cumes azues da Mantiqueira, em busca de brancas velas, pairando sôbre as águas do oceano.

Esperei apenas que meu pai fizesse a sua última viagem que, aliás, por pouco não foi marítima, (morreu engasgado com um espinho de peixe), para sair em busca do mar.

* * *

Uma grande desilusão me aguardava neste porto. Logo ao desembarcar fraturei um dos pés, ficando inutilizado para os trabalhos marítimos.

Podia parecer inacreditável para outros que não tenha lamentado a minha sorte, vendo desfeitos os meus ideais. Entretanto, não me deixei esmagar pelo desespero. Consoltei-me fazendo, com a ajuda da imaginação, longos e bonançosos cruzelhos por oceanos longínquos, infestados de piratas malalôs. Arrastava pela areia da praia, apoiado em duas muletas, o meu pé inútil — conversando ora com um, ora com outro pescador, ou olhando para os navios, balouçando nas águas, às vezes azul, às vezes demasiado verde. E pouco faltou para me convencer ter sido marinheiro em outros tempos. Bem mais do que os que faziam navegar os seus barcos em alto mar.

Por vários meses deixei a minha vida escorregar assim, sem que me aborrecesse o tédio da inatividade. Quando se acabou o dinheiro que eu trouxera de Minas, preocupei-me em arranjar alguma ocupação, para a qual não fosse um estôrvo o meu pé.

Mas o que poderia fazer um homem com alma de navegante, depois que lhe roubaram o mar?

* * *

Do meu bisavô também roubaram o mar.

José Henrique Ruivães era capitão de navio negreiro. Estatura gigantesca, ombros excessivamente largos, desde menino singrava os mares em leveiros que iam à A'frica à cata de negros para as lavouras do Brasil.

Fisionomia dura, barba muito negra, a bôca desprovida de dentes, compunham a sua figura bastante temida pelos marujos e escravos.

Costumava contar-me um parente, querendo provar a coragem e a audácia de meu bisavô, que numa noite quando forte

tempestade ameaçava afundar seu barco, e de terem várias turmas de marinheiros tentando, em vão, arriar as velas, subiu êle sozinho, pelo mastro acima, e as arriou. Essa façanha lhe custou a perda de boa parte de sua dentadura, pois para evitar uma queda que lhe seria fatal, teve de segurar com unhas e dentes em panos e cordas.

Vindo a Abolição da Escravatura, José Henrique, que não compreendia o mar senão comandando navios negreiros, retirou-se para uma fazenda, na Mantiqueira, onde passava os dias estirado numa rede.

De vez em quando assaltava o uma tremenda nostalgia do mar. Nessas ocasiões compulsava cartas marítimas ou pregava uma velha roda de leme e ia para o cimo de um morro, onde ficava horas e horas a simular ordens de comando.

Depois, os altos cumes da Mantiqueira, escondendo-lhe o oceano, a certeza de que não lhe seria possível mais capitanear navios negreiros, faziam com que êle voltasse aos sonhos de costume: brancas velas, verdes águas.

Assim viveu por muitos anos. Ora procurando, com os olhos cheios de recordações felizes, atravessar as montanhas e encontrar o mar; ora peregrinando entre a rede e o morro, em que, de porta-voz em punho, comandava subordinados imaginários.

* * *

Já o meu avô, que nascera em Minas, contentava-se em fazer barquinhos de madeira e colecionar estampas de navios. Dizia sempre para o meu pai, repetindo o velho José Henrique:

— O mar? Só em navio negreiro!

Com essa frase desculpava-se por não ter seguido a vocação ancestral. E talvez desculpasse ainda o seu horror por qualquer espécie de água: em seus oitenta vigorosos anos de vida conheceu apenas a que o padre lhe ministrou na cerimônia do batismo.

Ante o exemplo paterno, meu pai nunca externou a alguém vontade de ser navegador, nem tão pouco abusou dos banhos.

* * *

Todavia, os fracassos marítimos de minha família não evitaram que eu viesse parar neste porto, nem que o meu pé se inutilizasse e que, um dia, chegasse a passar fome, por falta de dinheiro.

Não sofri a fome por longo tem-

MURILO RUBIÃO

po. Logo me apareceu pela frente Alzira, uma viuva rica cujo marido, antigo capitão de navio, se enriquecera contrabandeando sedas. E suicidara-se também, por razões que a minha falecida esposa se absteve de me revelar. Sim, a minha falecida esposa. Já que despossei Alzira, alguns dias depois de nos termos conhecido.

A bem da minha honra, devo esclarecer que não a escolhi para esposa por causa de sua fortuna e ainda menos pela sua beleza um tanto equívoca: tinha a cara de sardinha e um certo odor de lagosta. Foi por este último motivo que a pedi em casamento. Sempre amei as lagostas e abominei as sardinhas.

Infelizmente a minha mulher, após ter gozado por todo um ano as minhas carícias, veio a morrer, vítima de uma intoxicação, oriunda de umas sardinhas deterioradas que ela comera.

Daquêle dia em diante passei a fazer certas concessões às sardinhas. E com muita justiça, pois em consequência de minha ogeriza por elas, não as comi no dia fatídico. Além disso elas vieram ao encontro de um desejozinho secreto que eu alimentava medrosamente. Resultante natural do enjôo que me vinha causando, ultimamente, o odor das lagostas.

* ❀ *

Ofélia, que não tolera o meu silêncio, interrompeu agora os meus pensamentos com um lardido forte. Levanto os meus olhos para ela e, instintivamente vou começar a lhe contar uma história qualquer do mar. Arrependo-me logo, ao ver o olhar desaprovador que ela me lança. Sei que Ofélia está dizendo que sou mais mentiroso que todos os caçadores que a sua família conheceu.

Mas isto é uma ingratidão inqualificável da minha cadela. Quando a encontrei, morria de fome numa das ruas da vila. E se não fôsem os meus cuidados e dedicação, estaria morta a esta hora.

— Não, Ofélia. Você deve ser benevolente com as minhas fantasias. Aqui, nesta vila da Mantiqueira, sem um divertimento que me agrade, não gostando de caçadas, tendo uma alma igualzinha à daquele meu bisavô marinheiro...

Notando que não fui convincente, insisto com mais vigor:

— Sim. Porque êle existiu de verdade! Não é mentira minha... Vendo, porém, que a dívida

permanece nos seus olhos, entrego os pontos.

— Perdôa-me, Ofélia. Nunca

mais lhe mentirei. Mas seria tão bom se aquele meu bisavô tivesse existido.



Privado dos
prazeres da
bôa meza?
Por que?
PILULAS DE
REUTER
o tornarão
apto a com-
er de tudo.

LSK



5 razões!

- Sempre novidades
- Variedade de sortimento
- Modicidade de preços
- Artigos de qualidade
- Garantia assegurada

PRESENTES?

BAZAR AMERICANO

AV. AFONSO PENA, 788 e 794

**CURSO DE CORTE
E CONFECÇÕES
POR
Correspondência**



Mande seu
NOME e ENDEREÇO
para que lhe seja
enviado um
**FOLHETO
EXPLICATIVO**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS E LETRAS
AV. RIO BRANCO, 120 10º AND.
CAIXA POSTAL 3364

A Ciranda

Vejo a ciranda das Horas,
Moças lindas a cantar...
Doze vestidas de branco,
Doze vestidas de negro,
Umás, de estrelas na testa,
Outras, de flôres na mão...
E no balanço da dança,
Quando umas vêm, outras vão...

Horas do dia e da Noite
O' vocês!... Lindas que são!...
Qual será mesmo a minha Hora,
Minha hora de Redenção?!...
Será das doze de branco,
Ou das que de negro estão?!...
Qual virá, vindo o meu dia,
Pousar a mão no meu peito.
Parando o meu coração?!

ADELMAR TAVARES

(PARA ALTEROSA)



ELISABETH E OUTROS PERSONAGENS (CONCLUSÃO)

acontecer. Cedô, entretanto, viera a adquirir um senso de responsabilidade naquele jogo. Dependia dela algo de muito sério. Sentia, cada vez mais, que era aquela sua missão sôbre a face da terra. Agora — ou talvez nunca — poderia evitar que assim fosse. Mas, talvez não o tentasse. Ninguém pode fugir à própria sorte.

Na noite morna — uma noite com sugestões lascivas no silêncio — os arranha-céus estavam iluminados, os morros chelos de fogos, como se os deuses lares, esquecidos da heresia dos tempos, houvessem reclamado o tributo antigo. O espetáculo empolgava Elisabeth. Até onde ela estaria vendo, na realidade, tudo aquilo? E quando começara o simples trabalho de imaginação? Imaginar é o mais humano dos modos de ver. Ela estaria presente? Seu tempo seria igual ao outro? Ou o quadro não passava de uma recordação? Grandes os navegadores da antiguidade, porque partiam para nunca mais voltar. "A vida também é uma viagem. E nem todos descobrem continentes..." Elisabeth sorriu, fatigada — "o sorriso é uma palavra, ou um bocejo, do espírito", depende da ocasião. — A seguir fixou o relógio. Ele não bateu horas. Nem mesmo tiquetaqueava mais. Estava enorme, quieto, solene como o tempo. Apagou as seis

velas com seis sopros. O esforço fatigou-a um pouco. Gostava muito de acender e apagar as velas; encontrava um incêvel encanto neste ato. Era um prazer para o qual nunca descobrira sucedâneo. Também não o desejaria. Enfim, conseguira a noite, não via mais nada, e isto fazia com que ela se considerasse mais intensamente uma parte desse todo, dessa mãe-terra da qual vivemos.

Elisabeth ainda viveu alguns anos. Dizem que um dia não resistiu mais. Chegara a receber centenas de cartas por mês. Ocupava-se o dia inteiro com elas. Não cumpria nem sequer seus compromissos de trabalho, o que deixou-a em sérias dificuldades financeiras. Ficara abatida, esgotada. Por coisa nenhuma seria capaz de interromper a atividade. Louçura? Não sabemos. Em todo caso vamos ler o bilhete que ela enviou ao magazine em que escrevia, poucos dias antes. Talvel êle esclareça alguma coisa. E' possível também que não esclareça nada.

"Percebo que me aproximo de qualquer acontecimento grave, definitivo. E' claro que isto não tem nenhuma importância para os senhores. Cada qual deve ser dono de si mesmo. E' preciso apenas audácia. Nada mais apresenta o mínimo de interesse. Nada. Elisabeth."

MINHA PASTA

pesava como um baú de madeira!



Eu me sentia exausto,

— mas o Vinho Reconstituente Silva Araujo me pôs de novo forte e bem disposto.

O sangue desnutrido chega a roubar o ânimo para qualquer ocupação que exija esforço, seja trabalho ou diversão. Tudo parece difícil, o menor gasto de energias esgota o organismo. Quando sentir êsses sintômas, experimente o fortificante há cinqüenta anos recomendado por grandes médicos — o Vinho Reconstituente Silva Araujo. Sua fórmula científica incluye peptona, quina, cálcio e fósforo. Estimula o apetite e facilita a

boa assimilação dos alimentos. Se tem o sangue desnutrido, falta de apetite e fraqueza geral, principie hoje a tomar o Vinho Reconstituente Silva Araujo. Isso só lhe poderá trazer benefícios.

Veja o que disse o
Prof. ROCHA VAZ:



...“o Vinho Reconstituente Silva Araujo, é, há muito, empregado pelos clínicos de maior renome. Há longos anos o aconselho aos meus doentes, em que é positiva a sua ação reconstituente”...

Vinho Reconstituente

SILVA ARAUJO

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE



J.W.T.

O ÚLTIMO Quadro

conto de Martins Capistrano • ilustrações de Rocha

— Este quadro tem uma história que vale a pena conhecer — disse o encarregado da pinacoteca aos turistas que visitavam o grande salão de arte.

Fazia uma tarde esplêndida de maio. O palácio onde funcionava o museu de pintura que pertenceu ao marquês de Bragança estava silencioso dentro da serenidade augusta da velha rua por onde, outrora, subiam, majestosos, os caleches imperiais. Só de quando em quando um automóvel moderno deslisava por ali, enchendo de trepidação aquele recanto que ainda conservava o encanto e a doçura do passado.

Os visitantes, alguns estrangeiros impassíveis e dois ou três diplomatas brasileiros que os acompanhavam, detiveram-se curiosos, diante do quadro que pendia de uma parede carcomida, à esquerda de quem entrava no salão. Era uma linda mulher jovem e morena, de olhos negros, que o pintor fixara em atitude meditativa olhando o céu de uma cena rústica, em que se viam algumas árvores solitárias e um recorte de serra azul dominando o fundo da paisagem. As côres da pintura eram fortes e a tela devia medir, pelo menos, uns dois metros de altura.

— Dizem — continuou o encarregado, um homem baixo, de cerca de setenta anos, de óculos escuros — que esta mulher existiu e foi a heroína de um romance cujos capítulos finais se desenrolaram a dois passos deste palácio, há pouco mais de meio século.

Todos ficaram atentos à palavra do narrador, que se mostrava inquietamente desajustado de contar a história daquele quadro.

— No tempo do império, a sociedade era rígida somente para os fidalgos que não gozavam dos favores da corte. Os outros tinham liberdade de sentir e de pensar como entendessem, amando as mulheres que quisessem e apresentando-as, ostensivamente, nos salões, ao *grand-monde* frívolo e astucioso da época. Não se compreendia nem se admitia *um caso de amor* entre os *plebeus*

da nobreza. Por isso mesmo, foi um escândalo social a paixão do jovem Paulo de Nerval, conde do Riachuelo, pela filha de um hoteleiro da rua do Lavradio.

“Luiza Amorim era uma formosíssima jovem morena, que possuía a graça tropical das brasileiras de hoje. Filha de um casal de portugueses, residia perto do conde de Riachuelo, que a via passar, diariamente, para a escola, sobraçando livros, e vestida com a simplicidade da gente de sua classe. O conde olhava-a com enlêvo, porque a rapariga tinha uma beleza deslumbrante e uma vivacidade que os olhos negros refletiam eloqüentemente. Certa manhã, êle resolveu falar-lhe e ela, diante daquele moço louro, bonito, não se sentiu capaz de deixar de ouvi-lo. Tornaram-se namorados. Namorados escondidos, porque os pais do conde não poderiam permitir que o filho se apaixonasse por uma descendente da plebe. E quando o fato chegou ao conhecimento da família nobre, o rapaz foi, violentamente, afastado da mulher amada, e severamente castigado num exílio que forçaria o esquecimento definitivo. Mas o coração do homem, ou da mulher, que ama não pode esquecer o motivo irresistível do seu amor. E não veio o almejado esquecimento.

“As influências da família do conde foram ao ponto de conseguir a mudança dos pais de Luiza para outro ponto do país. O hoteleiro teve que abandonar a metrópole para ir estabelecer-se numa cidade paulista. Levou a filha e desapareceu.

“O jovem conde, sentimental e apaixonado, ficou alucinado na sua angústia e procurou, inutilmente, conhecer o paradeiro da família Amorim, banida impiedosamente, sem uma razão forte que o justificasse. Julgava-se o culpado daquele castigo inominável imposto a quem não tinha cometido um crime contra as leis do país. Não compreendia a atitude desumana de seus pais e revoltava-se contra aquele excesso de zelo, que seu coração repudiava. Mas o tempo foi,

dosimetricamente, gotejando sôbre o episódio romântico da rua do Lavradio a essência do esquecimento. E tudo pareceu ter acabado.

“Entretanto, Luiza estava, irremediavelmente, na vida do conde, o qual, se aparentemente se mostrava curado da paixão, conservava, todavia, a lembrança daquela que o impressionara tão profundamente e que jamais esqueceria. E assim continuava agindo no sentido de descobrir o destino de sua pobre morena.

* * *

“Um dia, quatro anos depois, quis o acaso que os namorados de novo se encontrassem. O conde terminara seus estudos e tivera como prêmio uma excursão pelo Brasil, desde o Rio Grande do Sul ao Amazonas. Um navio o conduziu a Porto Alegre, de onde êle veio, depois, por via marítima, até Santos, conhecendo apenas as cidades litorâneas. No grande porto de São Paulo desembarcou para ir até a capital bandeirante. Homenageou-o o governador da província, que o levou a Campinas, a antiga Vila de S. Carlos, pouso dos bandeirantes que rumavam para Minas, Goiás e Mato Grosso, e cuja história estava, assim, intimamente ligada à própria história da nacionalidade.

“Alí, Paulo de Nerval encontrou, afinal, a sua amada. Luiza morava em Campinas, lá para os lados do Bonfim, desde que seus pais tinham sido obrigados a abandonar o Rio de Janeiro. Cursava a Escola Industrial e ajudava a mãe nas tarefas domésticas. O pai tinha um restaurante na Praça Bento Quirino, procurando recuperar nesse negócio os prejuízos decorrentes de sua forçada mudança.

“Foi na missa da Catedral que Paulo viu Luiza, e logo se perturbou diante de sua figura morena e triste. Procurou falar-lhe. A moça esquivou-se, com receio de ver seu pai novamente perseguido. O conde insistiu. Tranquilizou-a. E verificou que ela ainda o amava.

“Começou então o novo capítulo do romance. Paulo quis ficar mais tempo em Campinas. A comitiva oficial regressou a São Paulo. Desapontada, a começar pelo governador, com a desatenção do filho do marquês de Bragança. Êste soube logo do fato, e ordenou o regresso imediato do filho, Nada, porém, conseguiu, porque o conde não voltou.

“Luiza alarmou-se. Alarmaram-se seus pais. Pressentiram nova intervenção do marquês para afastá-los dali. Já pensavam

(Conclúe na página 44)



O NOTURNO DE SARAPÚ

NO hotel, o meu companheiro de mesa era um velhote baixinho e corpulento, de botas e espartilhos, chegado naquela tarde de um vilarejo distante cinco léguas. Devia, como eu, partir no trem da noite, e estava apavorado com a inconstância dos horários.

— Imagine o Senhor — disse, chupando a sopa de água com laranja — que vou ser padrinho de um casamento que se realiza amanhã às oito horas na matriz de Mudundú. Daquí até lá, segundo o Guia Levi, são seis horas puxadas. Vai ser o diabo se esse trem chega com atraso de mais de cinco horas!

— Então peça a Santo Antônio que o hotelheiro não se aproxime do quadro-negro.

Mal dissera isto, e já o dono do hotel passara a mão no giz, para retificar o que escrevera dez minutos antes. Onde se lia: — “Chegada do noturno: 8,25” — lia-se agora — “Chegada do noturno: 10,30.”

O velhote deu um chupão na colher de sopa, e afastou o prato, descoroçoado:

— Maldita Estrada!

O garçon trouxe um bife sangrento, e foi fechar a janela. A poeira entrava por tôdas as frestas, soterrando móveis, louça, comida. O velhote, que até aquele momento, impressionado com a irregularidade dos horários, não reparara na poeira, arregalou os olhos ao fitar o prato.

— Eh, garçon! Eu não pedi bife com canela!

O garçon veio rindo.

— Não é canela, é poeira. É acho bom o senhor comer assim mesmo, porque se demora mais eu terei que ir buscar uma pá para desenterrar o bife...

Durante a sobremesa, que devorou com poeira e tudo, o meu companheiro gastou todo o seu repertório de palavras contra o diretor da Estrada de Ferro. E concluiu, furioso:

— Veja o senhor! E' uma pouca vergonha! Tem um cidadão que chegar a hora certa em determinado lugar, confia na Estrada, e acaba fazendo o papelão que eu vou fazer se esse maldito trem não chega aqui antes das duas horas! Que fossem honestos, ao menos! Se nos dissessem que a Estrada não tinha horários em que se pudesse confiar — bolas! — eu teria saído do Fundão há três dias, montado na minha égua Violeta que nunca me desapontou!

Expliquei-lhe:

— Aqui sempre foi assim. Que me lembre, o trem nunca chegou à hora marcada nos horá-

rios. Se o senhor estranha é porque vai viajar pela primeira vez nesta Estrada...

— E pela última!

Levantou-se bufando.

— Vou lá fora respirar o pó. Quer dar uma volta?

Saimos. Na praça — duas praças, dois praças —, moças e rapazes faziam o cortejo habitual. Diante do bar, escorando um poste da Empresa, um bêbado discursava, truncando palavras a cada soluço. Felizmente, antes do “res non verba” um cabo da Força Pública pegou-o mansamente pelo cachaço, tão mansamente que só fez esborrachar o nariz de encontro ao poste, e conduziu-o rua acima, aos repeões.

De repente, um alto-falante começou a berrar o “Por vos yo me rompo todo”. Cinco minutos depois a praça estava vazia. Ia começar a sessão cinematográfica.

Olhei o relógio: sete e meia.

— E' melhor irmos ao cinema, para matar o tempo.

A sala de projeção estava apinhada. A muito custo, e com muita diplomacia, conseguimos dois lugares na primeira fila. Saltamos por sobre uma lagoa de cusparadas com que um caboclo ao lado inundava o chão de cimento, e nos alojamos nas cadeiras de pau, mais duras do que pau.

Escureceu. Não tanto, porém, que nos impedisse de ver o caboclo tirar do bolso do casaco uma garrafa e emborcá-la entre os grossos beiços roxos. Um cheiro forte de pinga quase nos sufocou.

Terminado o gargarejo, o caboclo voltou-se para a segunda fila, estendeu a garrafa, e soltou um bafo cloroformizante:

— Passa o pão.

O sujeito de trás, que não quisemos ver, entregou-lhe um pão de meio quilo. E durante toda a primeira parte do filme, enquanto o aparelho de som emitia ruídos pavorosos, em completa discordância com as cenas, a bocarra do caboclo ia emitindo outros, mais enervantes, em perfeito sincronismo com o movimento dos queixos.

Olhamos a tela.

Numa sala em penumbra, o mocinho apontava o revólver para meia dúzia de bandidos:

— Stay where you are!

Abriu-se, com um guincho audível a dez quilômetros, uma porta ao fundo da sala. O guincho

era culpa do mísero aparelho de cinema, porque o mocinho nem se mexeu. O bandido que entrara apanhou uma cadeira, ergueu-a acima da cabeça felpuda, e foi-se aproximando do incauto mocinho, que, de costas voltadas para ele, não percebia o perigo.

A' medida que o bandido se aproximava do mocinho, o caboclo que estava ao nosso lado ia rasgando o papel que embrulhava o pão. O sujeito de trás respirava alto e tamborilava com as botas no cimento.

Princípei a suar. Em meio segundo previ o desastre, e propus a retirada.

Era tarde. O bandido tomara impulso para descarregar a cadeira na cabeça do mocinho. O caboclo deu um salto e berrou desesperado:

— Olha ele aí atrás!

Foi a conta. O sujeito da segunda fila ergueu-se bruscamente, sacou a garrucha, e pregou dois tiros na tela.

Aproveitamos o tumulto para dar o fora. Na porta esbarramos o subdelegado que vinha entrando com dois soldados. A autoridade gritou:

— Ninguém pode sair!

O inquérito foi demorado. Afinal, às dez horas, os soldados saíram arrastando os dois desordeiros, e a projeção pôde continuar.

Quase sem esperança de apanhar o trem, corremos para o



CONTO DE ALBERTO RENART

hotel. Tínhamos meia hora para pagar a conta, pegar as malas, chamar um carro e voar para a estação, que ficava a quase um quilômetro do centro. O meu companheiro de cêsseria suava por todos os poros.

— Bandidos! Numa cidade de mais de dez mil almas! E chamam de isto zona civilizada!

Subimos de quatro em quatro os degraus da escada.

— Depressa! — clamou o velhote. A conta e um taxi!

O garçon não se apressou!

— Tem muito tempo.

— Tem muito tempo nada! Faltam vinte minutos!

Mas, ao dizer isto, um pensamento doloroso atravessou-lhe o cérebro. Nervosamente, voltou-se para o quadro-negro. Eu já tinha visto o aviso, e sorria, penalizado. Lá estava em letras brancas no fundo preto: — “Chegada do noturno: 11,55”.

O velhote não reclamou. Estava emocionado demais para dizer palavras. Caminhou lentamente para o quarto, com o olhar desesperado de um vitelo que vai para o corte.

Os minutos se escoaram morosos como numa ampulheta meio entupida.

A's onze horas tive que bater

à porta do quarto do meu companheiro. Abriu-a mal humorado. Tinha perdido toda esperança de chegar a tempo para o casamento.

— Não modificaram o aviso. Creio que podemos preparar-nos.

Não respondeu. Enfiou o casaco, puxou a carteira, e pôs-se a contar o dinheiro.

A's onze e vinte reanimou-se. O aviso continuava firme nas onze e cinquenta e cinco. Sorriu com prudência.

— Acha que devemos ir para a estação?

— E' bom. Antes que o hotelero resolva alterar novamente o horário.

Até a estação não se deu nenhum dos desastres que eu previra. Chegamos às onze e quarenta e cinco, sem novidade. Sem novidade desagradável, porque lá estava o trem, a locomotiva bufando como um touro cansado.

— Ora viva! — exclamava satisfeito o velhote, pisando com força na ponte de madeira. Nem tudo está perdido, felizmente!

A estação regorgitava de gente de todas as raças e de todas as cores, com pequeno exagero. Japoneses, italianos, húngaros,

brasileiros, amarelos, brancos, pretos apinhavam-se diante da bilheteria, abrindo espaço com empurrões e cotoveladas.

Amarrotados, com o chapéu de banda e os botões do casaco pendurados por um fio, conseguimos chegar à entrada de um dos vagões de segunda-classe, com o bilhetes intactos nas mãos arranhadas.

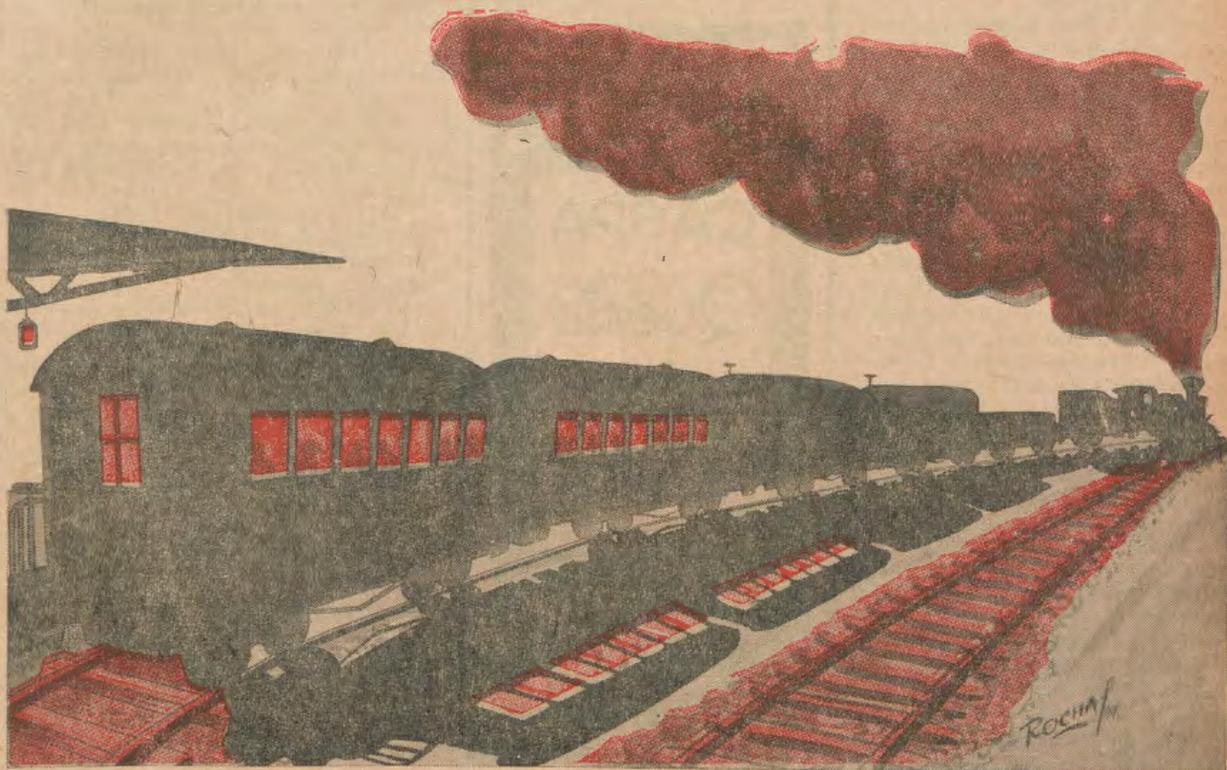
Alojamo-nos em frente a um casal de estrangeiros, não sabíamos a princípio de que nacionalidade, nem ficamos sabendo de pois. O homem estava debruçado na janela, olhando para a bilheteria com olhar idiota. A mulher acalentava uma criança de alguns meses, que queria chorar talvez de fome.

O trem não partia. Olhamos os relógios, impacientes: meia noite e cinco. Até eu, sempre tão calmo, já estava irritado com aquela patifaria da Estrada.

— Isto é uma congregação de bandidos! — exclamou o velhote subindo a serra. E' uma quadrilha! Uma comedeira vergonhosa, é o que é!

A criança choramingou, assustada. O pai retirou a cabeça da janela e lançou ao velhote um olhar homicida, que esfriou seu entusiasmo. A mãe desabotoou a blusa encardida, puxou um seio murcho, e tapou a boca que avançava avidamente para o bico escuro e enrugado.

O chefe do trem ia passando





A vida de hoje

precisa do ENO

porque a agitação cansa, a atividade gasta... ENO constitui a melhor ajuda para a "preguiça intestinal". Mas insista no único e verdadeiro "Sal de Fructa": - ENO!



ENO "Sal de Fructa"

na plataforma, ao longo do carro. Não me contive:

— Eh, chefe! Demora muito a partir?

— Um bocado. Temos que esperar o trem de carga que vem vindo da Barroca. A linha está impedida.

O chefe afastou-se. O velhote nem gemeu. Barrrou a cabeça, aniquilado, como um condenado à morte a quem foi negada comutação da pena em prisão perpétua.

A criança, que acabara de mamar, choramingou outra vez. O pai puxou do bolso do colete um cebolão de ferro, olhou as horas, deu uma cusparada que passou rente às calças do meu companheiro, e resmungou:

— Mardita sea!

A mulher disse suavemente como quem consola:

— No es para tanto, hombre...

Notei que o velhote, que compreendia tanto quanto eu o sentido daquelas palavras, começava também a sentir-se mal. Não sabíamos se o homem se referia à Estrada, à vida, à criança, ou — o que era peor — à nossa presença. Por via das dúvidas, mudamos de lugar.

— Parece que o gringo também vai ser padrinho de casamento... — gracejei, quando já estávamos fóra de perigo, sentados defronte de dois italianos que cachimbavam sonolentemente.

Mal acabára de falar, ouviu-se uma discussão acalorada diante da bilheteria. Todos os passageiros aproximaram-se das janelas, ansiosos por qualquer acontecimento, banal que fôsse, que quebrasse aquela monotonia acalorada.

Eram dois mulatos, que discutiam sobre quem devia pagar a passagem.

— Sou eu! — berrava um. Você já pagou a pinga. Agora é m'nha vez!

O outro segurou-lhe a mão que avançava para o guichê:

— Não, senhor! Quem vai pagar sou eu! Senão, senão!

Estavam ambos a noventa graus centígrados.

O bilheteiro, nervoso, afastando-se do guichê o mais que lhe permitia a exiguidade da castanhola, procurava acalmá-los:

— Devagar... Nada de brigas. O melhor; cada um pagar a sua...

— Isso é que não! — urrou o que primeiro falára. Ou pago eu as duas, ou a estação fica cheirando a defunto!

O bilheteiro encafuuou-se num canto. No trem, algumas mulheres ensaiaram chiliques. A cousa estava ficando pretá.

— Pois quem vai pagar sou

eu! rugiu o que já tentara comprar a passagem.

E desvencilhando-se do outro, que lhe segurava a mão, bateu com uma prata no balcão do guichê:

— Duas de prêmêra pra Barroca!

A tragédia foi rápida.

O que fôra repellido arrancou da cintura uma faca de trinta centímetros de aço, abraçou o outro pelas costas, e abriu-lhe a barriga de baixo para cima.

O ferido deu um bêrrro tremendo, voltou-se para o trem, segurando os intestinos que pendiam, e caiu para a frente. Batendo no cimento, a cabeça estalou como um côco que se parte: crác!

Num segundo, como movidas por molas, todas as cabeças desapareceram das janelas. Só o gringo permaneceu debruçado na sua, olhando fixamente o cadáver, com olhar idiota.

Quando o subdelegado chegou, o assassino já estaria a alguns quilômetros de distância. Os soldados voltaram de mãos vazias, sem terem descoberto o rumo que tomára. Podiam rezar por alma.

Alguem acendeu duas velas ao lado do morto. Mas ninguém, nem mesmo o subdelegado, teve coragem de voltá-lo de barriga para cima.

Subitamente ouviu-se uma gritaria num dos carros. Ao mesmo tempo um sujeito atravessou correndo a plataforma, saltou por cima do defunto, esbarrrou no subdelegado boquiaberto, transpôs a ponte em tres pulos, e abalou pelo mato.

— Que foi? E agora, que houve? Mataram outro? Mataram outro?

Ninguém sabia. Afinal o subdelegado veiu vindo com um pobre diabo que chorava como uma criança.

— Roubaram meu dinheiro, seo delegado! O senhor mande prender aquele ladrão! Ele bateu a minha carteira!

O subdelegado não sabia o que fazer. Tinha mandado os soldados darem uma nova busca, e não podia abandonar o cadáver.

— Tenha paciência. O senhor bem vê que agora não podemos tratar do seu caso. Veremos amanhã.

O sujeito ficou desesperado.

— Mas eu preciso do meu dinheiro! Eu não vou embora sem o meu dinheiro!

Deixou o subdelegado, e foi bater no guichê da bilheteria.

— O senhor faz o favor de me devolver o dinheiro da passagem. Eu não vou mais nesse trem. Aquele ladrão bateu a minha carteira.

— Agora eu não posso aceitar

CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

esse bilhete. Vai atrapalhar a numeração... Tenha paciência.

O caso estava ficando gozado. Alguns passageiros rião, esquecidos da tragédia anterior. Até o velhote sorria, já indiferente ao atraso do trem. Mas um apito ao longe, seguido de um lento arrastar de ferragens, fez desaparecer todos os sorrisos. E, de súbito, uma exclamação de entusiasmo percorreu todo o comboio:

— O trem de carga! O trem de carga!

Puxamos os relógios: uma e quinze.

— Ópa — disse o velho. Já é milagre! A-pesar-de todos os contratemplos, ainda chegarei a tempo para o casório. E foi melhor assim, sabe o senhor? Terei muita novidade para contar na festa!

O trem de carga entrou no desvio, desimpedindo a linha. Afinal!

O velhote meteu a cabeça pela janela, e lançou um último olhar ao cadáver.

As velas se extinguíram. O sub-

delegado, recostado na bilheteria, tirava uma pestana. O sujeito que fôra roubado tinha saído atrás do bateador de carteiras. Que silêncio e que calma!

Dez minutos se escoaram no tempo. O cargueiro já tinha desimpedido a linha, e o nesseo trem nem apitava para partir.

Mais cinco minutos...

O chefe do trem passou apressado, com um travesseiro debaixo do braço. Chamei-o:

— Seo chefe! Eh, seo chefe! Faça o favor de chegar aqui.

Quando o chefe chegou à nossa janela, o velhote tomou-me a palavra:

— Por quê diabo o trem não sai, chefe? A linha já está desimpedida.

O chefe bocejou longamente, antes de responder. Explicou e foi saindo, sempre abraçado com o travesseiro:

— Ainda não está desimpedida, não senhor. A composição era muito grande, e a máquina não pôde trazer todos os carros. Vai voltar agora para buscar o resto...



ISTA TODA A FAMILIA NA GUANABARA

Comprando diretamente às fontes manufatureiras, em grande escala, para servir a uma clientela sem igual, a Guanabara, não só apresenta sempre as últimas novidades em primeira mão, mas oferece os mais vantajosos preços

A Guanabara é uma casa de seleção, onde o senhor compra para toda a sua família

SIRVA-SE DAS VANTAGENS DO CRÉDITO

GUANABARA

FOUCHKINE

UM COPO D'ÁGUA

UM PEREGRINO, vencido pelo cansaço, bateu à porta de uma granja e implorou:

— Por favor, dá-me um copo d'água.

— Vai-te daqui, vagabundo — blasfemou o proprietário, ameaçando-o com um pau — se não queres que te bata.

O peregrino suspirou, profundamente, e pensou: — *que homem má!*

Chegando à cabana de outro homem, que estava sentado calmamente numa rêde, lhe disse:

— Queres dar-me um pouco d'água?

O homem voltou-se preguiçosamente e contestou:

— Não temos em casa uma gota sequer, irmão.

— Louvado seja Deus — disse o peregrino.

Quando chegou a uma certa distância da casa, viu, no entanto, que ali havia um grande barril de água.

— Que homem preguiçoso — murmurou o caminhante.

Arrastando-se, sedento, chegou à porta de uma terceira granja. Um homem guiava um arado, puxado por dois bois.

— Quer dar-me um pouco d'água?

— Senta-te aqui, enquanto vou buscá-la, irmão — disse o homem.

Sentou-se o peregrino, mas vendo que o homem não voltava, pensou:

— Talvez tenha se esquecido...

Mas, ao fim de meia hora o viu de volta, suarento e cansado, trazendo nas mãos um vaso cheio d'água.

— Demorei-me um pouco porque fui buscá-la na fonte; a que tínhamos em casa não estava fresca.

Ao acabar de beber, dos olhos do peregrino caiu uma lágrima.

— A paz seja contigo, meu irmão; um homem me negou de beber; outro me deixou partir sedento, tendo ao seu alcance muita água. Tú deixaste teu trabalho para dar-me água fresca... Que a paz seja contigo!.. Não porque dás, mas porque sabes dar.

TÃO LOGO Laura avistou um homem com a maleta na mão, dirigiu-se a êle, rapidamente. Tinha ela, em suas mãos, um telegrama, e havia estado procurando, em tôdas as ruas, um quarto ou um apartamento para alugar. Por raios que buscasse, não conseguiu sequer um lugar nalguma pensão. Naquela grande cidade industrial era mais fácil encontrar uma agulha perdida que um quarto para alugar.

Ao aproximar-se do homem, parou um pouco como para tomar fôlego.

— O senhor me perdôe... eu desejo fazer-lhe uma pergunta.

Êle era um jovem alto, loiro, suspendeu a leitura de uma carta em que estava absorto e respondeu numa voz distante:

— Terei prazer em ser-lhe útil.

Laura não pôde deixar de sentir um sentimento, talvez de piedade, pois o rosto do jovem estampava alguma preocupação.

— Vio-aquí, com a maleta na mão, sabe? Ocorreu-me... parece-me que o senhor viajará...

— De fato embarcarei hoje mesmo.

— Suponho que deixará a casa em que estava morando até agora... talvez esteja desocupada, prestes a ser alugada!...

— Sim, mas...

— Oh! Então eu lhe peço um grande obséquio: permita que eu a alugue. Não me importam as condições, mesmo que seja um quarto todo seu conforto.

— São seis os amigos que me fizeram êste pedido, senhorita, embora todos êles já estejam incorporados às forças armadas...

— Eu sou uma pessoa séria, tranquila; não importuno os vizinhos e levo uma vida de acôrdo com a moral mais estrita. Eu sou...

— Já sei... compreendo — interrompeu êle, achando graça na maneira com que Laura se expressava — Também é bonita...

Ela fingiu não fazer caso do galanteio. E mostrando-lhe o telegrama que tinha nas mãos, continuou:

— Eu vivia num apartamento com uma companheira. Ela casou-se hoje, de forma que me vi obrigada a retirar-me. Êste telegrama foi passado por ela, e solicita-me que compreenda a situação...

Êle a ouvia com visível simpatia.

— Bem, creio que posso ceder-lhe minha casa, que é todo o segundo andar de um prédio ótимальmente localizado. Parto esta noite, vou incorporar-me também ao Exército. Esta maleta está cheia de utensílios que eu pretendia deixar em casa de um amigo. Mas agora posso deixá-la lá mesmo. A senhorita quer ver o apartamento?

* * *

Os dois seguiram a pé, pois a casa não ficava d'istante. Caminhando à sombra das árvores, Laura lhe disse, em tom de profunda gratidão:

— Asseguro-lhe que me recordarei do senhor quando tiver de fazer meu testamento.

Êle sorriu. Ela pôde observar que êle era muito jovem, e que tinha um sorriso varonil e encantador.

À entrada do edificio havia um amplo jardim. Sibindo por uma escadaria ampla chegaram ao segundo andar. Ao abrir a porta, êle disse a Laura:

— Não observe a arrumação das coisas. Tudo

está ainda revêto; pois eu havia começado a fazer a arrumação, quando tive de ausentar-me.

Ela admirou-se de encontrar um apartamento tão encantador.

Juan Moore, como se chamava o jovem, disse-lhe que corresse todos os cômodos, enquanto êle ia acabar de guardar as suas roupas. Depois de ter corrido bem o apartamento, voltou Laura à saleta, onde Juan estava às voltas com várias peças de roupa, sem saber como colocar tudo em duas valises apenas.

— Considero hoje como um dia de sorte para mim — disse Laura. — Ora... se ofenderia se eu dissesse que não se dobra a roupa assim como está fazendo?

— Não me ofenderia porque é a verdade.

Ela tomou a iniciativa. E dobrando as peças, ia dizendo:

— Olhe, é assim... agora, assim, vê?

Em menos de cinco minutos arrumou tudo, de maneira que ainda houvesse lugares disponíveis nas valises.

— E', parece fácil, mas... Eu lhe fico muito agradecido por êste grande favor. Tem jeito para uma boa espôsa.

— Eu também já cheguei a esta conclusão — respondeu, sorrindo.

— Sabe cozinhar?

— E' claro!

— Eh! Só agora me lembro, estou com fome! Vamos à cozinha.

* * *

Laura pô-se a observá-lo a mecher entre as panelas, como se estivesse procurando alguma coisa. Juan passou, depois, a mecher no fogão, abrindo o forno. Notando aí algum defeito, dirigiu-se a Laura:

— Será bom que chame um mecânico para concertar isto aquí.

Ela não pôde deixar de sorrir, e estava a ponto de dizer "sim, querido". tal a ilusão de uma cena doméstica que estava vivendo. Pouco depois preparou um prato para os do's, enquanto êle a observava. À mesa, quando Juan provou o que Laura tinha feito, não se conteve, e deixou escapar esta expressão de seu sentimento:

— Senhorita Laura Adams, é maravilhosa!

Ela sentiu-se satisfeita, invadida de uma estranha felicidade.

No correr da refeição, conversaram animadamente, como se já fossem velhos amigos. Ao terminar a ceia, já não se tratavam como quando se conheceram; êle era simplesmente Juan e ela Laura.

Chegada a hora de partir, Juan, chamou um auto, pelo telefone.

Laura perguntou-lhe com uma sensível vacilação:

— Acompanha-o alguém à estação?

— Não. A ordem de minha partida chegou tão inesperadamente que ninguém está ciente dela. Por que?

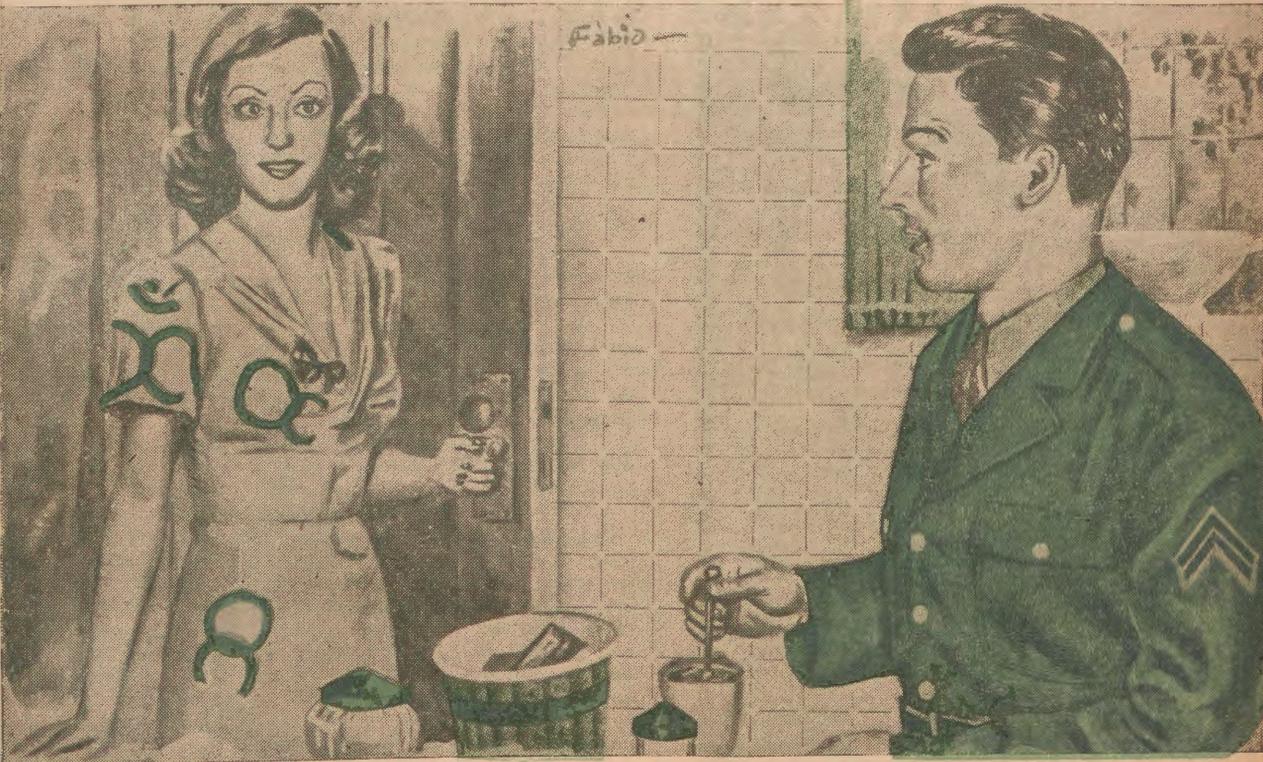
— Peisei que poderia acompanhá-lo.

— Ótima idéia! — aprovou êle, com entusiasmo.

Na estação, quando Juan despedia-se dela, Laura ainda lhe agradeceu:

— Nunca poderei esquecer-me do favor que me fez.

— Para mim é uma satisfação saber que meu apartamento estará bem cuidado. Eu lhe



devo agradecer o ter arrumado minha mala e me feito companhia até aqui. E, a propósito, espero que meus amigos não a molestarão'.

Dizendo isso, êle inclinou a cabeça como para beijá-la; mas o trem já se locomovia, de forma que êle não completou o gesto.

— Adeus, Laura, — disse-lhe ainda, agitando o braço para fora da janela do vagão.

* * *

Laura permaneceu durante um momento, só, cheia de melancolia. E perguntou a si mesma, experimentando uma sensação agradável, se ela havia querido beijá-la, como lhe parecera.

Nos dias seguintes, tal foi o cuidado que ela dispensou em arrumar esmeradamente o apartamento, que, se Juan voltasse, não o reconheceria. Pensando nêle, ela sentia desejos de vê-lo vestido com o uniforme do Exército. Julgando que o jovem devia sentir-se um pouco triste num ambiente ainda desconhecido, resolveu enviar-lhe uns doces. Passou um dia inteiro preparando vários bolos, que lhe enviou no dia seguinte.

Uma noite, ao recolher-se do trabalho, cansada, entrou no apartamento ansiosa por um confortável banho de chuveiro. Mas, mal transpuzera a metade da saleta, ouviu uma voz masculina, grave, que cantava o estribilho de uma canção dos boiadeiros do oeste. A voz vinha do quarto de banho. Imediatamente, sem se deter para refletir um momento sequer, perguntou em tom severo:

— Que está você fazendo aqui, seu intrometido?

O homem, ao ouvi-la, pôs o rosto para fora. Embora admirado, ainda esfregava a cabeça. A espuma não permitia a Laura observá-lo melhor.

— Por favor, senhorita, retire-se.

— Usando o meu melhor sabonete!

Ela disse isto numa voz tão lastimosa que o homem pareceu sentir-se de fato arrependido, pelo gesto que então fez. Mas, passado um instante, replicou surdamente:

— Porque não guarda o mais caro sabonete noutra lugar, em vez de deixá-lo no quarto de banho de Juan Moore.

— Saiba que Juan Moore não mora mais aqui.

— Oh! Ignorava-o... acabo de desembarcar, e o meu primeiro pensamento foi vir ao apartamento de meu amigo Juan Moore. Êle me deu uma chave para que pudesse vir aqui quantas vezes quisesse...

* * *

Laura não contestou. Encaminhou-se apressadamente para o seu quarto, batendo a porta, ao passar, violentamente. Bem que Juan lhe havia dito, na estação, que os seus amigos talvez a molestassem.

Quando Laura estava na cozinha, preparando a ceia, ouviu o ruído que o "intruso" fazia tratando de arrumar-se para deixar a casa onde não era recebido como amigo. No entanto, ao vê-lo, de uniforme da marinha, não evitou um sorriso de simpatia. Compreendia que êle não tivera culpa do que se passara.

— Senhorita — balbuciou — sinto muito o ocorrido, mas eu...

— Nada tem do que desculpar-se. Na verdade sou eu quem lhe deve pedir desculpas. A minha maneira de receber um representante das forças marítimas da Pátria não foram dignas. Juan Moore preveniu-me, de fato, que os seus amigos podiam me fazer uma surpresa... Gostaria de ceiar

Talco Malva

IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ
FINISSIMO E
PERFUMADO



* * *

Não SEJA UM CAVALHEIRO DE TRISTE FIGURA...



VISTA-SE PELO SISTEMA DE CRÉDITO DE
A COMPENSADORA

RUA TAMOIOS, 438 (Ed. Itália) FONE 2-3414

comigo? O jantar está quase pronto.

No rosto do jovem havia sinais de profundo alívio.

— Agradeço-lhe de todo coração, senhorita. Passei dois dias no Mar do Norte, ao sabor das ondas, em situação precária. Nosso navio foi torpedeado... No entanto, o apêto que passei no banheiro foi maior...

— Esqueçamos isto... meu nome é Laura Adams.

— Chamo-me Pedro Bailey — respondeu êle, sorrindo gostosamente, mostrando uma enorme bôca, que, apesar do tamanho, não lhe roubava nada da expressão simpática.

* * *

Sabendo, pois, que Pedro era amigo de Juan, a jovem esmerou-se em dar-lhe um tratamento agradável.

— Suponho que vinha com a esperança de passar a noite alegremente com Juan.

— De fato — respondeu, pondo-se de pé — isso me recorda que tenho ainda de procurar alojamento...

Dizendo isto, Pedro caiu numa risada gostosa, que fez com que Laura se mostrasse curiosa. Ela perguntou-lhe os motivos de tanta alegria.

— No ano passado, por ocasião do Natal, Juan enviou a cinco ou seis amigos um cartãozinho e uma chave deste apartamento, com êstes dizeres, em espanhol: "Mi casa es tuya". A partir de então, às vezes Juan encontrava aqui vários amigos, entre os quais eu sempre estive presente, a fazer uso de sua casa. Ele jamais protestou por isso, nem ao menos mostrou-se aborrecido. Juan é de uma bondade extrema. Não posso me lembrar do dia em que Irene nos encontrou aqui. Imagine que ela quis repreender a Juan!

— Irene, Quem é Irene?

— Irene Darcy, decoradora de cenários teatrais. E' noiva de Juan. Pobre amigo...

— Oh!...

Laura calou-se. Experimentava um sentimento estranho; Juan já estava comprometido.

Pedro, ao despedir-se, lhe disse, de certo modo embarçado:

— Laura... perdôe-me desde já que a chame assim, mas... eu tenho duas semanas de licença e não conheço ninguém nesta cidade. Não se importaria se a viesse ver uma vez ou outra?

— Dar-me-á muito prazer, Pedro. Mas outra vez que quiser experimentar o meu chuveiro, avise-me com antecedência, para que eu possa esconder meu sabonete...

* * *

Pedro, durante as duas semanas que esteve de folga, visitou Laura com muita frequência. Os dois passeavam pela cidade, de maneira muito divertida e alegre.

Laura recebeu uma carta de Juan Moore, na qual êle dizia que estava bem e desejava que ela estivesse melhor. "Espero que nenhum de meus amigos a tenha molestado" — acrescentava.

Ela mostrou-a a Pedro, e os dois, comentando-a, riram-se a valer.

Em sua resposta, Laura não omitiu o caso de Pedro; e além da carta, enviou a Juan uns quitutes deliciosos.

Digamos de passagem que Laura era uma moça decididamente partidária do matrimônio. Mas estava à cata do homem ideal, isto é, para o seu ideal. Quando as férias de Pedro terminaram, ela o viu partir com tristeza, porque em sua companhia havia se divertido muito. Êle era bom, nobre, alegre, e dera-lhe mostras de que estava enamorado.

Mas Pedro não era o homem que Laura pretendia desposar.

Acostumada a cejar em companhia de Luis Brown, convidou-o um dia para uma refeição em sua residência. Luis Brown era seu companheiro de trabalho. Bom moço, simples, naqueles últimos dias dera mostras de estar enamorado de Laura.

Quando os dois chegaram ao seu apartamento, surpreenderam um jovem que dormia calmamente no assoalho. Laura sorriu, embora Luis não apreciasse aquela cena. Que significava um homem dormindo no apartamento de sua amiga?

Sem fazer caso da cara de Luis, Laura despertou o jovem.

— Eh! Aonde está Juan?

— Não se assombre — respondeu a jovem com um sorriso — Juan já não mora mais aqui.

— Oh!... eu não sabia... queira me perdoar. Ele me deu a chave do seu apartamento, para quando...

— Já compreendo — continuou Laura, com um sorriso — Juan deu chaves a todos os amigos. E ainda há pouco esteve aqui Pedro Bailey.

— Pedro Bailey? Somos como irmãos! Ele está na Marinha. E eu pertenco às Forças Aéreas. Sou Esteban Flaherty... tomo a liberdade de apresentar-me. E mais uma vez queira perdoar-me. Já me vou.

— Não querará tomar parte em nossa ceia? Não concordas, Luis?

Laura, fazendo este convite a Esteban, não observou a fisionomia de seu companheiro, contrariada e carrañcada.

* * *

Para Laura e Esteban a ceia transcorreu divertida. Luis Brown não disse uma palavra; manteve durante todo o tempo uma atitude condenatória. Desculpando-se, finalmente, que teria de levantar-se cedo, no dia seguinte, retirou-se, fazendo uma cortesia para com Laura. Ela, pouco depois de se ter ele retirado, pensou: — tão pouco me casarei com um homem assim.

Esteban demonstrou ser tão bom camarada como Pedro.

No sábado seguinte levou vários amigos seus para visitarem Laura. Estavam todos reunidos na sala, quando ouviram passos femininos. Esteban, simulando um tom de assombro, murmurou:

— Deve ser a Irene!

Os outros mostraram-se também, apreensivos e meio contrariados.

— Por que se põem dessa maneira? — perguntou Laura — Todos os amigos de Juan são também meus amigos. Além disso, tenho muito desejo de conhecer Irene.

Naquele instante souu a campainha. Laura correu a abrir a porta e se encontrou frente a frente a uma jovem, muito morena, de aspecto vampiresco, e foi logo dizendo:

— Senhorita Adams, eu sou Irene Darcy. Creio que Juan já fez referência a mim...

— Sim, ele não deixaria de fazê-lo. Vamos entrar; estão aqui alguns amigos de Juan. Creio que já os conhece.

— Infelizmente vocês ainda estão vivos — com estas palavras, tão pouco amáveis, dirigiu-se aos jovens que estavam sentados à mesa. Depois de uma pequena pausa, explicou o motivo que a levava ao apartamento de Juan:

— Vim buscar o meu Linguado.

Laura sabia perfeitamente do que se tratava. Mas resolveu fazer um gracejo com pessoa tão preunçosa.

— Linguado? Não encontrei nenhum aqui.

Roupas feitas e
Sob Medida

ARTIGOS PARA
MENINAS

UNIFORMES
COLEGIAIS E
MILITARES

VENDAS A
PRESTAÇÕES



Rua Tupinambás, 597

ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE

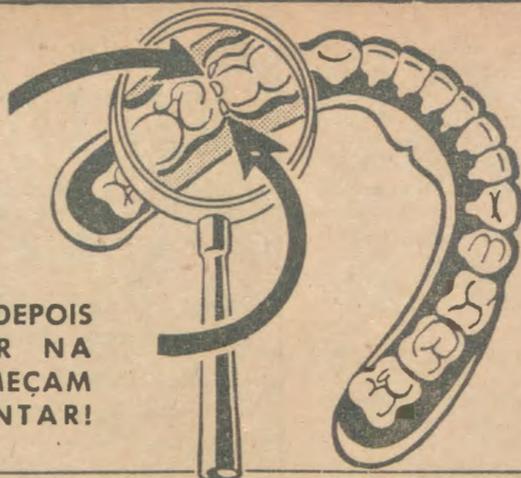
EM
24 HORAS,
DEITROI
DEFLUXOI
E SUAI
MANIFESTAÇOES.

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

CUIDADO!

Aqui atacam os micróbios!

**2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!**



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentifício medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

senhorita Darcy. Onde o deixou? Na geladeira?
Os rapazes não contiveram uma estrondosa gargalhada.

Irene, como que fulminada pela zombaria, retrucou:

— Senhorita Adams. Supunha que qualquer moça soubesse que Linguado é o pseudônimo de um dos nossos maiores pintores modernistas — Lourenço Linguado.

— Oh!... Lourenço Linguado? Não veiu até aqui. Também é amigo de Juan?

— Mas, senhorita... eu dei a Juan um quadro de Linguado para que esta sala perdesse um pouco do prosaísmo, ou pelo menos adquirisse um pouco de distinção. O quadro estava depenurado sobre a lareira... mas agora não está.

— Parece que sei onde se encontra

Laura foi à cozinha, e voltou trazendo um embrulho, que entregou a Irene. Ela o abriu. Era o seu Linguado. Dos rapazes ninguém estranhou que Juan o tivesse tirado de cima da lareira, pois se tratava de uma pintura horrível e sem sentido, uma obra desses raros indivíduos que se intitulam sem mais nem menos de modernistas.

Ao mirá-lo, Irene falou, enfaticamente:

— Que sorte! Preferia perder um braço que esta maravilha!

— Por que não se resolve a perder a língua em vez do braço — perguntou Esteban.

Ela dirigiu um olhar feroz aos rapazes. E virando-se para Laura, perguntou:

— Senhorita Laura, como conheceu a Juan Moore?

— Da maneira mais inesperada que se pode imaginar. No dia em que partiu, ainda fiz a sua mala...

— Isso não me interessa! Fala como se fosse uma...

— Descarada?

— Exatamente.

— Tão logo eu escreva a Juan, contarei esta novidade a ele.

Irene saiu abruptamente.

— Essa... víbora — exclamou um dos rapazes.

— Temi que nos mordesse — acrescentou Esteban.

— Eu não conheço Juan muito bem — disse Laura — mas vocês, que são seus amigos, deviam impedir que ele se case com uma pessoa como Irene. Creem que ele será feliz com uma esposa como ela? Conhecem acaso alguma jovem digna de ser esposa de Juan?

— Você conhece, Laurita? — perguntou um dos rapazes.

Laura se ruborizou e respondeu firmemente:

— O que acabo de dizer não tem nenhuma intenção, podem crer!

Quando os rapazes saíram, Laura começou a preparar uma torta para Juan. No fundo do coração, tinha um sentimento estranho com respeito a ele — era uma pena que se casasse com uma pessoa como Irene Darcy.

* * *

Laura, dia a dia, ia tomando amor ao apartamento de Juan. Arrumava-o cuidadosamente, enfeitava-o. Nos mínimos detalhes, notava-se a intervenção feminina. Quando não a visitava algum amigo de Juan, ela convidava um dos seus. Nenhum dos seus companheiros de trabalho a agradava. Já começava a crer que era uma dessas mulheres difíceis de contentar, por que sempre dizia, no final de uma palestra com um conhecido: "Não, este não é o meu homem ideal".

A sua correspondência com Juan ia aumentando, com os dias. Ele, na última carta que lhe endereçara, pedira-lhe um conselho.

"Diga-me... creê que fica mal o casamento de um soldado com uma jovem que tem um bom emprego?"

Laura teve desejos de responder-lhe assim: "Não se case com ela, Juan. Garanto-lhe que ela é uma víbora". Mas, na realidade, respondeu sinceramente: "Eu não quero dar nenhuma opinião, Juan. Acho apenas que o essencial para uma união feliz é o amor".

Laura passou uma semana sem receber a visita de qualquer amigo de Juan. Ele mesmo, depois que lhe escrevera, falando em matrimônio, não enviara mais uma carta sequer.

Uma noite, chegou à casa já muito tarde. Passou pela caixa de cartas, ansiosamente. Não havia nada para ela.

Ao entrar, porém, notou um cheiro de guisado. Viu que da cozinha ainda saía um pouco de fumaça. Para maior surpresa sua notou ainda que havia mesa posta para dois.

Devagarinho, encaminhou-se para a cozinha. Viu então, um soldado muito ocupado na preparação de um prato. Naturalmente era um amigo de Juan. Para preveni-lo, foi logo dizendo:

— Fique sabendo que Juan Moore não reside mais aqui.

O soldado voltou-se para ela, e respondeu calmamente:

— Deveras?

Era Juan Moore em pessoa. Com tão grata surpresa, Laura, exclamou:

— Oh... oh... Juan!

“Este é o meu homem ideal” — Laura sentiu que o seu coração lhe dizia isto. Mas a sua consciência a recordava de que ele já estava comprometido com Irene.

— Vim entregar-lhe a chave que estava em meu poder. Perdoe-me o ter entrado assim em seu apartamento. Tomei a liberdade de preparar uma cea para nós dois...

— Fez muito bem! Mas permita-me que o ajude. Que vejo em seus braços, Juan?

— Galões de cabo.

— Estão mal pregados, Juan. Venha aqui, eu os pregarei melhor.

* * *

Quando terminaram o preparo da cea, sentaram-se à mesa.

— Suponho que voltou para casar-se, não é verdade? — Perguntou Laura.

— Não estou muito seguro disto, Laura. O ordenado de um cabo é tão pequeno que...

— Não deve preocupar-se se ela tem um bom emprego, segundo você mesmo me explicou em sua carta.

— Se eu estivesse seguro de que ela me ama...

— Suponho que isso é uma questão inteiramente sua. Não faz bastante tempo que estão comprometidos?

— De quem está falando você? — perguntou ele olhando-a com assombro.

— De Irene... por que? De quem então falaria você?

— De você, Laura!

Ela não pôde deixar de encará-lo com estupefação.

— Mas... mas... você está comprometido com Irene, Juan.

— Laura, recorda-se do dia em que nos conhecemos? Não se lembra que eu estava lendo uma carta? Essa carta eu a tinha recebido de Irene. Ela punha fim ao nosso noivado.

— Mas... por que?

— Por que não aprovou o meu desejo de ingressar no Exército. Sabe que deixei um ótimo emprego para isso? A ruptura do nosso noivado não me aflige. Nosso compromisso era dos maiores erros que ambos íamos cometer.

— Não se amavam?

— Ela disse que nossos caracteres eram incompatíveis. Está noiva, atualmente, de um pintor...

— Mas... quando veio buscar o quadro me afirmou que o compromisso continuava.

— Ela deve ter dito isso por maldade. Mudemos de assunto. Falemos de coisas mais importantes. Eu me enamorei de uma encantadora jovem que me fez as malas, quando parti para o Exército. Esperei todo esse tempo pelo momento de pedí-la em casamento. Que me responde ela?

— Que... sim — murmurou Laura inclinando a cabeça, ruborizada.

Ele a tomou nos braços e beijou-a ardentemente.

— Agora, querida, deve prometer-me uma coisa.

— Que é, querido?

— Que não torne a repetir o que disse ao entrar.

— Não me recordo...

— Disse que Juan não reside mais aqui.

— Oh!... De acordo, Juan. Casar-nos-emos e continuaremos a viver neste apartamento encantador...

ENVELOPE CAMPEÃO... é dinheiro na mão!



LOTERIA FEDERAL DO BRASIL EXTRAÇÕES EM JUNHO DE 1944

Dia	Premio maior	Preço
3	1.000.000,00	120,00
7	400.000,00	50,00
10	500.000,00	70,00
14	400.000,00	50,00
17	500.000,00	70,00
21	400.000,00	50,00
(NUM SORTEIO)		
24	2.000.000,00	350,00
28	1.000.000,00	70,00
	500.000,00	



LOTERIA DO ESTADO DE MINAS EXTRAÇÕES EM JUNHO DE 1944

Dia	Premio maior	Preço
2	200.000,00	30,00
9	200.000,00	30,00
16	200.000,00	30,00
23	500.000,00	100,00
30	200.000,00	30,00

ROCHA

CAMPEÃO DA AVENIDA

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781
CX. POSTAL, 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"
BELO-HORIZONTE

NAO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES



AS
SURPRESAS
DO DESTINO
•
CONTO DE
STANLEYPOL

UM ESTRIDENTE apito de locomotiva fez com que as pessoas que esperavam o trem se pusessem em alvoroço, na estação. Sómente Steve Brooks sentiu uma forte emoção e notou que seu coração batia violentamente. Por mais que tentasse readquirir a calma, não o conseguia.

— E' inútil — disse para si próprio — estou emocionado e não consigo me dominar. Não estou, além disso, acostumado a esperar uma linda moça, que vem ver-me...

Olhou em torno de si, meio desconcertado e invejoso. Desejaria estar como os outros rapazes que ali se encontravam, entre os quais via Beque Hollis, despreocupado, balouçando na mão uma luxuosa maleta; êle esperava também uma garota, mas nem por isso se punha nervoso.

— Aquí estou — pensava — vestindo uma roupa de Jaque Farandol, a espera de uma bela moça... a quem eu mesmo pedi que viesse... Como tivêra semelhante idéia? Por que aceitou ela, o meu

convite? Oxalá Jaque estivesse aqui, ao meu lado, e não a mil quilômetros de distância...

*

Na semana anterior Jaque havia escrito a Steve, felicitando-o por ter terminado os estudos com brilhantismo. Entre as outras coisas mais, Jaque dissera: "Devo-lhe um presente; quero que me escreva e faça o pedido, que o atenderei."

Steve pensou que não deveria pedir nada ao seu amigo, que sempre lhe emprestara magníficos ternos. E decidiu — não aceitarei nada: Jaque tem feito muito por mim.

Quando, porém, se recordou das moças que acompanhavam sempre ao seu amigo, todas muito bonitas e atraentes, viu que tinha um pedido a fazer. Jaque era um rapaz muito bem parecido, e muito simpático. As moças com facilidade se enamoravam dele. Daí a explicação que sempre era visto acompanhado de moças bonitas.

Por isso escreveu ao seu amigo:

"Caríssimo Jaque, já que deseja fazer-me um presente, digo-lhe o que quero. Espero que me envie uma companheira de cuja amizade goze atualmente, para que passe e festeje comigo o último dia em Hartnell; que venha disposta a se divertir muito. Estou seguro de que ela será bonita, pois desejo abafar meus colegas, os quais me consideram um tímido, incapaz de conquistar a amizade e simpatia de uma moça bonita e interessante."

*

Na realidade, Steve escrevera a Jaque sem pensar que o amigo poderia tomar a sério o seu pedido. Por isso, quando recebeu a resposta, caiu numa espécie de pânico, sentimento que ainda mais se acentuou quando ele ouviu o apito da locomotiva, anunciando a chegada do trem.

— "Bem, escrevera Jaque, a moça que deseja já partiu para aí. Ela se chama Keets Ballor. Deverá chegar no trem das seis. Hartnell ainda não viu moça mais linda e deliciosamente agradável como Keets. Cabe a você aproveitar a oportunidade. Steve, você brilhará em sua companhia, é o que posso assegurar."

O comboio, daí a segundos, chegou à estação.

Não era a primeira vez, certamente, que Steve ia à estação. Pelo contrário, frequentemente ia ver a chegada dos trens. Mas desconhecera, até aquela data, o que era uma espera ansiosa.

A maioria dos passageiros, naquele dia, era do sexo feminino; e quase todas naturalmente vinham para a festa. Via-se que eram formosas. Steve correu os olhos entre elas. Uma chamou-lhe a atenção, não só por sua beleza pouco comum, mas também porque, comparada às outras, cujos vestidos e chapéus eram exagerados, parecia a de mais gosto. Calma, modesta, deixava a impressão de que era a mais moça de todas; era morena e tinha um olhar eloquente. Em dado momento, seus olhos encontraram-se nos de Steve. Inexplicavelmente, ele avançou em sua direção, pensando que uma pessoa tão atraente não podia deixar de ser a companheira de Jaque. Ao aproximar-se fez um cumprimento com a cabeça e perguntou:

— Acaso estou falando com a senhorita Ballor?

Ela acenou a cabeça e respondeu:

— Sim. E você deve ser Steve. Chame-me de Keets.

— Keets — um diminutivo, encantador — pensou Steve.

Quando se puseram a caminhar, um ao lado do outro, ele se sentiu mais livre, mais seguro de si.



**CASPA!
CABELOS
BRANCOS!**

use
LOÇÃO XAMBÚ

**CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA CÔR NATURAL
ELIMINA A CASPA EXITO GARANTIDO**

GRATIS: Peça o folheto informativo, "Como se deve usar a LOÇÃO XAMBÚ"

LAB. XAMBÚ — Rua Souza Dantas, 23 — Rio de Janeiro

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Est.

Fotogravura Minas Gerais Ltda.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO

E PRESTEZA NA

EXECUÇÃO DE CLICHÊS

**TRICROMIAS E DOBLÊS
CLICHÊS EM ZINCO E COBRE
APARELHAMENTO MODERNO
E COMPLETO**

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA
ESCRITÓRIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE
PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

AV. AFONSO PENA 1050 — FONE 2-1607 e 2-3016

BELO HORIZONTE



USE ESTE DEFUMADOR PARA PROTEGER
SEU LAR, NO QUAL MANTERÁ UM AMBIENTE
PURO, SADIO, FELIZ E PERFUMADO

F. S. NEVES - CX. POSTAL 2398 - RIO DE JANEIRO

PREÇO DA CAIXA COM 20 TABLETES : CR \$ 5,00

— enviada pelo correio —

(DESEJAM-SE REPRESENTANTES)

Isso era devido à simplicidade de Keets, que também simpatizou com o novo conhecido. Ela lhe disse, sorrindo:

— Concordo agora que Jaque sabe descrever muito bem as pessoas. Imagine que me aconselhou, para encontrá-lo, procurar um rapaz que tratasse de parecer calmo, mas que, na realidade, estivesse cheio de ansiedade. Também me disse que se tratava de uma pessoa muito simpática, e nisso também acertou.

Steve a olhou nos olhos e sorriu. Observando-a da cabeça aos pés, atentamente, concluiu que Keets era uma belíssima moça. Apesar de estar vestida desportivamente, sua pessoa irradiava franca feminilidade. Satisfeito, satisfeíssimo lhe disse:

— Sempre ansiei por momento igual a este: gosar a companhia de uma moça bonita, a que os homens olham com admiração; tê-la ao lado durante um baile, uma ceia, um passeio. Isso, estou certo, poderei ter em sua companhia, embora por um único dia.

Ao entrarem no taxi, Steve recomendou ao motorista que fosse ao "Hosteria", hotel exclusivamente feminino, onde ficavam as moças que ali iam a passeio.

— Como vai o Jaque? — perguntou a Keets.

— Bem; a última vez que o vi foi em dezembro. Não nos encontramos mais porque papai foi transferido para Manchester. Papai é coronel da aviação, e foi por seu intermédio que conheci Jaque, que brevemente será piloto especializado.

Steve a ouvia todo enleavado. Pensava em Jaque.

— Foi muito gentil em vir, Keets — disse finalmente, pensando o que Jaque teria dito dele para a amiga.

— Pois foi para mim um verdadeiro prazer. Sempre tive desejos de conhecer o Colégio onde Jaque estudou, e também onde estuda o melhor amigo de Jaque.

O melhor amigo de Jaque...

Steve notou logo que Jaque dissera a Keets ser ele o seu melhor amigo, embora seus mundos fossem totalmente opostos.

A família de Jaque era do Este; o pai, riquíssimo, vivia entre os grandes negócios, em Boston. Já o pai de Steve era um homem modesto, ex-combatente da grande guerra, que lhe roubara a saúde e a mocidade. Sua mãe trabalhava numa agência de Correios de segunda ordem, em Ohio, percebendo um pequeno ordenado, mas que auxiliava o marido. Ao contrário sucedia com a mãe de Jaque, cujo nome aparecia constantemente nos jornais, precedidos de muitos elogios.

*

Depois que Keets se instalou no hotel, Steve se despediu dela, prometendo voltar dali a uma hora, a fim de saírem juntos. Ao se despedirem, ela voltou-lhe um olhar acariciador e sorriu com simpatia. Ele, fora do hotel, sentiu o coração bater descompassado, de tanta alegria estava possuído.

Encaminhou-se diretamente a uma floreira, da onde enviou à amiguinha um belo ramalhete, que ela pudesse usar durante o baile.

De fato, ao baile Keets compareceu trazendo as flores que ele lhe havia mandado:

— Obrigado, Steve, pelas flores, disse-lhe mirando-o nos olhos.

Essas palavras tiveram um profundo efeito. Steve sentia-se levado por uma felicidade com que nunca sonhara.

A princípio ele tivera um certo receio de não agradá-la durante o baile, pois não era um bom danarino. Mas até nisso tivera muita sorte, já que Keets dansava admiravelmente a ponto de contagiá-lo essa faculdade.

Em certos momentos notava que estivera absorto a contemplar a beleza da companheira, e dizia a si próprio:

— Calma, Steve, não se entusiasme tanto. Não se esqueça de que esta moça provavelmente é noiva de Jaque...

Noiva de Jaque... Noiva de Jaque...

Crêis palavras para ele.

Pouco depois, quando ela se ausentou durante uns minutos, Beque Hollis aproximou-se de Steve e dirigiu-lhe umas palavras afetuosas. Steve, que notara a insistência com que Beque olhava para Keets, num sinal de franca admiração, não manifestou surpresa ao saber o seu desejo: — queria ser apresentado a Keets.

Steve, que nunca ouvira palavras cordiais de Beque, compreendeu a causa de sua repentina amizade. Mesmo assim, sentiu uma satisfação imensa.

*

Pouco depois de ter apresentado Keets a Hollis, todos os outros rapazes "importantes" disputavam esse favor. Ela, conhecendo a situação dançou com todos, deixando-os admirados com a sua simplicidade e beleza.

Steve, com isso, ficou contentíssimo; e desejou que Jaque estivesse presente naquele momento para ver o êxito de Keets. Sem dúvida Jaque se sentiria orgulhoso, tanto quanto ele se sentia.

Dansando novamente com ela, ouviu surpreendido:

— Não sabe o quanto o apreciam e admiram os seus colegas, Steve. Eu não esperava encontrar um estudante tão popular.

Ele sorriu e respondeu-lhe:

— A causa de minha súbita popularidade é a sua presença, Keets.

A orquestra tocou uma rumba e Steve encostou-se meio desageitado, porque não sabia dançar. Ela o adivinhou. Levou-o à sala contígua, onde não havia ninguém, e ali executou os passos da rumba. Em seguida lhe disse:

— Vê? É muito fácil, experimentemos.

Ele acertou já da primeira vez. E pouco depois já dansava com Keets, no salão.

— Fale-me de Jaque e de você — pediu-lhe ela.

— Jaque é um grande amigo e ótimo rapaz. Somos amigos desde a infância, quando fomos colegas. Ele era um pouco descuidado do estudo, mas comigo estudava. Passaram-se os anos, cres-

ceмос, e hoje, apesar de separados, nos queremos muito...

Fez uma breve pausa, e disse, finalmente:

— Gostaria imenso que Jaque pudesse vê-la esta noite, Keets.

— Por que, Steve? — Perguntou ela como se tratasse de uma questão importantíssima — Por que?

— Por que crelo que Jaques nunca a viu tão linda como está hoje.

Nesse momento um outro rapaz solicitou a Steve a sua encantadora dama.

Sairam os dois dansando e Steve ainda pôde ver que Keets lhe atirava um beijo com as pontas dos dedos...

*

Steve não podia crer que aqueles momentos eram reais. Tinha Keets nos braços, a girar pelo salão, a rirem os dois, a trocarem olhares significativos.

A orquestra iniciou uma valsa antiga, encantadora e sentimental. Os dois dansaram a valsa, como se fôsem velhos conhecidos.

Depois, retiraram-se. Havia um luar claro e encantador, que batia num lago próximo, dando um reflexo suave.

— Não pode calcular o quanto lhe sou agradecido, Keets; nesta noite eu soube, durante três horas, o que é a felicidade. Nunca saberei ser-lhe devidamente reconhecido, nem a você e nem a Jaque

— Por que não vieram seus pais Steve?

Ele a olhou tristemente e respondeu:

— Uma viagem, para meus pais, é um grande acontecimento. Tem de ser planejada com um ano de antecedência. Explico-me. Meus pais precisam fazer economia durante muito tempo para que possam empreender uma viagem, compreende? Mas, desta vez não vieram porque eu me graduei antes do tempo em que havia projetado... compreende?

Os dois haviam chegado em frente ao Colégio. Ali Keets lhe disse, em voz suave:

— Steve, Jaque me falou das dificuldades que você teve de vencer para chegar ao dia de hoje. Apesar disso, vejo que não é um revoltado; sabe aproveitar os momentos e as ocasiões agradáveis da vida. Por isso, Steve... gosto muito de você. muitíssimo.

Ele estava emocionado. O momento era perigosíssimo. Sentia-se a ponto de perder a cabeça e violar todas as regras da lealdade. Sentia desejos de beijar Keets, de tomá-la fortemente nos braços...

*

Conteve-se a tempo. Não podia trair Jaque,



Moças e Senhoras "Chics"

A "Depilina Sarah" destrói extraindo os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norteamericano, de facil applicação. Faça

seu pedido a F. S. Neves — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro, Cr \$ 20,00 em valor declarado ou pelo serviço de Reembolso Postal. A venda nas perfumarias, Drogarias e Farmacias do Brasil.

seu melhor amigo.

El, confiando em que sua voz não lhe traisse disse:

— Agadecido, Keets — El acrescentou:

— Amanhã, às 9 horas, sai um trem. Permítte que venha buscá-la às 8, para que estejamos mais uma hora juntos?

— Não, Steve, não penso ir-me no trem da manhã. Quero estar presente à cerimônia de sua graduação. Irei no trem do meio dia.

— Sim, eu também seguirei ao meio dia. Mas advirto-lhe que a cerimônia será muito simples. Somos apenas doze a receber o diploma.

— Assim mesmo ficarei, Steve. Não estará presente nenhuma pessoa da sua família. E neste momento é natural que você queira que esteja ali uma pessoa íntima...

— Pessoa íntima... — pensou. De certo quisera ela dizer que, sendo eu amigo de Jaque, também...

Sem saber como, apareceu-lhe em pensamento uma triste cena. Ele, solteiro, visitando o lar feliz de Jaque e Keets...

A imagem não o seduziu. Para se conformar pensou que o tempo faria com que ele a esquecesse, continuando a reconhecer nela as boas qualidades que possuía. (

Na igreja, durante a missa, os dois permaneceram de pé, um ao lado do outro. Ele a observava de soslaio e deixava o pensamento correr:

— Se a vida pudesse ser para mim este momento, este momento prolongado em eternidade. Basta-me estar ao seu lado para me sentir completamente feliz.

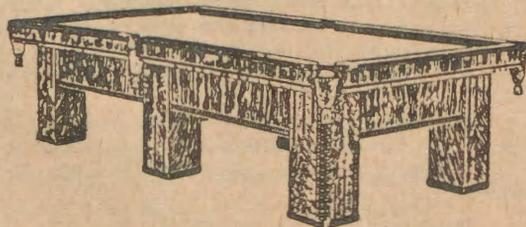
Cantaram o hino em ação de graças. Os dois, mais juntos um do outro, iam num mesmo livro de oração. Steve perguntou a si próprio se

Cia. Brunswick do Brasil S. A. — Rio de Janeiro

FABRICA: RUA SOTERO DOS REIS 13

FILIAIS: São Paulo — Rua Vitoria, 85

Belo Horizonte: — Av. Paraná, 93



MODELO NOVO: BILHARES "ARISTOCRATA"

GRATIS e sem compromisso de sua parte lhe mandaremos o nosso novo e artistico catalogo.

NOME:

CIDADE:

ENDER:

ESTADO:

BANCO DO BRASIL S. A.

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS

Matriz no RIO DE JNEIRO

AGÊNCIAS EM TODAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL E CORRESPONDENTES EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

DEPOSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. 2 %
Depósito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPOSITOS POPULARES (Limite de
Cr \$10.000,00) a. a. 4 %

DEPOSITOS LIMITADOS (Limite de
Cr \$50.000,00) a. a. 3 %

DEPOSITOS A PRAZO FIXO:

Por 6 meses a. a. 4 %
Por 12 meses a. a. 5 %

DEPOSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:

Por 6 meses a. a. 3½ %
Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPOSITO DE AVISO PREVIO:

Para retiradas mediante aviso prévio:
De 30 dias a. a. 3½ %
De 60 dias a. a. 4 %
De 90 dias a. a. 4½ %

Depósito mínimo inicial — Cr. 1.000,00.

LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condições idênticas às do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de câmbio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, à pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- custeio de entre-safra; aquisição de adubos e sementes;
- aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- custeio de criação;
- aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- aquisição de matérias primas;
- reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do país e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte — RUA ESPIRITO SANTO

Keets notava que suas mãos estavam num agradável contacto.

O sacerdote deu a bênção geral, o fim da missa. Então, o reitor do Colégio tomou a palavra e se dirigiu aos presentes:

— Rogo aos candidatos à graduação avancem até aqui.

— Voltarei logo, murmurou Steve ao ouvido de Keets.

E acompanhou os colegas.

Sobre a mesa estavam os diplomas, que representavam, principalmente para Steve Brooks, longos anos de sacrifícios e estudos.

*

O reitor, dirigindo-se aos rapazes, começou a falar:

— O Colégio de Hartnell oferece um prêmio que é a maior honra que um estudante aqui pode receber. É uma medalha, cuja tradicional oferta é feita no final de cada curso. A deste ano é uma especial. Especial por que um dos alunos aqui presentes se fez merecedor, embora quebre a tradição. Medalhas iguais a esta têm sido recebidas em Hartnell por estudantes de todas as classes sociais: ricos e pobres, como prêmio à dedicação, ao verdadeiro estudo e trabalho.

Anualmente, como já disse, o melhor estudante recebe esse prêmio, que é uma retribuição aos seus esforços e sacrifícios. E um desses estudantes encontra-se aqui, entre os doze.

Steve sentiu-se ansioso ao saber que um deles ganhara a medalha.

Novamente a voz do reitor se fez ouvir:

— O estudante que a recebe este ano usou de sua pobreza não como um pretexto para se proteger da obrigação do estudo, mas sim de uma arma para merecer o prêmio. Todos nós já o vimos trabalhando e estudando até altas horas da noite para atingir a meta hoje alcançada. É, para mim, um imenso prazer oferecer-lhe esta medalha. Steve Brooks, aproxime-se...

O reitor olhava simpaticamente para Steve, que se encontrava surpreso. Ele nem havia suspeitado que iria ganhar a medalha, o maior prêmio oferecido em Hartnell. Por fim, obedeceu ao reitor, que lhe disse:

— Esteja onde estiver, leve-a sempre consigo. Parece uma coisa bem pequena, mas seu significado é profundamente grande.

*

Steve desejou ardentemente que seus pais estivessem presentes. Também desejou que ali se encontrasse Jaque, seu melhor amigo. Então lembrou-se de que ali estava Keets. Ao agradecer, emocionado, aos aplausos dos presentes, surpreendeu-o o olhar de Keets, que brilhava. Seus lábios trêmulos se entreabriram num sorriso acariciador. Steve sentiu toda a felicidade daquele momento.

E mais feliz ainda se sentiu quando, depois de receber os cumprimentos, encontrou-se com ela, que estava a esperá-lo, sorridente, satisfeita, como se lhe tocasse grande parte do prêmio recebido por ele.

Caminharam uns segundos em silêncio, embora o olhar de Keets dissesse muitas coisas.

— Steve, quero acompanhá-lo até ao seu quarto...

Entraram os dois no quarto do rapaz, agora sem a mesa e sem as estantes de livros.

— Para ter sempre na memória uma pessoa,

creio que nada é melhor do que conhecer onde tem vivido. Eu não mais o esquecerei, Steve.

Steve pensou, embora não ousasse dizer:

— Lembrar-se de mim? Por que? Não acha que devia ocupar-se exclusivamente de Jaque? E' dele que terá de recordar-se sempre...

— Steve, venha...

*

Estas duas palavras foram pronunciadas por Keets com tal encanto que êle se aproximou dela. Keets tomou-lhe a mão e apertou fortemente:

— Faça-o em lugar de seu pai. Naturalmente, no momento em que você recebeu o prêmio, êle teria feito o mesmo, se ali estivesse. E sua mãe... ela teria feito isto...

Suas mãos seguraram delicadamente a cabeça de Steve, e ofereceu-lhe os lábios frescos.

Êle desejou que a vida se detivesse naquele instante.

Mas um beijo é um beijo. Êle sentia-se triste e feliz. Pensou em dizer a Keets o que aquilo significava para êle.

— Eu também jamais a esquecerei, balbuciou. Mas nunca poderei esquecer-me de que você pertence a meu melhor amigo.

— Que eu pertença a Jaque? — exclamou ela admirada, ao mesmo tempo em que um rubor lhe cingia a face — Jaque... agora recordo...

Ligeiramente nervosa Keets tirou uma carta do bolso da capa e a passou a Steve.

— Jaque pediu que lhe entregasse, se você viesse a pensar que... é melhor que leia.

Êle rasgou o envelope, e abriu um papel escrito, que era a carta de Jaque:

— "Saudações. Você estará gostando da pequena que enviei? Key e eu — Key é a minha noiva — decidimos que em seu lugar fôsse Keets, sua irmã mais moça. Julguei melhor ter como companheira uma moça que não estivesse comprometida, e menos sentimental... Eu recomendei a Keets que nada lhe dissesse até o final da solenidade. Claro que não sei o julgamento dela sobre você. Isso lhe cabe descobrir. Creia-me que gostaria de vê-lo todo embaraçado ao lado dessa bela moça que é perfeição personificada, e que será minha cunhada. Seu amigo Jaque".

Steve não encontrava o que dizer. Com a carta entre as mãos só conseguiu murmurar, emocionado:

— Oh...!

*

CONCURSO LEOPOLDO FRO'ES

O DEPARTAMENTO Cultural da "União dos Treze" da cidade de Marília, no Estado de SÃO PAULO comunica a instituição de um grande concurso, de âmbito nacional, abrangendo comédia, drama e revista, além de cortina rápida, monólogo e poesia, para o aproveitamento de nossos valores literários e maior divulgação teatral, com prêmios que variam de mil a duzentos cruzeiros.

Aos interessados, aquela agremiação envia, atendendo a pedidos, o regulamento do concurso.

ALTEROSA * JUNHO DE 1944

Shangri-Lá

REGIÃO IMAGINADA
POR HILTON NO
"HORIZONTE PERDIDO"
ONDE TUDO É BELO E NINGUEM
ENVELHECE.

Shangri-Lá
MODAS

O recanto maravilhoso da cidade, criado para conservar e realçar a beleza da mulher brasileira, mantem em exposições permanentes
AS MAIS RECENTES CREAÇÕES DA MODA.

EDIFÍCIO MARIANA - SOBRELÓJA "C"

AV. AFONSO PENA, 526

SEGURANÇA DO LAR LTDA.

SALAS 807/809 - B. HORIZONTE

CONCURSO PERMANENTE DE CONTO PROMOVIDO POR "ALTEROSA"

Cr \$ 100,00 ao melhor conto do mês

BASES

- 1.º) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 6 laudas de formato carta.
- 2.º) Motivo nacional.
- 3.º) Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

Além do prêmio em dinheiro, ao melhor conto do mês, serão concedidas menções honrosas aos trabalhos considerados dignos de publicação. Não será devolvido nenhum original recebido para o concurso, ainda que não aproveitado. ALTEROSA reserva-se a propriedade dos direitos autorais sobre os contos premiados e classificados neste concurso.

Correspondência para o Concurso deve ser enviada à Caixa Postal, 279, em Belo Horizonte.

INFIDELIDADE

CONTO DE
CONSTANCE BESTOR

ILUSTRAÇÃO DE
ANTONIO ROCHA

QUE FARIAS TU — perguntou Rosa Maria — se teu noivo se enamorasse de outra mulher?

Ruth não respondeu imediatamente à pergunta que lhe era dirigida. Calmamente tomou o bule que estava sobre a mesa, e encheu as duas chácaras de chá. Fez isto sem ao menos dirigir um olhar a Rosa Maria, evitando, assim, que seus olhos se encontrassem com os dela.

Por que as mulheres fazem tanto empenho em entregar-se às perguntas, constantemente? Isso desagradava a Ruth. E o que mais a irritava era o gesto trágico que a interlocutora tomava ao dizer-lhe: "Que farias tu se teu noivo se enamorasse de outra mulher?". Ela interpretava êsses gestos como se êles quisessem dizer: "Oh! diga-me o que devo fazer. Meu noivo já não me quer. Que atitude seria a tua?"

Outras vezes, era obrigada a ouvir perguntas de tal natureza, proferidas com tanta dissimulação que poderíamos chamar de mórbidas. Aquilo parecia até uma indireta ao seu noivado com Felipe Brahm, que seguia, a despeito das intrigas de que eram vítimas, na mais perfeita harmonia. Ruth, embora exteriormente se mostrasse tolerante às mulheres que vinham lhe fazer dessas confidências repentinas, não deixava de julgar êsses gestos como um recurso psíquico para encher uma vida monótona e insípida.

* * *

Rosa Maria era jovem, formosíssima, de uma dessas belezas para as quais parece que são criadas especialmente tôdas as sugestões da moda.

Estava noiva, e o seu casamento deveria se realizar brevemente com Carlos Blanchard, um dos solteiros mais assediados pelas moças da cidade.

Rosa Maria, vendo que Ruth tardava em lhe responder, insistiu novamente em sua pergunta. Em sua mão luzia um caríssimo anel de brilhantes, presente de Carlos. Ela era eminentemente teatral, embora não suspeitasse que havia sido dotada pela natureza de qualidades excepcionais para o palco. Essa verdadeira qualidade, aliada à sua estonteante beleza, fazia com que todos a admirassem desde o primeiro momento que com ela tivessem contacto.

Ruth olhou-a fixamente e com sinceridade: — Ao lado de Rosa Maria só me resta desejar que meu rosto seja agradável, e que mantenha pelo menos uma expressão simpática e franca...

Mas o que teria acontecido para que Rosa Maria formulasse semelhante pergunta? Em seu caso não podia tratar-se de inveja, pois que era belíssima, rica e por todos admirada... A menos que Carlos houvesse cometido alguma infidelida-



de... Mas isso era impossível. Se fôsse certo que Carlos havia sido capaz de uma infidelidade, como confiar em nobres sentimentos dos outros homens? Além disso, que homem pensaria em outra mulher, estando apaixonado por Rosa Maria?

Ruth não dava com a razão da pergunta de sua interlocutora.

Achando, porém, que devia responder, acrescentou:

— Francamente, querida, não sei que atitude tomaria. Como podemos antever o gesto que devemos tomar se não estamos nessa circunstância? Eu suponho que a medida mais justificável seria a de calma e ponderação, para agir com justiça e sinceridade, e não resolver uma situação tão delicada com um gesto arrebatado que poderia resultar em tardio arrependimento.

* * *

Ruth calou-se, nesta altura e, distraidamente, pôs-se a folhear uma revista que estava ao seu lado. Havia nela algo de peculiar que todos o queriam tomar para confidante. Certamente isso não a agradava. Quando presentia que alguém tentava comunicar-lhe suas "tragédias", ela se encolhia mentalmente, como quem quisesse dar um salto formidável e evadir-se. "Não, não diga nada". Era isso o que sempre desejava dizer às pessoas que iam contar-lhe suas desditas amorosas. Por educação, porém, não se atrevia a pronunciar estas palavras; então, escutava, resignadamente.

O que mais a intrigava era que as pessoas que a tornavam sua confidente sempre pediam um conselho. Mas o que sabia ela da vida para aconselhar aos outros? Não lhe restava outro recurso senão consolar tais pessoas. E se era o caso de uma noiva ou esposa que se lamentava por não combinar com seu noivo ou marido, Ruth dava graças a Deus por essas coisas não ocorrerem entre ela e Felipe.

Rosa Maria deixou a xícara de chá sobre a mesa, chegando mais perto de sua amiga.



— Por favor, Rosa Maria — disse-lhe Ruth, percebendo a sua intenção — não me confies mais nada. Eu sempre tive um conceito elevado a respeito de Carlos e não me seria agradável experimentar uma desilusão tão grande. Não me digas que apenas transcorrido um ano de teu noivado'...

— Mas vamos a ver — insistiu Rosa Maria — Que farias se teu noivo se enamorasse de outra mulher? Que farias?

— Pois... creio que romperia imediatamente — disse, finalmente, forçada a externar sua opinião. — Que outro gesto poderia ter? Mas... não falemos deste assunto...

— Pelo contrário, eu desejo insistir nêle. Dize-me de uma vez para sempre — que farias?

— Santo Céu! — exclamou Ruth para si mesma — Que ocorre? Será que andam atribuindo a Felipe alguma infidelidade? Este pensamento a fez sorrir. O mais provável, para explicar a insistência de Rosa Maria no assunto, é que alguma intriga haja surgido contra Felipe.

Sem deixar de sorrir, respondeu à sua amiga:

— Creio que minha atitude dependeria das circunstâncias.

— Então — disse Rosa Maria, em tom quasi beligerante — as circunstâncias são as seguintes: teu noivo e eu nos amamos.

* * *

Esforçando-se para não perder a serenidade, Ruth deixou cair um torrão de açúcar na sua xícara de chá. Com a mesma calma bebeu o chá, tratando de concentrar seus pensamentos. Sentia-se como uma atriz que, no momento, havia se esquecido do papel que representava.

— Como o sabes — perguntou, finalmente.

— Como o sei, essa é boa! — respondeu Rosa Maria, como se a pergunta a houvesse ofendido — Há já dois meses que nos queremos.

— Diga-me, estarás tentando passar-me um

trote? Se é isso, escolheste com muito mau gosto...

— Crês que brincaria com semelhante assunto?

E assumindo uma atitude dramática, acrescentou:

— Oxalá isso não passasse de uma brincadeira. Mas é a realidade.

Depois de uma pausa, durante a qual Rosa Maria não abandonava a sua atitude cinematográfica, Ruth falou:

— São coisas que acontecem... Por que não? Agora não sinto nada, senão um frio na espinha, mas...

— Felipe ia explicar-te a nossa situação, hoje à noite. Eu quis, porém, advertir-te antes.

— Por que? Acaso temias que êle não tivesse coragem suficiente para me fazer ciente de tudo?

— Não, não se trata disso. Pelo contrário, êle quis tomar tal atitude desde o princípio. Foi eu quem o impediu. Sei que fiz mal, e por isso te peço perdão. Temos sido boas amigas, Ruth, e ficaria sinceramente contrariada se nossa amizade terminasse por isso. Espero que reconheças que essas coisas não dependem de nossa vontade, que é algo que não podemos evitar. Recordas-te do dia que fizemos um pic-nic em Southcliff? Foi então que soubemos que nos amávamos.

Ruth se recordava muito bem daquele dia. Rosa Maria e Felipe tinham ido passear na praia, enquanto ela e Carlos se distraíam, falando de vários assuntos.

Fazendo um esforço para não perder a calma, perguntou:

— E que satisfação darás a Carlos? Já o fizeste ciente do que se passa?

— Sim, ontem mesmo lhe contei tudo, mas êle já sabia...

As mãos de Ruth apertaram nervosamente a

POÇOS DE CALDAS

é centro de um círculo com 18 municípios mineiros e 11 municípios paulistas, possuindo:

720.000 HABITANTES

25.000 FAZENDAS e SÍTIOS

3.500 CASAS COMERCIAIS

120.000 CASAS RESIDENCIAIS

As maiores jazidas de bauxita já conhecidas
As únicas jazidas de zirconio do mundo
Rica e prospera lavoura de cafés finos, algodão, frutas, etc..

UMA REGIÃO RIQUISSIMA, AO
ALCANCE DAS ONDAS DA

Radio Cultura de Poços de Caldas

PRH 5

A MAIOR PEQUENA EMISSORA DO BRASIL

que acaba de oferecer aos seus milhares de ouvintes magníficos programas com ZÉ FIDELIS, GRANDE OTHELO, TRIO DE OURO, GAROTO E NELSON GONÇALVES.

chicara de chá. O seu esforço todo, naquele instante, era dirigido no sentido de se conter e não deixar-se dominar por um histerismo inútil.

Rosa Maria mostrava-se mais serena depois que fizera a confissão.

— Vamos, Ruth... não deixes que isso te acabrunhe. Estás tão abatida!...

— Que queres que te diga? Não esperas que eu te odeie. O que reprovo é simplesmente teres evitado que Felipe me pusesse ao par do que se passava. Creio firmemente que me era reservado o direito de sabê-lo por uma satisfação pessoal de parte de Felipe.

— Oh!... — exclamou Rosa Maria, perdendo a serenidade — Eu...

Ruth a interrompeu:

— Vem visitar-me amanhã. Vem perguntar-me o que faria se meu noivo amasse outra mulher... Então poderei responder...

* * *

Rosa Maria ficou surpresa ante as palavras que ouvira. Sorrindo desdenhosamente, retirou-se sem dizer uma palavra sequer.

Ruth achou que não devia resolver nada com precipitação. Não devia pois, atirar-se aos pés de seu amado Felipe, quando ele assomasse à porta. Ela o havia convidado a ceiar em sua companhia, naquela noite. Por isso, pôs-se a pensar como deveria se conduzir para não dizer nada que pudesse mais tarde ser motivo de lamentações.

Decidida a manter-se dona de si mesma, e a julgar com prudência o momento mais crítico de sua vida, Ruth foi preparar-se para esperar o noivo infiel. Demorou mais tempo ao toucador do que costumava dispender para o seu penteado e

maquillage. Deveria mostrar-se o mais atraente possível. Mas, no estado em que se encontrava seu coração, deixou-se dominar pelo desalento. Atirou-se ao sofá e não impediu que suas lágrimas corressem à vontade. Conteve-se, por fim, e retornou a fazer as ajuizadas ponderações de que não devia precipitar-se nos seus atos ou gestos. Dentro de uns minutos chegaria Felipe. Talvez tudo não passasse de uma invenção de Rosa Maria. Se assim fôsse, aquela noite esria como todas as outras anteriores. Ele jantaria com ela, enquanto ela preparava uns coquetéis, pediria a Felipe:

— Querido, queres ver se o assado do forno já está bom?

Mas não pôde deixar de sentir-se amargurada ao pensar que desde o dia do pic-nic a South-cliff éle a enganava. Fazendo-a crer que ainda a amava, e que ela era a única mulher que ocupava a sua vida. Como era cruel o sofrimento que lhe impusera Felipe. Ela teria jurado, momentos antes, que éle seria incapaz de uma falsidade.

Antes d'isso, para Ruth, seria fácil que as montanhas desaparecessem, os mares secassem, mas seria impossível a falsidade do amor de Felipe.

* * *

Ruth foi atender o telefone. Com o coração palpitando, levantou o auricular. Era Felipe.

— E's tu, Felipe?

— Sim, Ruth. Quero avisar-te que não poderei ceiar contigo. Tenho um compromisso urgente. Irei ver-te mais tarde.

Mantendo-se calma, respondeu:

— Está bem, Felipe, não tem importância... Em qualquer outra ocasião, ela teria manifestado aborrecimento. Mas, agora, naquela situação, tornava-se hipócrita com a maior facilidade.

E' claro que Felipe havia prometido ir vê-la, mais tarde. Primeiro ceitaria em companhia de Rosa Maria, e logo iria visitá-la para dizer-lhe que não podiam continuar naquela farsa.

Desligando o aparelho, encaminhou-se para a cozinha, a fim de apagar o gás. Voltando à sala, acendeu a estufa elétrica; e na solidão em que estava, esperava conseguir articular os seus pensamentos.

Teria Felipe beijado a Rosa Maria? Ora, claro que sim! Era uma tolice de sua parte pensar em semelhantes coisas. Sem dúvida éle a teria beijado muitas vezes. Até pareceu ouvir a voz de Rosa Maria — "Sim, Ruth, o primeiro beijo que me deu foi no dia em que soubemos que tínhamos nascido um para o outro".

Ruth era levada por estes pensamentos, quando alguém bateu à porta. Julgando a princípio que fôsse Felipe, correu a abri-la. Mas essa ilusão logo se desfez; era Carlos Blanchard.

Carlos, à primeira vista, mostrava logo que era um homem honesto, nobre e de coração de pérola. Além disso, muito inteligente. Ruth o conhecia desde a mais tenra infância. E ao seu lado sentia-se, pois, à vontade, dada a intimidade que havia entre eles. Carlos era um verdadeiro amigo.

Éle foi lhe dizendo:

— Rosa Maria acaba de telefonar-me para dizer que não poderá ceiar comigo, conforme tínhamos combinado. Disse-me que tinha de acompanhar a... Felipe. Por isso, e pensando que estivesses sozinha, vim perguntar se me aceitas à tua mesa...

— Poderias ceiar melhor num restaurante, Carlos, mas se aceitas uns pratos frios, terei satisfação em ceirmos juntos.

* * *

Depois de terem feito uma leve refeição, vol-

Fixa, tonifica e dá novo brilho ao cabelo

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo

taram a sentar-se na sala. Ruth perguntava a si mesma se devia ou não tocar no assunto que dizia respeito a ambos. Qual a finalidade de sua visita, tão de surpresa? Não seria outra senão aque-

la...

Com efeito, Carlos foi o primeiro a falar:

— Esta tarde Rosa Maria me devolveu o anel de noivado, de forma que rompemos o nosso compromisso. Parecia que tinha empenho em se livrar de mim. Disse-me que esta noite teria um encontro com Felipe, e que se amavam, e que eles iriam resolver a melhor maneira de pôr-te ao par dos acontecimentos.

— No entanto parece que ela não pôde esperar até a noite... — disse Ruth, sensivelmente amargurada — Já esteve comigo e me pôs ao par do que se passa... Pensam em casar-se?

— Ela me disse que sim...

Mas isso era impossível. Era impossível que Felipe tomasse aquela atitude, êle, que tantas promessas de amor lhe havia feito. No entanto, ela ainda levava no anular o seu anel de noivado. Mas um anel era coisa que se podia tirar ou colocar com a maior facilidade, embora ela estivesse resolvida a não fazê-lo nunca. Queria conservar aquele anel, símbolo de sua união espiritual com Felipe.

* * *

Dirigindo-se a Carlos, perguntou:

— Que pensas fazer?

— Eu? Nada.

— Pois sou de opinião contrária à sua.

— Mas o que vais fazer?

Ela mostrou-se admirada da sua pergunta.

— Carlos, como podes consentir que te roubem a mulher que amas, sem lutar para conservá-la?

Ele respondeu com simplicidade:

— Não Ruth, Rosa Maria não é a mulher que eu amo. Eu sempre... és tu a mulher a quem eu amo, Ruth. Amo-te há muito tempo, e há anos espero uma oportunidade para dizer-te. Felipe tomou a dianteira... Êle é meu amigo, logo não me restava outro recurso senão renunciar-te para sempre. Conheci Maria... sua beleza me fez crer, por um momento, que a pudesse amar. Talvez a tenha amado, mas à medida que a fui conhecendo, o meu sentimento foi desaparecendo. Eu te confesso com toda a minha sinceridade, o nosso rompimento longe de constriar, proporcionou-me satisfação que há muito não experimentava, uma sensação de alívio...

• — Carlos! — exclamou Ruth.

— Sei que o momento não é próprio para declarar-te o meu amor, Ruth. Mas quero que saibas que a situação me obrigou a fazê-lo. Sei que és sincera nos teus sentimentos, e que não esquecerás facilmente ao homem a quem amas. E' apenas isso o que me preocupa: saber que sofrerás pela ingratidão de outro; não sei como Felipe pode ser inconsciente para deixar-te em troca de uma mulher infinitamente inferior a ti. Vou contar-te uma coisa que te surpreenderá: Rosa Maria já sa-

bia de meu amor por ti. Um dia, ao tirar uns papéis do bolso, em sua casa, perdi um deles, no qual estava um soneto, Ruth. Eu também tenho tido meus momentos de poeta enamorado e romântico; e num desses momentos tinha escrito o referido soneto, que era uma fiel declaração de meu verdadeiro amor. Cheia de rancor, Rosa Maria decidiu vingar-se; e não podia conseguir uma vingança melhor do que te roubar Felipe.

— Então... ela não ama Felipe?

— E' possível que agora o ame... mas só te exponho os motivos que me levaram a declarar-te o meu amor.

— Então, todas as vezes que Felipe me avisava de que não podia visitar-me é porque... Diz-me, é verdade?

— Não sei. Não poderia informar-te de mais nada. Deves perguntar a êle mesmo.

Ruth não mais conteve as suas lágrimas.

Depois de voltar à calma, tomou uma imediata resolução.

— Carlos, voltarei para junto de minha mãe. Eu vim para a cidade afim de trabalhar, mas já que não posso continuar aqui, deixarei a cidade. Queres levar-me até a estação?

O mundo medico atesta:

BRONQUITE?
TOSSE?
ROUQUIDÃO?
FRAQUEZA PULMONAR?

PHYMATOSAN

The advertisement features a central illustration of a doctor with glasses and a white coat, smiling and writing in a notebook. To the left of the doctor, four speech bubbles contain the words 'BRONQUITE?', 'TOSSE?', 'ROUQUIDÃO?', and 'FRAQUEZA PULMONAR?'. Above the doctor, a large speech bubble contains the text 'O mundo medico atesta:'. Below the illustration, the brand name 'PHYMATOSAN' is written in large, bold, capital letters.

— Estás segura de que desejas mesmo partir?

— Mais do que segura, Carlos. Sinto-me como se tivesse envelhecido 10 anos...

— Nesse caso deves partir. Lá poderás pensar no assunto com mais calma. Creio que Felipe não é culpado...

— O que mais desejo é não continuar pensando neste caso. Não faço outro juízo de Felipe senão o de que é ele culpado, pois era seu dever dizer-me a verdade, desde o primeiro instante que procurei Rosa Maria.

Ruth, embora chorando continuamente, arrumou toda a sua roupa. Avisou ao criado que cuidasse do apartamento, pois ia viajar. Vestiu o capote de lã e tomou a direção da porta, ao lado de Carlos.

* * *

Felipe apareceu-lhe, naquele momento. Estava cabisbaixo e abatido.

Encarou-os como se naquele momento tivesse desperto de um profundo sonho. Com voz sumida e rouca, dirigiu-se a Ruth:

— Que fazes? Aonde vais?

— Felicitarte pela tua atitude, Felipe e deixar-te o campo livre para...

— Espera, Ruth! Eu...

Carlos o interrompeu, desculpando-se e pedindo licença para se retirar.

— Não, Carlos — disse Ruth — peço-te esperar-me. O que tenho que dizer a Felipe pôde ser dito na tua presença.

Ruth estava calma e intimamente agradecida parecer tão insensível à situação aos olhos de Felipe, por quem, momentos antes, verdadeira rios de lágrimas.

— Ruth, rogo-te, imploro-te que me ouças por um momento apenas. Rosa Maria acaba de dizer-me que... Ela não devia ter tomado tal atitude. Era eu quem devia dizer-te.

— Sómente agora é que lembras de teu dever? Tiveste dois meses para dar tuas explicações, em vez de enganar-me como o fizeste...

— E' que... não podia dizer-te, Ruth. Eu mesmo não sabia o que desejava. Mas peço-te, rogo-te, suplico-te que me dês uma oportunidade para provar que te amo. Rosa Maria me disse que foi por vingança que lhe falara a respeito do... Compreendí, no momento, com quem estava tratando. Compreendí então que nunca a havia amado!...

Ruth encarou Felipe, com seriedade.

— Agora é muito tarde, Felipe.

— Mas entre Rosa Maria e eu tudo terminou, Ruth...

— Também entre nós já não há mais nada, Felipe, peço-te o obséquio de acompanhar-me até a estação.

Felipe a olhou em silêncio, admirado e sem saber o que fazer. E numa voz perdida, respondeu:

— Está bem, Ruth; se assim o queres...

Carlos e ela retiraram-se. Felipe seguiu pelo passeio, a passos vagarosos.

* * *

Quando Carlos punha o automóvel em movimento, Felipe desaparecia na primeira esquina.

— Ruth, creio que cometes um erro; êle está sinceramente arrependido.

— Felipe se mostra tão abatido porque soube que Rosa Maria não o ama verdadeiramente. Seu amor próprio está ofendido, pois reconheceu que não passou de um brinquedo nas mãos dela.

Passado um curto silêncio, Carlos voltou a insistir:

— Ruth... não crês que seria melhor voltarmos e procurar Felipe?

— Não, não — respondeu — Creio que devo seguir o meu caminho... Depois de passadas umas semanas já não sentirei o golpe que acabo de sofrer. Então, se quizeres visitar-me, te serei conhecida. E quanto à tua declaração... Carlos, se algum dia eu pensar em amar alguém, esse alguém só poderá ser Carlos Blanchard.

Carlos sorriu-lhe tristemente, como se agra-decesse ao que ela acabava de dizer.

— Não, Ruth, eu não quero ser esse alguém... As pessoas como tu só podem amar uma vez, assim como eu. Ainda sei que amas verdadeiramente a Felipe, e não consentiria que seguisses a um arrebatamento...

Ruth não ouvia bem o que êle dizia, pois estava abstraída nos seus próprios receios. Que direito tinha de exigir de Felipe uma conduta a que todos os homens são sujeitos a transigir? Ela se reconhecia como uma noiva compreensiva e tolerante. Felipe havia cometido uma infidelidade. Se não o perdoasse cometeria inegavelmente um pecado por falta de lealdade. Não para com Felipe, mas sim pelo seu amor. Felipe, o homem, tinha, como todos os outros, os seus defeitos e estava exposto a cometer erros. Mas o amor de Felipe, depois de atravessar tão rude prova, a que acaba de submetê-lo a maldade de Rosa Maria, seria mais intenso mais puro e mais experiente. O amor de Felipe tinha, pois, direito ao seu perdão.

— Carlos — disse Ruth, repentinamente, com voz débil — regressemos!

* * *

Carlos compreendeu logo quais eram as intenções de sua amiga. Voltou o carro pela rua em que residia Felipe.

Ruth, ainda mais desconcertada, perguntou-lhe:

— Sabias que eu ia perdô-lo, não?

— Sim, Ruth, para te' dizer a verdade. E' justamente êsse sentimento nobre que te anima que mais admiro em ti...

Chegaram à entrada do edificio em que Felipe tinha o seu apartamento. Carlos abriu a porta do automóvel para que ela saísse. Ruth não se conteve — abraçou-o ardentemente e deu-lhe um beijo de reconhecimento por sua lealdade. E quando ela se dirigia para o edificio, ouviu o ruído do motor do automóvel, que se afastava.

Na janela do quarto de Felipe havia sinal de luz; isso queria dizer que êle estava ali. Talvez estivesse sofrendo com a perda irreparável do seu amor. Esse pensamento fez com que Ruth chamasse impacientemente o elevador.

Quando chegou à porta do quarto, bateu nervosamente:

— Quem é? — perguntou a voz de Felipe, num acento que comoveu Ruth.

— Sou eu, Felipe, sou eu, a tua Ruth...

* * *

SEMPRE...

Quer de noite, quer de dia,
sob o sol ou sob a lua,
és toda minha alegria,
vejo sempre a imagem tua!...

LUIZ OTÁVIO

A falta de uma flor

ÀS VEZES, a falta de pequeninas coisas em nossa vida nos perturba mais do que as grandes. Uma velha abotoadura que desapareceu não se sabe onde, um insignificante anel sumido, uma bolsinha de níquel que nos acompanhava há muito tempo, e que se perdeu de uma hora para outra, qualquer objeto sem importância aparente que esquecemos em algum lugar, enfim uma simples coisa à-tôa, nos põe logo em estado de verdadeira inquietação, de sincero aborrecimento por várias horas. Sentimo-nos por isso um pouco infelizes, tristes mesmo com a ingratidão da vida.

A razão é que costumamos transmitir aos objetos que nos servem, a parte emotiva de nossa alma, a parcela de nosso egoísmo sentimental. Eles nos beneficiam com muda obediência, com paciência inorgânica e é da natureza humana gostar de ser passivamente servida ou obedecida. Tudo o que possuímos amolda-se a nós e quase nunca nos é hostil, ao contrário, justamente do que acontece com seres ou com os nossos semelhantes. Verdade que uma vez por outra, em casos bastante raros, uma gavêta se emperra, um sapato teima, uma gravata se obstina, e então nós nos desatinamos, entregamo-nos a impulsos irracionais. Mas, examinando bem, a culpa nessas ocasiões é só de nossa pressa ou impaciência, de nossa desigualdade conosco mesmo, em contraste com a igualdade pacífica das coisas. E' nosso erro, e o descarregamos contra aquilo que não provocou o engano, como é de regra na vida do homem. Paga o justo pelo pecador, quase sempre. Entretanto, tais exceções servem de confirmar a regra, segundo a qual a nossa alma, a nossa personalidade vive na disposição costumeira de tudo o que nos cerca. E' por aí vemos a importância e influência da casa sobre cada um de nós, e principalmente dos objetos existentes nela. Ela deve ser o espelho de nossas predileções e, tal como o ninho para as aves, convém que se ajuste ao gosto, ao sentimento e à vocação de quem a habite e nela viva. E' de toda importância que assim seja. Boa casa é a que se parece com o seu dono ou, mais exatamente, com

a sua dona, que é a feiticeira de seu ninho. A mulher precisa de ser artista, de cultivar e apurar o gosto artístico, não tanto para escrever ou pintar ou tocar piano, como para espalhar o temperamento dentro de sua casa.

Nisto é que está o seu poema. E ao praticá-lo ou traduzi-lo, torna-se dominadora e pacificadora ao mesmo tempo, e este é o seu destino. A arte assim vivida, assim praticada, se exprime pelo senso da graça e pelo amor da ordem. A ordem, como a sombra, disse um psicólogo, anda com a própria pessoa. Ela felicita o lar pela alegria. O sentimento de propriedade, que nos leva a pôr cada coisa em seu lugar devido, é uma necessidade da estética. Coisas desbaratadas, revolucionadas, desproporcionadas fazem mal aos nervos e têm a força de inquietar. Porém, a ordem dos objetos não pode ser geométrica, antes deve seguir a regra do espírito de finura. A geometria é inimiga do gosto. A simplicidade na ordem é o ritmo desta, criando um poder de sugestão, que se chama poesia. E' assim que muitas vezes uma sala é receptiva e sugestiva ao mesmo passo, e tal atração advém de que foi disposta por um espírito criador, que se esconde na negligência da graça.

Há muitos anos que uma criatura tem o costume de colocar em nossa mesa de trabalho um vaso com uma flor, uma flor só. Este gesto ao parecer insignificante vem exercendo sobre o nosso temperamento uma influência extraordinária, definindo-se sobretudo como fator de tranquilidade íntima, como elemento de direção poética, de calma no trabalho.

Agora, esta pessoa irá constituir outro lar e, com as naturais preocupações em tal sentido, tem-se esquecido às vezes de conceder-nos a presença inestimável da flor de cada dia.

Essa falta é que nos deu a sensação da importância e do valor do ato antigo. E isto só nos põe triste, aborrecido, como que abandonado dentro do silêncio da vida.

Nossa melancolia é a carência dessa flor...

Alberto Olavo

PROUST E A BELEZA FEMININA

VIVALDI MOREIRA

PARA "ALTEROSA"

OS GÊNIOS essencialmente criadores como foi o caso de Marcel Proust merecem que se lhes estudem até as suas minúcias. Alguém já experimentou falar sobre a influência do telefone na sua obra. Nós pretendemos falar da beleza feminina.

Ao longo de "A la Recherche du Temps Perdú" poder-se-iam traçar muitas filosofias, pois Marcel Proust foi na ficção do XX século o que Henri Bergson o foi na metafísica. Uma delas seria a filosofia da mulher feia.

Proust não amava a mulher bonita. E' muito "visível", e repugnava seu temperamento perscrutador de sutilezas. A visão linear obscurece a visão interior, introspectiva, do objeto. Preferia a feia, pois nela o homem inteligente — e só o inteligente — é capaz de descobrir encantos.

As belas devem ser — e quase sempre efetivamente o são — propriedades de indivíduos sem imaginação, de escassa vida mental, superficiais, isto é, incapazes de penetrar no sub-solo das almas para descobrir nelas o que ali existe de verdadeiramente sedutor. O temperamento burguês ama a estabilidade como uma lei da economia individual. E' certo que todos a amamos, não com tanta afoiteza e capaz de fazer succumbir o que há em nós de mais vital e positivo — para dar lugar ao que é supinamente arifical e falso. Entretanto, a beleza é essa execrável estabilidade no sentido que a empregamos aqui. (Em se tratando, porém, de beleza feminina, na realidade, nada tão mutável e inconstante...) Estabilidade, porque se acha à flor dos olhos, não carece de pesquisas e subterfúgios. Vêmo-la, e é o que basta. Uma bela mulher é uma bela mulher, como diria Gertrude Stein, a romancista inimiga das definições. Afinal, é coisa que não precisa de definição. Vê-se sem esforço. Há cânones de bom gosto, mas quando se nos apresenta um belo tipo, todos estaremos acordados em que o tipo é mesmo belo e não se exige confronto com a Venus de Milo.

Proust, talvez por ser genial, não pintou uma só mulher bela nos seus volumes. A beleza não

precisa de ajuda do escritor. Uma só frase com um pobre adjetivo e estará pronto o retrato. Ele, como homem de imaginação, foi descobrir nas suas heroínas algo de mais duradouro que a beleza física, por si só tão exigente em se enfeitar mais. Os embelecios e arrebiques são a mesma salvação das mulheres belas. Mas um geito no penteado, mais um toque de rouge nas faces, mais um penúrculo na carninha gorda da orelha (os anatomistas chamam de lóbulo) sem o que as *jeunes filles en fleur* não poderão sair à rua, ir ao cinema.

Mas, uma inteligência inquieta, um temperamento sôfrego, uma aguda curiosidade intelectual, exigem do escritor talento. Do homem que ama ou quer amar, exigem sobretudo estar à altura de tais sentimentos. Estar à altura não é o mesmo que satisfazer pecuniariamente os caprichos da mulher bela. A mulher espiritual coloca a beleza em plano secundário. Póde até ser bela, mas acidentalmente. O que ela preza acima de tudo é o entendimento claro e a inquietação especulativa.

A darmos razão a Proust, o que acontece é evidentemente o seguinte: os indivíduos vazios, gozadores da vida, de instintos puramente animais, preferem as mulheres belas. E há aí um tropismo correspondente. Ligam-se geralmente. E, ao inverso, os intros-



Marcel Proust, em 1922, ano de sua morte

pectivos vão descobrir mundos imaginários nas feias. Será então o gênio da espécie de Schopenhauer?

Proust, esse rei da nuance psicológica, vai assim quase nos obrigando a erigir sua ficção em teoria filosófica, ou, quando menos, em lei biológica.

Em "Un amour de Swann" apresenta-nos Odette, uma criatura sem beleza, vulgar até, que acaba por dominar completamente Swann, um judeu cultíssimo, acostumado à alta roda, colecionador de "bric-à-brac" e admirador de Botticelli. O que o faz endoidecer por Odette será justamente uma certa similitude desta com a figura de Zéfora, um afresco de Botticelli, na Capela Sixtina. Eis aí o elemento intelectual agindo e sobrepujando o espontâneo, vital, elementar. Um simples toque no nariz tem feito muita moça moderna sócia de Cleopatra...

Swann, de certo um pouco de Proust, não sabe o que o prende àquela mulher tão sem atrativos visíveis. Aiegra-se, porém, quando encontra a chave do enigma, êle, um homem culto e inteligente: — Ora! Uma criatura que inspirou Botticelli não poderá deixar de me impressionar também! Não vai nisso, porém, nenhum servilismo pela arte do florentino, nenhum snobismo artificial. E' a pura expressão emocional. Ele já a amava antes de conhecê-la. Amava-a através de Zéfora, a filha de Jetro, pintada por Botticelli. Tudo isso Proust nos obriga a supor para descobrir o amor de Swann por Odette. E aí temos o Império das feias. E' claro que a natureza terá de usar artimanhas.

Que faria ela dos "maus elementos", isto é, das criaturas sem beleza? E o pobre Swann, numa frase profundamente definidora, dirá mais tarde, quando já libertado do amor: — "J'ai voulu mourir pour une femme qui n'était pas mon genre".

Eis o destino de muitos homens: morrer pela mulher que não é seu tipo...

O outro aspecto interessante que Proust nos revela é o do chamado da primeira impressão, com

aquela sua profundidade na minúcia psicológica que nos assombra.

Em "A l'ombre des jeunes filles en fleur" domina a figura de Albertine cujo primeiro encontro com Marcel é numa praia, carregando uma bicicleta. O herói não sabe explicar a si mesmo porque se enche de amor por ela. Imediatamente, uma outra Albertine, ser inteiramente subjetivo, começa a tomar conta do espírito do herói. E Proust então se delicia no descrever os estados intermediários, à maneira fisiologista, que vão sucedendo na elaboração "Dés ce premier jour, je compris quel tour de muscade avait été parfaitement exécuté, et comment j'avais causé un moment avec une personne que, grâce à l'habilité du prestidigitateur, sans avoir rien de celle que j'avais suivie longtemps au bord de la mer, lui avait été substituée". Realmente, acontece muito disso na vida. Quantas vezes se é levado pelo primeiro impulso, por uma circunstância fortuita e absurdamente inexplicável, a amar uma criatura que, no final de contas, não é a mesma que se viu pela primeira vez? Mas o prestidigitador somos nós mesmos. Nós é quem substituímos o ser real pelo ser criado pela imaginação.

Esse meridional, gaulês pelo gosto refinado e, pelas tendências espirituais um anglo-saxônico, que foi Ramalho Ortigão, jamais suportaria a opinião de Proust. Ramalho era detentor de um padrão estético exclusivo, absorvente, desumano mesmo quando se tratava de beleza feminina. E não raras vezes dele nos lembramos ao percorrer as páginas de Proust. Um folhetim das "Farpas", escrito em setembro de 1885, sobre a cidade de Viana do Castelo, destina um tópico à beleza das mulheres, ao que nos parece, a sua doutrina sobre a matéria. Afirmava êle então "que a mulher plenamente feia é uma calamidade social. Ela é a deshonra da sua raça, o eterno ridículo de seu marido, a tristeza de seus irmãos, a humilhação de seus pais..."

Concluir-se-á da predileção de Proust pelas mulheres feias nada mais, nada menos do que a autoglorificação do intelectual, vendo Helenas em todas as mulheres, ao passo que os homens sem imaginação exigem sempre a trivial realidade...

Mas, o admirável poeta que é Nilo Aparecida acaba de pôr num formoso e delicado soneto esse

ALTEROSA * JUNHO DE 1941

JOSE CARUSO



DUAS FORMULAS DIFERENTES para dois males diferentes

2 FORMULAS
DIFERENTES
PARA 2 MALES
DIFERENTES



De acordo com os imperativos da razão, da ciência e do bom senso:

N.º 1: Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras atrasadas, suspensas, deminuídas e suas consequências.

REGULADOR XAVIER

REMEDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

sentimento estranho e indefinível que é o amor pela mulher feia:

"Talvez, por não ser linda, ela

[trazia
Uma rosa na trança... e, assim,
[Consuelo,

A-pesar-de feia, me prendia:

— Eu namorava a flor do seu
[cabelo..."

Ora, afinal, todos nós, mais ou menos, vivemos a namorar flores nos cabelos das mulheres...

* * *

SÃO JOÃO

Junho. No céu nenhum balão cintila.
A mística dos fogos é bem pouca.

Nas coisas, incontida, uma ânsia louca
Que a um tempo me conforta e me aniquila.

VeZ por outra, na noite, eis que sibila

O foguete de um beijo em tua bôca.

EDGARD REZENDE

O HOMEM DAS LUZES

MURILO ARAUJO
PARA "ALTEROSA"

enigma das coisas e pôde bem cêdo realizar sua primeira invenção — um novo foco de esplendor elétrico... porque a luz continava a ser a obsessão de sua vida.

Sem amparo e sem forças, sem a esperteza prática e o cinismo que hão de ser sempre as asas dos medíocres — com dificuldade conseguiu vender, por um preço irrisório, o invento que criara, a um mesquinho, que obteve com ele o ouro e as honras que roubara ao autor...

E continuou paupérrimo, no estudo, laborioso e anônimo como dantes.

Então, a revolta fez espuma em sua alma...

E pensou na crueldade dos tempos, na odiosa partilha das riquezas, na exploração dos perversos e patifes a quem a audácia deu os destinos mais altos... Pensou nos ladravazes políticos, nos industriais que falsificam e fraudam, nos banqueiros a roer com esgares de lobos juros altos na miséria dos simples... Pensou nos filhos da opulência dissipan-

do na orgia e no ócio fortunas ganhas com o suor de cem homens... e nos filhos dos proletários, enfermijos e físicos, com as mãozinhas rachadas de labor junto dos fornos das vidrarias...

E a revolta cresceu, cresceu como espuma em sua alma...

Quando agora o homem das luzes meditava pelos ermos, à noite, de olhos postos na visão, ao longe, da vida, não via mais as boas lâmpadas tão claras, que iluminavam o vóo de seus sonhos. Pousava os olhos nos fanais dos portos, nos navios, no ardor sangrento das fábricas, nas fornalhas de cada geêna onde o homem em ânsia labuta pobremente, rudemente, torturadamente...

Sentiu-se pois irmão dos fracos, dos pequenos, dos explorados de toda hora e toda terra...

Quis nobremente lutar com eles; defendê-los, esclarecê-los com a sua sabedoria... E buscou as ligas e assembléias operárias onde se debatiam angustiosamente para solver os seus destinos...

Mas os pobres o acolheram sem fé... prevenidos, desconfiadamente. Pelos seus gestos e maneiras julgaram-no injustamente algum intruso e confundiram-no com os politiquinhos hipócritas; tomaram por vã nobreza aristocrática a generosa elevação de seu espírito. E os operários repeliram-no...

Conheceu então as horas dos sóos — essas horas mais vazias que saaras, mais geladas do que as estepes... horas tristes como cumes de gelo, entre golfoes, sem fundo, de silêncio...

Todos os homens pelo vasto mundo possuíam um círculo de amor. No instante em que os nababos opulentos palestravam nos terraços em flor, no tejupar dos pobrezinhos trocavam-se também sorrisos, junto à terrina fumegante. À luz da noite as mãos se uniam tecendo em trama de ouro a amizade e o amor... e as crianças beijavam-se no regaço das mães ou das velhas avós maternais...

Ele era só...

Exaltou-se pois o asceta e viveu consigo, em companhia dos fantasmas de sua alma...

A sabedoria foi sua única amiga. E foi guiado pela sua mão, que pôde chegar à grande descoberta que devia ser sua conquista maior. Imaginou um processo

(CONCLÚE NA PAG. 44)



QUANDO ainda no berço, chorava pedindo em grandes gritos, a luz... E que alegria quando as senhoras da casa, debruçadas ao cestinheiro de vime, erguiam as lâmpadas acesas, que o envolviam em tons gloriosos para o seu deslumbramento! Sorria então com o sorriso rosado de suas primeiras horas no mundo; e adormecia depois num sonho de serenidade perfeita.

E cresceu assim na obsessão da luz.

Nos tempos do colégio adorou a lanterna mágica, os balões, os fôgos de artifício — tudo que fosse ardor, chama viva, palpitação luminosa...

E, quando moço veio enfim de seu torrão, de um vilarejo campestre, para o vórtice dum grande centro urbano — a cidade o empolgou principalmente pelo esplendor milagroso de suas luzes.

Oh! a impressão inesquecível da chegada naquele país de contos mágicos! O trem zoando em turbilhões de chispas, rompia pelos serros e as várzeas; e de repente surgiu da sombra, num prodígio, um panorama iluminado. Era como um jardim de estrelas, longínquo e em glória, no veludo noturno... E o comboio aproximando-se, brotaram crescendo ruas e praças. E aos seus olhos em êxtase, atônitos, entre as vigias do vagão começou a dança fantástica dos lampadários silenciosos. E aos seus olhos em êxtase, pareciam aves de ouro, voando em rondas, traços trêmulos enfiando colares — um divino cosmorama de joias...

E ele amou desde então a cidade linda, com uma lágrima ardente no coração... Só mais tarde compreenderia, surpreso, que cada luz era às vezes um círio, um círio votivo pela miséria, a morte, a dor!

Formou o espírito na cidade acesa, errando, à noite pelas praças mortas que ardiavam em silêncios fulgurante... E adorou tão vivamente as luzes, que elas entraram em seu coração; e o moço abrasado, feito homem, fez-se ainda um homem de gênio.

Do gênio teve a angústia amarga, o orgulho triste dos humildes, a pobreza dignificadora e ignorada...

E fez da vida um longo estudo; e devorando os livros que adquiria com sua bolsa exígua de pobre, sacrificando às vezes o custo do jantar — aprofundou o

A "SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES"

tem o prazer de comunicar aos senhores proprietários e criadores de animais de raça -- BOVINOS, EQUINOS E ASININOS --, que iniciou as operações de sua novel carteira de

SEGUROS DE ANIMAIS

Cooperando no amparo à criação nacional pela garantia do SEGURO DE VIDA DE ANIMAIS, a "SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES" está, também, resguardando o patrimonio dos senhores proprietários de animais de raça.



"GUAPORÉ" — Famoso reprodutor GIR, do rebanho das Organizações Euripedes de Paula Ltda., de Curvelo

ORGANIZAÇÃO NESTE ESTADO

Sucursal de BELO HORIZONTE

Avenida Amazonas, esquina da rua São Paulo. Edifício Lutetia — 1.º andar — Caixa Postal, 124 — Telefones: 2 - 0785 — 2 - 6812

UBERLANDIA — Praça Benedito Valadares, 20

ITAJUBA' — Rua Francisco Pereira, 311 — 1.º andar

JUIZ DE FORA — Rua Halfeld, 704 - sala 107

DE MÊS A MÊS



Noticiam os telegramas que a senhora H. Clark, de Nova York, requereu divorcio porque seu marido, sonhando, pronunciou um nome de mulher.

Preste atenção nessa historia
E muito cuidado tome:
Quem tem nome na memoria,
Que guarde bem esse nome,

Sem descanso, sem repouso,
Passa o dia a trabalhar:
— Não tem direito o esposo
Nem, ao menos de sonhar.

O perigo é grande, é enorme,
E nem há maior, por certo,
O marido, quando dorme
Deve ter o olho aberto...

Para que nada aconteça
Tome essa resolução:
— Tire o nome da cabeça.
Guarde-o bem no coração.



Telegramas de Holiúde noticiam que o sr. Mel Berns, técnico em maquilages, tem lutado com grandes embaraços para que as "estrelas" de cinema não engordem. Deixando por conta da natureza, Dolores del Rio é capaz de engordar um quilo por dia.



A pobre atriz fica tonta,
Pois toda gente insinúa:
Se a gordura toma conta,
Uma "estrela" vira lua...

Que a noticia se propale
Para maior alvoroço:
— No cinema, a carne vale
Muito menos do que o osso.



Dizem os jornais que um mecânico de Formiga, em nosso Estado, construiu um relógio, utilizando-se apenas de ferro velho.



E' um relógio bom e amigo
Que vale o peso pesado,
E sendo de ferro antigo,
Marca o presente e o passado.

O ferro velho se alteia
Numa brutal ousadia:
— Sai, mole, das seis e meia,
Marca, firme, o meio dia...



Anunciam os telegramas que, em Paris, as mulheres estão pintando o rosto de verde para se tornarem mais impressionantes.



A moda que prende e enleia
Vai causando sensação:
A bonita fica feia,
Vira a feia assombração.

A mulher que tanto luta
Bem sabe disto de côr:
— Ela é o contrario da fruta,
Quanto mais verde — melhor.

A mulher que se requinta
Cada dia mais se apura:
De verde toda se pinta
Mesmo aquela que é madura.

Basta ser simples, ser bela
Para ter grande valor:
Verde, preta ou amarela,
— Desgraça de qualquer côr!

TEXTO E VERSOS DE
GUILHERME TELL
BONECOS DE
ROCHA

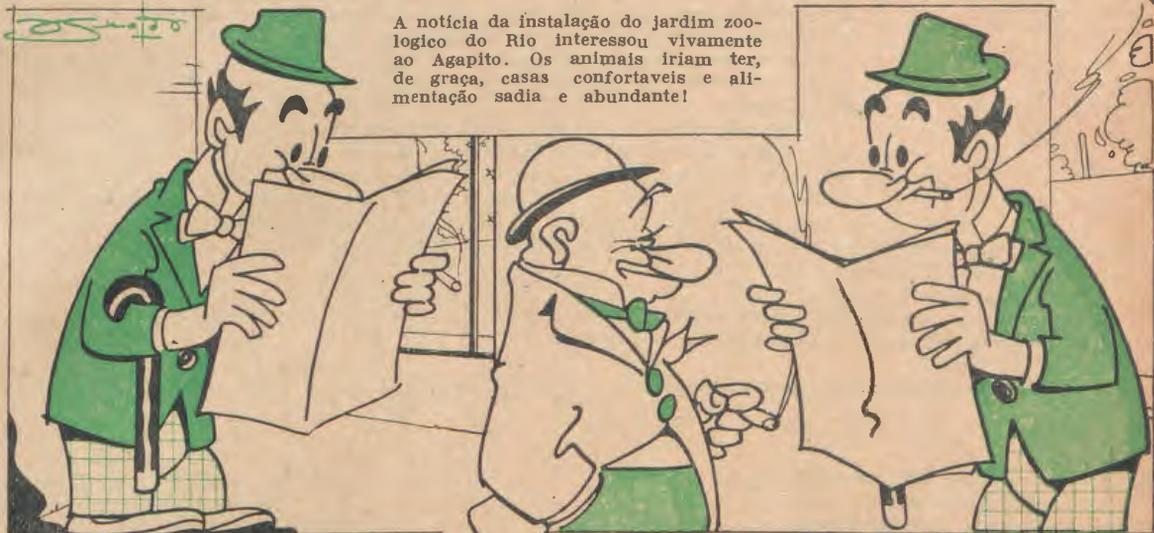
OUTRA COMÉDIA DA VIDA

TEXTOS E BONECOS

DE OSVALDO NAVARRO

Para ALTEROSA

A notícia da instalação do jardim zoológico do Rio interessou vivamente ao Agapito. Os animais iriam ter, de graça, casas confortáveis e alimentação sadia e abundante!



O "Lago das Maravilhas" será a ótima piscina dos jacarés e outros animais aquáticos. Os veados viverão em absoluta liberdade. Continuarão andando por toda parte.



As zebras, porem gozarão de relativa liberdade mas terão excelente alimentação. As girafas possuirão casas próprias... Para os ursos haverá ar condicionado e picolé! Os leões terão uma jaula de quatro mil metros quadrados e carne duas vezes por dia!

Depois de haver comentado todo o dia a notícia, Agapito se desabafou com um amigo: — Isso é que são lugares bons e, no entanto, vive o DASP a realizar concursos para auxiliares de escritório!



Os parentes de quem tanto nos orgulhamos — os macacos — receberão apartamentos luxuosos e bananas todos os dias. Até bananas! As rapósas terão frangos e os gatos do mato vão comer ovos diariamente!



INDA haverá alguém, em todo o Brasil que não ande enlouquecido pelo zebú? Em Minas, a "zebuzite" tornou-se uma molestia perigosa que ataca toda gente, sem distinção de classe ou de fortuna. Médicos, engenheiros, advogados, ricos e pobres estão contaminados pela terrível doença. Antigamente, só a zona do Triângulo sofria do mal e, mesmo assim, em caráter benigno. Agora é todo o Estado que arde na febre do zebú. Um sujeito está num café, chegam três indivíduos atingidos pela molestia e começam a discutir raças de zebú, a escrever cifras vertiginosas e a contar coisas incríveis. No fim de uma hora, o cidadão pacato está contaminado. Vai para casa e não tem tranquilidade. No dia seguinte, está pior. Procura um banco, avalistas e o mais que é necessário para encalacrar-se. Com o dinheiro no bolso, sae doido a fazer compras de zebú e a contagiar os amigos desprevenidos. E' a adoração do boi. A zoolatria egípcia em sua forma aguda...

Isso não seria nada, se não perturbasse a paz domestica. Mas perturba. Há dias, um doente de "zebuzite" poz-se a sonhar em voz alta. Um sonho tremendo. Muitas vezes falou a palavra chifre, esmurrando o travesseiro. A esposa, linda morena, conhecida pela sua elegancia e pelos seus flirtes, deu um pulo na cama, assustada. O marido, no horrivel pesadelo, continuava a falar chifre em

voz cada vez mais alta. A mulher, num impeto de coragem, sacudiu-o com força:

— Que é isso? Você está doido?

E o esposo, de olhos arregalados:

— Que horror. Sonhei que estava sendo atacado por um reprodutor pavoroso. Você me acordou no momento mais grave. Obrigado, minha querida. Obrigado.

E ela, já tranquilla:

— O' filho, você pode me matar de medo com um sonho desses. Graças a Deus, foi sonho...

A LOURA elegante teve uma intoxicação muito grave. Dias e dias de cama. Afinal, depois de muitos exames e pesquisas, acharam os seus medicos que ela devia fazer a extração de todos os dentes. A moça chorou muito, mas submeteu-se à operação para salvar a vida. Curada, mirou-se no espelho e viu que estava horrenda. Que diria o Paulo, seu velho admirador? E o Eugenio, que estava doidinho por ela? Só faltava pedir...

Resolveu não receber ninguém, enquanto não colocasse a dentadura dupla. O preparo da chapa preciosa durou um mês. Poz, afinal, o trombolho na boca. Chorou com saudades dos dentes legítimos. Talvez não fossem belos, mas eram seus. Pronunciou algumas palavras em voz alta. Sairam sibilantes e quasi ininteligíveis. Ficou mais um mês em casa para se acostumar com aquilo...



Afinal, a pedido das irmãs, resolveu ir a um baile em casa de uma família conhecida. Era a primeira vez que aparecia a estranhos com a chapa fatídica. Queria falar o menos possível e sorrir só em ultimo caso.

Aconteceu, porém, que o mais estouvado dos seus namorados compareceu à festa. Dansaram. Às tantas da noite, ela não sabe como, foi, para se refrescar, dar uma volta pelo jardim com o moço estroina. O rapaz, inesperadamente beijou-a.

A pobre moça não teve tempo de segurar a chapa que, descolando, saltou da boca e foi se ocultar no decóte do seu vestido de baile. Ela, mais que depressa, com a ponta dos dedos, físgou a dentadura e recolocou-a na boca. Tudo feito com muita rapidez e habilidade, mas a infeliz voltou para casa com uma dúvida terrível: — Ele teria notado?...

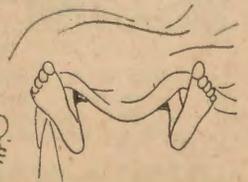


UMA SENHORA, nos Estados Unidos requereu divórcio porque o seu esposo, dormindo, pronunciou o nome de uma mulher. Eis aí um perigo que muitos maridos bilontras nunca pensaram existir. Depois do desastre que aconteceu com o norte-americano descuidado, todos os homens passarão a ter medo do subconciente.

Felizmente as mineiras não são assim ciumentas e, hoje, um marido é coisa muito preciosa. Lendo a notícia, uma senhora casada há vinte anos e de uma tolerancia infinita, disse a uma amiga: — Se eu fosse ciumenta como essa pobre mulher, em plena lua de mel, teria abandonado o Artur. Quantas vezes êle, sonhando, pronunciou o nome de uma vizinha nossa muito bonita e muito sapéca!

— E hoje não fala mais? perguntou, curiosa, a amiga.

— Hoje é muito peor. Chego, às vezes, a pensar que, quando dorme, faz a chamada das onze mil virgens...



Leclat e Plumet

*Um Toque sutil
de elegância
e requinte—*

Mais concentradas,
dotadas de essências

suaves e delicadas,

as Aguas de Colonia de Coty

acrescentam um novo toque de
elegância à sua "toilette". Aplicadas

depois do banho, em fricções sobre

a pele, dão uma agradável sensação de refrigério e bem-estar. Algumas gotas no lenço ou na "lingerie" contribuem também para essa aura de sonho e de poesia que deve envolver todos os seus gestos.

As Aguas de Colonia de Coty

são indispensáveis no seu toucador.

AGUAS DE COLONIA

Perfumadas COTY



L.W.T.

Pequena História DOS TALHERES

TEXTO E DESENHO

DE OLGA OBRY



A PRIMEIRA a nascer foi a colher. Já os antigos romanos a conheciam, do que são testemunhas vários poetas do primeiro século da nossa era. Chamam-na "cochlear", termo técnico que tem sua origem na palavra "cochlea", a qual quer dizer "concha", pois as primeiras colheres serviam para comer mariscos, e também ovos. Para esse duplo fim, uma extremidade da "cochlear" ou koklarion (pela ortografia grega da época) era arredondada e cavada e a outra pontuda — para tirar os moluscos da sua concha. Uma segunda antepassada da nossa colher era a "ligula" ou "língua". Até o seu nome indica que tinha a forma de uma pequena língua humana. Servia para comer doces ou tomar remédios.

A faca, utensílio talvez mais antigo ainda, era utilizada não pelos convivas à mesa, mas sim pelo açougueiro, pelo cozinheiro, e, finalmente, pelo dono de casa que costumava cortar a carne no prato antes de distribuí-la entre os membros da família; o "cutellus" usado por ele para este ofício era

aliás de tamanho imponente e bastante parecido com o "culter coquinaris", ou faca de cozinha.

Cavalheiros e damas, nos tempos da mais requintada civilização romana e até o fim do século XVIII comiam com os seus dez dedos. Fazê-lo com graça, porém, talvez não era tão fácil assim, do que são provas inúmeros compêndios da arte de bem comportar-se à mesa na época "ante-garfo".

O ma's antigo que até nós chegou é de autoria de Ovídio:

"Carpe cibos digitis, est quidam gestus edendi;
Ora nec immunda tota perunge manu".

Assim aconselha o poeta das "Metamorfoses" e do "Ars Amandi", ou seja: "Apanhe os manjares com os dedos; mas não suje o rosto todo com a mão besuntada".

Até a sopa era tomada com os dedos... ainda bem quando era servida em tijelas individuais, o que nem sempre acontecia: um tratado do célebre filósofo holandês Erasmo de Roterdam diz: — na época da descoberta do Brasil — que, quanto à carne, "cada um toma com três dedos o que lhe é oferecido, e quanto à sopa "pode usar a colher (se tiver uma na tijela) para prová-la, mas deve devolver a mesma depois de tê-la enxugado com o guarda-napo".

Em garfos não se falava até o século XIV. E mesmo então eles são uma coisa rara e curiosíssima. Existe, entretanto, uma lenda, segundo a qual uma princesa grega, casada com um doge de Veneza, teria usado no século XI "pequenas forcas douradas de dois dentes" para levar a comida à boca. Isto parecia tão extravagante e escandaloso aos contemporâneos da desventurada dogaresa que o clero não hesitou em fulminá-la com repreensões e ameaças da ira divina. Estas últimas, aliás, se verificaram, pois a jovem mulher foi acometida por terrível moléstia.

Três séculos mais tarde, entretanto, o pérfido garfo reapareceu timidamente na Itália e, de lá, era importado para França e para Inglaterra. O último se deu em 1614: o corajoso inovador foi um certo Mister Thomas Coryate, que se tornou alvo de inúmeros panfletos e foi chamado pela alcunha "furcifer" ou seja "homem da força".

A' mesa de Luiz XIV de França, só o Rei-Sol tinha o direito de usar o garfo: os demais convivas deviam contentar-se com o uso de seus dedos e da faca. Isso já era um grande progresso... Em 1328, no inventário dos talheres pertencentes à rainha de Hungria são enumeradas 30 colheres,



e um garfo apenas. Um grande senhor inglês da mesma época possuía até 69 colheres de prata, e três garfos, usados "para comer peras".

Entretanto, a popularização do garfo teve um resultado nefasto e inesperado: o fim da limpeza das mãos! Outrora, era de costume lavar as mãos não somente antes e depois das refeições, mas mesmo entre um prato e outro. Logo que se deixou de pegar os alimentos com os dedos, julgou-se esta precaução inútil e desprezível. O grande Montaigne lastimava também que o uso de mudar o guarda-napo várias vezes durante o mesmo jantar começasse a desaparecer, pois não era mais preciso enxugar as mãos com o mesmo, depois de lavadas.

Antes desta "decadência", a bacia para as abluições dos hóspedes nos banquetes de gala era um dos objetos de mais requintado gosto e do mais precioso material de toda a baixela da casa. Também o jarro que o pagem de serviço devia levantar para fazer escorrer a água perfumada sobre as mãos fidalgas, devia ser feito de ouro ou, pelo menos, de prata, e ricamente ornado. O rei de França Carlos V possuía mais de setenta bacias de prata e vinte e quatro de ouro fino para este uso. Mas, querendo proporcionar um favor especial a um dos seus hóspedes, convidava o mesmo para lavar as mãos junto com ele, na mesma bacia.

O nosso costume de trazer à mesa, depois da fruta, "lavandas" com água morna, perfumada, com uma fatia de limão ou pétalas de flores, para mergulhar os dedos, é, sem dúvida, uma reminiscência da bacia dos nossos antepassados, que sobreviveu poeticamente à sua verdadeira razão de ser.

MEU BALÃO SIMBÓLICO

No dia de santo Antônio
Fiz um estranho balão...
De um lado era todo verde,
Do outro roxo-paixão

O verde representava
Esperança e mocidade!
O lado roxo falava
De paixão ou de saudade...

E' fácil adivinhar-se
Que forma dei ao balão;
Qual outra mais lhe convinha
Que a de um grande coração?

Ilusões simbolizava
O fumo de que se enchia.
Na tocha de meu balão
Era minh'alma que ardia!...

Teve uma sorte vulgar
Meu simbólico balão:
— Em vez de aos céus se elevar,
Incendiou-se no chão...

ANITA CARVALHO

ALTEROSA * JUNHO DE 1944

A Mulher Brasileira

• RAUL DE AZEVEDO •

O BRASIL sempre contou com a mulher brasileira.

Percorrem-se as páginas vivas da nossa história, e em todas as épocas, verificamos que ela sempre trabalhou e se sacrificou pela Pátria. Não é nunca foi banal e fútil. Nos lances decisivos do País, de heroísmo ou de abnegação, mães e avós, esposas e netas, todas elas se sacrificam e se sacrificarão pela integridade e unidade da Pátria, e não nos oferecemos exemplo de mulher patriótica que não tenha correspondido aos apêlos da sua terra e da sua gente. Muita vez, sim, ela contém as lágrimas e com um triste sorriso se despede do filho, do irmão, do esposo, do neto, — que vai defender as glórias da nossa Bandeira impoluta. Mas, envia-o para a luta, anima-o, encoraja-o, e com a fé indispensável até aos fortes, espera o dia da Vitória. E a Vitória, mercê de Deus, tem vindo sempre, há de vir sempre.

Ainda não há muito, quando pelos monstros do século fomos golpeados, vitimados, quando com a brutalidade da força conjugada com a traição, morreram dezenas e dezenas de brasileiros indefesos, quando os brutos da época sanguinária se orgulham de assassinar crianças, — a Mulher Brasileira de pé, olhos levantados para o Cristo, uma prece nos lábios, forte pelo dever, manda que a carne da sua carne vá defender, de armas nas mãos, a Pátria magnífica que herdou dos gloriosos Caxias brasileiros! Ai está, palpitante de vida, de emotividade, a homenagem da mulher ao chefe do Governo, ao Presidente dr. Getúlio Vargas, que se constituiu também um símbolo da nacionalidade, nesta hora decisiva do Brasil. Ai está a solidariedade absoluta e integral dessa mesma Mulher, — pronta a todos os deveres, a todos os sacrifícios.

Milhares de senhoras e moças, espontaneamente se reuniram e levantaram, pensando bem o momento, a sua decisão de tudo sacrificarem para as glórias da Pátria. E elas todas sabem perfeitamente o que é a guerra! E é nesse minuto trágico que a esposa do Presidente, doadora de alegrias e conforto para as crianças, cria a "LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA", ramificada ao Norte, ao Centro e ao Sul, mobilizando todas as almas em prol da mais santa e mais nobre das Cidades, — dar assistência às famílias daqueles que deixaram seus lares a serviço da Pátria, independente das providências e atitudes do Estado.

As cidades e o Interior, o vasto interior do Brasil serão contemplados. Terão assistência as famílias dos valorosos soldados do Brasil que partem cantando e ao som do hino nacional. Dinheiro, roupas, gêneros, remédios, educação infantil. Como não aplaudir incondicionalmente o belo gesto?

O Brasil está, lado a lado, com os seus Aliados.

nos confins de Mato Grosso. Mas o amor venceu. E o conde, mesmo contrariando os desejos paternos, casou-se com Luiza. Era maior, agora, e poderia fazê-lo. Perdeu, porém, os direitos que a nobreza reserva e garante somente aos que se divorciam das suas leis implacáveis. E, abandonado pelos pais, desherdado, ficou, desde então, pertencendo à classe da plebe.

“Os negócios do antigo hoteleiro da rua do Lavradio declinaram com a nova perseguição política de que foi alvo o pai de Luiza. Paulo viu-se na contingência de trabalhar para auxiliar o velho português, vítima, por assim dizer, da fatalidade de sua paixão. Eram-lhe, porém, negados os emprêgos que pretendia. Havia uma evidente má vontade contra êle. Talvez a influência do pai...”

“Mas o jovem, com os seus vinte e dois anos, não desanimou. Internou-se pelo sertão, como um novo bandeirante, para desbravar o seu destino. Bandeirante do amor e da esperança... Na Escola, êle fizera um brilhante curso de pintura. Era uma vocação de artista. Tornou-se pintor de profissão. Fez quadros que maravilharam os críticos da época. Retratos, paisagens, interiores... Voltou a Campinas. Foi a São Paulo. Realizou exposições. Foi elogiado pela imprensa. Ganhou dinheiro. Salvou da ruína a família da espôsa. E, depois de enriquecer, veio para o Rio de Janeiro...”

* * *

O encarregado do museu deixou de falar e continuou olhando o quadro que representava a mulher morena. Seus óculos escuros velavam uns olhos azues, que não queriam aparecer aos visitantes daquele palácio.

*

*

*

O HOMEM DAS LUZES

CONCLUSÃO

novo e magnífico de iluminação: um refletor único, de sua concepção, enviaria a luz bastante para uma cidade inteira!

Esse invento consolou sua pobre vida; e êle sentiu no meio de sua sombra e de sua névoa dolorosa a alegria louca de ter criado um sol!

Como, porém, efetivar seu projeto? Era por meio do rádio que se obtinha a colossal intensidade de seu foco luminoso; e um miligrama de rádio custava rios de moedas e êle não tinha às vezes um pouco de dinheiro para comer...

Algun tempo ainda viveu assim automaticamente, alimentado por sua idéa e sua glória, até que um dia uma sublime intuição do desvario brotou de sua alma genial. O corpo humano tinha rádio. Êle tinha em seu ser a força vital de sua obra! Viria a morte... Mas que vale uma existência diante da glória radiosa de criar?

E munido do tosco aparelho que construíra subiu, só, à certa hora morta para um píncaro arrogante que dominava a cidade ardente...

— E qual foi o fim do pintor? — perguntou um dêles. — Ainda vive? Ou já morreu? E Luiza? E seus pais?

— Ela já se foi dêste mundo, depois de ter sido tão feliz. Mas êle é vivo. Envelheceu sem fortuna. Seus pais, com a República, perderam a situação que tinham no Império. E o filho os salvou da miséria. A vida sempre teve dois lados... Paulo, depois que a espôsa morreu, vítima de um colapso cardíaco, ficou, também, na miséria. Desinteressou-se pelos negócios e pela própria arte que o enchera de glória. A residência do casal, alí em São Cristóvão, cobriu-se, perenemente, de luto. Nunca mais o pintor sorriu. Fugiu-lhe, com a companheira, a alegria radiosa e fecunda que o animava.

Êste quadro foi sua última inspiração. Estava a espôsa ainda no seu leito de morte quando êle o pintou, chorando, diante de um retrato de Luiza no Bosque de Campinas. Não acompanhou o entêrro da espôsa para terminar a pintura, que veio, depois, não se sabe como, parar aquí, neste velho palácio transformado em museu. O tempo não conseguiu consolar o infeliz pintor, que passa os dias velando o quadro que é a mais pura e mais doce lembrança de seu amor...”

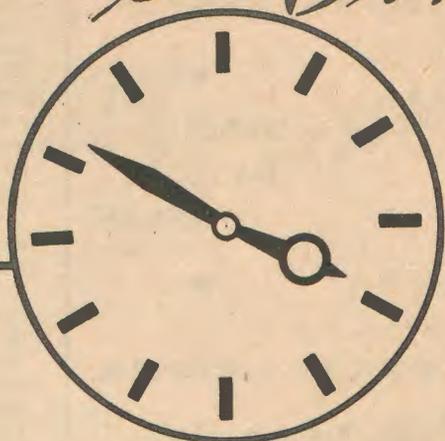
* * *

O velho encarregado do museu não pôde mais falar. Estava nervosamente comovido. Chorava e ria ao mesmo tempo. E seus óculos escuros, velando-lhe os olhos, não chegavam para esconder-lhe as lágrimas com que êle recordava, angustiado e triste, a figura angelical da linda morena que apaixonara o louro filho do marquês de Bragança...

Naquela noite um clarão magnífico e supremo explodiu do alto como uma aurora. E arrebatou os homens que tremeram em sua alma e pensaram em um raro sortilégio do céu... Imensa luz desceu da montanha...

Mas envolto em fios dentados que se lhe cravavam nas carnes feridas, um ser humano estertorava agonizante mudado em uma grande chama!... O homem das luzes morria; aureolando os seus inimigos... E na última dor tinha um sorriso alegre, alegre de ter criado um sol!

Tempo é Dinheiro!



EVITE O TRABALHO DE
CONTAR E CONFERIR

O TROCO

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE

PREFIRAM sempre os materiais para construções e os moveis da "A INDUSTRIAL" que levam como garantia de qualidade a marca registrada.

A INDUSTRIAL
FUNDADA EM 1903



AUGUSTO DE SOUZA PINTO,

INDUSTRIAL E CONSTRUTOR

TEL. 2-3733 e 2-3174 - AV. TOCANTINS, 809 - B. HORIZONTE

Cimentos Portland, Perús, Votoran, Itaú.

● Esquadrias modernas, Janelas "Luminar" da "A INDUSTRIAL" são de reputada fabricação e comprovada qualidade

FERRAGENS
EM TODOS
OS ESTILOS

CUIDADO COM O DESEPERO

NUNCA se deve proceder precipitadamente, muito menos quando essa precipitação é movida pelo despeito. Uma jovem que, ao ver-se abandonada por seu noivo aceita o primeiro cortejante que se apresenta, e com êle forma-

liza o compromisso matrimonial, poderá ter, mais tarde, muito de que se arrepender. Além disso, os casamentos dessa natureza assemelham-se aos olhos dos outros como um ato realizado sob a ação do despeito.

*

APLICAÇÕES

OS TURBANTES e toda sorte de aplicações para vestidos feitos de crochet continuam em moda, especialmente de cores brilhantes e vistosas. Os triângulos tecidos de chochet são adornados com lantejoulas e vi-

drilhos de cores ou apenas azulvíche, e servem de complemento aos vestidos de festa ou para noite.

*

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

A RIQUEZA

Uma riqueza feita rapidamente nunca é uma riqueza honesta.

STOBEU

*

A riqueza não consiste senão no uso em que se pode fazer dos bens.

PLUTARCO

*

A riqueza que surge de um dia para outro, logo desaparece; a que se adquire pouco a pouco, multiplica-se.

SALOMÃO

SCHOPENHAUER

SCHOPENHAUER, um dos grandes filósofos do século passado, era um homem sombrio, cínico e suspeito; também via obsecado de terrores e manias: guardava seus cachimbos à chave e jamais confiava seu pescoço à navalha dum barbeiro e não podia ouvir o menor ruído sequer sem irritar-se fortemente.

"Há muito tenho a opinião — dizia Schopenhauer — de que a soma do barulho que uma pessoa pôde suportar está na proporção inversa de sua capacidade mental, e pôde ser considerada como uma boa medida desta... Barulho é tortura para os homens de pensamento. A superabundante forma de vitalidade que se compraz em bater, martelar, derrubar coisas, sempre foi um tormento para mim."

Schopenhauer tomava suas refeições num restaurante, onde era conhecido por suas manias. Ao sentar-se à mesa punha diante de si uma moeda de ouro; ao levantar-se recolhia-a ao bolso. Um garçon animou-se a indagar daquilo e a resposta do filósofo foi tratar-se da aposta que fazia consigo mesmo, de que os oficiais ingleses que frequentavam o restaurante em tempo algum deixariam de conversar sobre cavalos, mulheres e cães — e como nunca perdia, a moeda jamais ficava sobre a mesa.

*

O VALOR

Dá-se prova de valor tanto nos campos de batalha como na obscuridade da vida cotidiana. É valor próprio mantermo-nos honestos, resistir às tentações, dizer a verdade, ser o que realmente somos e não pretender mostrarmos-nos diferentes.

SMILES

*

PENSAMENTOS

Em literatura, o melhor meio de ficar célebre é morrer. — VITOR HUGO.

O tempo chega sempre. Mas há casos em que não chega a tempo. — CAMILO CASTELO BRANCO.

Muita vez se perde uma vida, porque no lugar em que cabia ponto final se lança um ponto de interrogação. — JOAQUIM NABUCO.

O silêncio é o lar do pensamento... — COELHO NETO.

Esparços



LONGE DE TI

Longe de ti, se escuto por ventura
teu nome que uma boca indiferente
entre outros nomes de mulher murmura,
sóbe-me o pranto aos olhos de repente.

Tal aquele que, misero, a tortura
sofre de amargo exílio e tristemente
a linguagem natal, maviosa e pura,
ouve, falada por estranha gente.

Porque teu nome é para mim o nome
de uma pátria distante e idolatrada,
cujá saudade ardente me consome.

E ouvi-lo é ver a eterna primavera,
a eterna luz da terra abençoada,
onde, entre flores, teu amor me espera.

OLAVO BILAC

OURO PRETO

Nesta manhã nevoenta e fria
Ouro Preto envolta 'na neblina
parece uma noiva antiga
arrastando o seu véo pela cidade.

Ouro Preto sob a invernia...
O inverno, como um Papai Noel,
com a sua barba feita de neblina
anda cachimbando na manhã fria.

De encontro ao altar das montanhas
o vento soluça e chora,
como um apaixonado.
E a voz do vento que soluça
Traz a música dos poemas de Gonzaga.

Olho Ouro Preto emocionado.
Anda no ar o perfume da saudade.
Meus olhos ardem como em vigília.
A neblina continua fina e fria...
E a voz do vento que soluça
como um encarcerado entre as montanhas
faz o meu coração bater como um sino
ao ouvir na voz tristíssima do vento
a música dos poemas de Gonzaga.

EVAGRIO RODRIGUES

VELHA BÁ'

Não sei porque, ó minha Bá, senti
muitas saudades de você agora.
Parece até que a sua voz ouvi:
— “Um homenzinho, meu Sinhô, não
[chora...”

Na rua, quando às vezes eu caía
ou brigava com o filho do vizinho,
você, sempre bondosa, repetia:
— “Um homem nunca chora, Sinhôzi-
[nho!...”

E como, velha Bá, o Tempo passa...
Sinhôzinho cresceu... Já se formou...
Já sabe o que é Ventura e o que é
[Desgraça;

até amar o Sinhôzinho amou!...

Já sei porque lembrei dos seus conselhos.
— Amo... Calei... Foi meu amor embora...
Os meus olhos estão muito vermelhos!...
...E um homenzinho, velha Bá, não
[chora...]

LUIZ OTAVIO



Fragmentos
DA POESIA NACIONAL

VITRINE LITERARIA

CRISTIANO LINHARES

UM LIVRO PARA VOCÊ

QUASE todas as editoras nacionais, de certo tempo a esta parte, têm publicado obras de escritores brasileiros que estavam um pouco esquecidas, esquecidas principalmente porque as edições já se achavam esgotadas. Eram livros raros, só encontrados em mãos particulares ou então em algum "sêbo". Assim, as novas gerações não os podiam ler, não os conheciam.

Tal orientação é patriótica e coincide com a tendência que se vem acentuando cada vez mais no sentido de se conhecer e estudar o Brasil em suas figuras, em seus aspectos e em seus costumes.

Realmente, devemos antes de tudo dar preferência ao que é nosso. E temos, em literatura, muita coisa boa, digna de leitura e meditação.

Apareceu agora, por exemplo, um livro de contos — "Ansiã Eterna" — de Júlia Lopes de Almeida, o qual provocou francos elogios da crítica, quando vetu à publicidade, isto há coisa de umas dezenas de anos. Trata-se de uma reedição.

Sua autora, cujo nome anda injustamente olvidado, teve a sua voga e não há como negar que seja uma prosaísta dotada de finas virtudes estilísticas.

Ela escreve muito bem e não destoa do gosto moderno. É humana, simples, cheia de naturalidade no ato de contar. Possui mesmo certa força dramática, qualidade que levou os críticos nacionais a compará-la a Maupassant.

Assimila-se de fato a êle em muitas partes, inclusive no modo de dialogar e na maneira de descrever. Com dois ou três traços, a prosadora fixa uma cena e põe em movimento uma figura humana.

A sua literatura é também sadia, pois Júlia Lopes é escritora que pode e deve ser lida pelas mulheres. Dentre as suas obras, são recomendáveis esta de contos, que agora se reedita, e o romance "Cruel Amor", lindo romance que nos relata episódios da vida dos pescadores.

Nenhum artista moderno deixará de reconhecer que a grande brasileira sabe escrever com finura, simplicidade e graça. E, sobretudo, agrada, prende a atenção.



LIVROS NOVOS

DE VENTO EM POPA — KATHLEEN NORRIS — LIVRARIA JOSE' OLIMPIO EDITORA

UMA vocação é qualquer coisa de religioso, queremos dizer, nunca devemos contrariar uma vocação verdadeira, que nos vem de íntimo da alma com verdadeiro ardor. Assim, acertadamente, pensou a heroína do novo romance de Kathleen Norris, DE VENTO EM POPA, agora lançado pela Livraria José Olímpio. Nada conside: ou diante de uma forte inclinação pelo jornalismo. Havia de ser uma grande jornalista, nada além disso, nem mesmo o amor dos homens. Mas a vida lhe ensinou as durezas da vida de imprensa e lhe impôs, por fim, o amor de um homem... DE VENTO EM POPA é mais um belo romance. de K. Norris, cuja tradução foi realizada por Maria Alice Azevedo Coelho.

ROSA LEVE — MARIA ISABEL — LIVRARIA JOSE' OLIMPIO EDITORA

TEMPERAMENTO poético dos mais originais é o de Maria Isabel, cuja "plaque" ROSA LEVE acabou de ser editada pela Livraria José Olímpio.

Trata-se de um livro delicioso e original. No capricho do seu ritmo, a autora sabe comunicar-nos as mais envolventes emoções poéticas. Original, personalíssima, não duvidamos de que o seu nome entre definitivamente para o rol dos nossos representativos talentos femininos.

A VIDA EXUBERANTE DE OLAVO BILAC — ELOI PONTES — LIVRARIA JOSE' OLIMPIO EDITORA

DEPOIS das biografias de Raul Pompéia, Euclides da Cunha e Machado de Assis, o fecundo escritor que é Elói Pontes apresenta-nos agora a VIDA EXUBERANTE DE OLAVO BILAC, em dois volumes, com certa de setecentas páginas e dezenas de ilustrações, inclusive caricaturas de Angelo Agostini, Belmiro, J. Carlos, Raul e Kalisto.

A documentação reunida pelo autor foi imensa, representando uma soma extraordinária do trabalho. Notável já seria o livro pelo valor informativo, se Elói Pontes não desse vida aos textos, interpretando-os e discutindo-os. Seus objetivos ultrapassaram o quadro de uma simples biografia, para tornar-se o levantamento de um mapa intelectual do Brasil nos últimos vinte anos, através da personalidade e da obra de Olavo Bilac. A

VIDA EXUBERANTE DE OLAVO BILAC foi editada em dois volumes pela Livraria José Olímpio, do Rio de Janeiro.

SEXO, VITAMINAS E NUTRIÇÃO — LOGAN CLENDENING — LIVRARIA JOSE' OLIMPIO EDITORA

ESTÁ um novo livro de L. Clendening, que a Livraria José Olímpio editou e incluiu na vitoriosa coleção "A Ciência de Hoje". Só um médico como Clendening, reunido à universalidade da cultura, qualidades excepcionais de escritor, seria capaz de nos dar uma obra dessa natureza. SEXO, VITAMINAS E NUTRIÇÃO não tem uma página que não seja amena e sedutora, e que não traga uma infinidade de noções outrotas tão mal vinculadas em livros massudos. Ninguém deixará de perceber o proveito que poderá tirar de tais noções para a sua própria defesa higiênica da vida.

Mais de cem gravuras ilustram o texto, em cuja tradução se esmerou o professor Vitor Rodrigues, da Universidade do Brasil.

TIBERIO — HISTORIA DE UM RESENTIMENTO — GREGORIO MARANON — LIVRARIA JOSE' OLIMPIO EDITORA

GREGORIO MARANON, que indenticou magistralmente as molas ocultas do drama psicológico de Amiel, deu-nos, pelo mesmo método de investigação e crítica adotado nesta obra, uma esplêndida reconstrução histórica da figura de Tibério, o imperador romano. O livro, com o título TIBERIO — HISTORIA DE UM RESENTIMENTO, acaba de aparecer na coleção "O Romance da Vida", da Livraria José Olímpio, em tradução de Brito Broca. Rasgando horizontes novos da investigação histórica, esta obra vai despertar, naturalmente o maior interesse dos leitores brasileiros.

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR TERCEIRA SERIE — EDITORA VECCHI — RIO

ESTÁ "Terceira Série de Os Mais Belos Contos de Amor" é em tudo digna das duas anteriores, que gozaram de tanto favor do público, que esgotou suas primeiras edições. Neste florilégio de narrações amorosas, o mais importante que até nossos dias já apareceu em língua vernácula, contam-se já cerca de cem autores dos mais eminentes e representativos da literatura universal. Como os anteriores, a Terceira Série dos MAIS BELOS CONTOS DE AMOR, foi objetivo de esmerada tradução e de apresentação tão artística como elegante. Esta edição foi lançada pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

O FANTASMA DA OPERA — GASTON LEROUX — EDITORA VECCHI — RIO — 1944

O FANTASMA DA OPERA foi o maior êxito de "boulevard", em tempos não muito distantes, quando ainda era permitido a Paris ser uma cidade encantadora. Com razão dizem que Gaston Leroux, seu autor, por sua portentosa fantasia, é considerado o único e possível sucessor de Alexandre Dumas.

Nada menos de três filmagens teve este romance recorde que até agora não foi batido por nenhum outro livro do seu gênero. Várias ilustrações cinematográficas enriquecem esta edição em nossa língua, que foi feita pela conceituada Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.

CRISTÓVÃO COLOMBO — SALVADOR
MADARIAGA — BIOGRAFIA —
TRADUÇÃO DE GODOFREDO RAN-
GEL — EDITORA VECCHI

A CABA de aparecer, em edição de esmerado acabamento gráfico, a grande obra do genial Salvador de Madariaga, cuja tradução foi confiada ao mestre Godofredo Rangel.

Em tudo que até hoje se escreveu sobre a vida do descobridor da América, não se pode encontrar nada comparável ao trabalho realizado pelo famoso espanhol que hoje se encontra em Londres, na primeira linha dos grandes intelectuais que combatem pelo ideal democrático.

Além de seu valor literário, realçado por vivo tom de amenidade que torna tão agradável a sua leitura, assume "Cristóvão Colombo" a categoria de um documento imprescindível para quem deseje conhecer o fato mais relevante da história da humanidade, a par da extraordinária personalidade de seu protagonista.

A Editora Vecchi deu a essa obra de excepcional valor, uma edição elegante, que pode ser colocada entre as melhores que já foram feitas em outras línguas.

AS IRMÃS SOONG — EMILY HAHN
— LIVRARIA MARTINS EDITORA

EM ótima tradução de Asdrubal Mendes Gonçalves, vem de ser posto à venda mais esse interessante trabalho, o XIII da Coleção A Marcha do Espírito, da Livraria Martins Editora, intitulado AS IRMÃS SOONG.

Nesse livro, Emily Hahn focaliza a China de hoje, a China de homens heróicos, a China que encontrou o seu grande destino, através das irmãs Soong que a autora conheceu intimamente tendo com elas convivido. Trata-se de um brilhante documentário da China moderna, encarnada nas suas três primeiras damas.

MISERIA E GRANDEZA DA DOENÇA — FRANCE PASTORELLI —
LIVRARIA JOSÉ OLÍMPIO EDITORA.

A DESAGREGAÇÃO da personalidade de pelas moléstias prolongadas é, sem dúvida, um dos maiores dramas por que pode passar um ser humano. E a luta para a reagregação, na medida possível, dessa mesma personalidade que ameaça como que a dissolver-se no caos, no nada, numa morte de lentidão inacreditável, é também uma das maiores lutas com que pode deparar um ser humano.

Com uma notável elevação espiritual encontramos os mais variados e proveitosos aspectos desse drama cruel no bem realizado livro de France Pastorelli, "Miséria e Grandeza da Doença" (Diário de uma Artista), que a Livraria José Olímpio, numa boa tradução de Augusto M. Saraiva, acaba de apresentar como mais uma programação da sua bem organizada coleção "O Romance da Vida".

REFLORESTAMENTO — MANSUETO
E. KOSCINSKI — EDIÇÕES MELHORAMENTOS.

PROSSEGUINDO na série, "Criação e Lavoura", as "Edições Melhoramentos" lançaram agora mais um livro útil e de atualidade: "Reflorestamento".

Não há recanto do País, onde não se fale em reflorestamento. O seu problema é discutido na imprensa, na lavoura, no comércio e na indústria. Várias instituições esclarecem

a sua importância e clamam pela sua inadiável realização.

A população concorre com o governo nas tentativas de solucionar o magno problema da proteção do patrimônio florestal.

Ultimamente, a palavra "Reflorestamento" tornou-se, por assim dizer, a coqueluche da opinião pública. Mas não existia nenhuma obra sobre o assunto, embora o tema venha sendo ventilado há vários anos.

As "Edições Melhoramentos", com a presente publicação, vêm preencher essa lacuna.

Esta obra trata de um estudo, em linguagem clara, com objetivo de vulgarização, sobretudo nos meios de lavradores, sem afastar-se um instante sequer da verdade científica.

O sucesso desse novo livro da Biblioteca "Criação e Lavoura" será por certo igual ao dos demais já lançados, e prestará mais um grande serviço ao País.

POUCOS livros terão tido, ultimamente, aceitação tão espontânea e simpática, como MINHA VIDA DE MENINA, de Helena Morley. Esses "cade-nos de uma menina provinciana nos fins do século 19" receberam, quando publicados em 1.ª edição, no ano passado os maiores elogios da crítica. Gilberto Freyre foi dos primeiros a apontar-lhe os méritos, o valor sociológico dessa "biografia disfarçada", que é, ao mesmo tempo,

"uma espécie de história natural da vida de família brasileira no último período do patriarcalismo escravocrata". Guilhermino Cesar viu, em Helena Morley "um temperamento de escritora, uma sensibilidade agudíssima"; enquanto Genolino Amado considerava valiosíssimas todas as minúcias desse diário encantador. Tendo-se exgotado em pouco tempo, pois o público reconheceu logo o extraordinário interesse da obra, MINHA VIDA DE MENINA surge hoje em 2.ª edição, num belo volume, com capa de Santa Rosa, apresentado pela Livraria José Olímpio.

CAÇADORA DE EMOÇÕES — EL CABBALLERO AUDAZ — EDITORA ANCHIETA LIMITADA.

UM livro imensamente humano e de curiosíssimo desfecho! Como literatura agrada e não deixa de ser muito real e sobretudo inédito quanto ao desfecho, que de jeito algum é, no livro menos verosímil.

"El Caballero audaz" é autor de renome e, Violeta de Sá, sua jovem tradutora merece, embora principiante, o apoio e o encômio dos leitores, pois tentou e pôde ser fiel à idéia do autor.

HISTÓRIA DO BRASIL — MARIO SETTE — EDIÇÕES MELHORAMENTOS.

DIFÍCIL encontrar-se um livro de História do Brasil facilmente adaptável aos programas ginasiais ora vigentes. Em geral, os compêndios são falhos: prendem-se a pontos já colocados à margem ou encerram lamentáveis lacunas.

As "Edições Melhoramentos" acabam de lançar estes dois volumes de sucesso, que se recomendam ao professorado do Brasil e aos estucliosos ginasianos. O livro da 3.ª série focaliza a parte histórica relativa ao primeiro reinado até nossos dias.

POETAS E PROSADORES



MOACIR ANDRADE

NAS épocas em que se quebram todas as diretrizes, épocas impróprias para apóstolos, dominam a verve, a sátira e o humorismo.

O nosso tempo é assim. Por isso, além de outras razões, vemos o ascendente intelectual de Moacir Andrade, que se levanta cedo para espalhar, com o talento que Deus lhe deu, *blagues*, ironia, graça e alegria pela cidade. E há muito tempo mantém esta situação em nosso meio intelectual.

A sua pena, amestrada pela vida e pelo jornal, é leve como o estilete mas por vezes se mostra ferina no apontar erros e falhas dos homens. Sorrindo, quase sempre corrige, agradando e interessando em todos os casos invariavelmente.

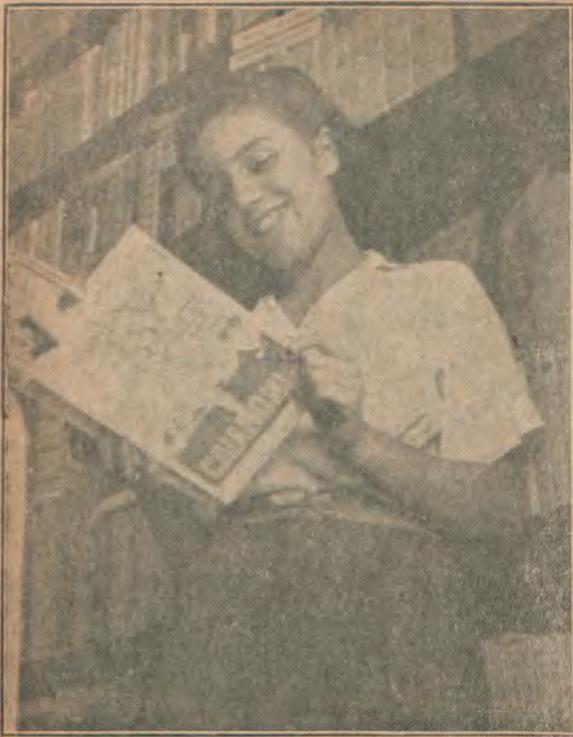
Qualquer fato sem importância serve para ele mostrar a importância do fato.

Parece-se com esses prestidigitadores que, com a maior facilidade, tiram uma porção de coisas de um chapéu vazio. E tudo relata com o estilo natural, espontâneo, cheio de graça, tal e qual como costuma contar anedotas nas esquinas, de piteira longa ao canto da boca.

Ouvindo-o ou lendo-o, qualquer pessoa menos avisada julgará que ele é um cético. Engano. Não é. Moacir é sentimental como muito humorista célebre.

Sua alegria vem do bom fígado, da ausência de ambições, do conhecimento da vida e da sabedoria adquirida em trinta anos de redação do "Minas Gerais", a melhor universidade política do nosso Estado.

Por isso, os homens passam, mas o Moacir fica, de piteira à boca, para contar-nos os episódios de sua vertiginosa passagem.



A arta. Maria de Lourdes Souza diz que acredita muito no futuro reservado às profissões técnicas no Brasil.



Quatro alunas do Colégio Isabela Hendrix. Quatro sorrisos confiantes da juventude de hoje que olha com firmeza o futuro do Brasil.

COM A PALAVRA A JUVENTUDE DO BRASIL

O APÓS-GUERRA VISTO ATRAVEZ DOS ANSEIOS DA NOSSA MOCIDADE
— VOCAÇÕES QUE SE AFIRMAM PARA A NOVA ERA DA TÉCNICA

SABEMOS que o após-guerra será o mundo das novas gerações de hoje. Os que orientam e se empenham nesta terrível guerra estão, abnegadamente, preparando um mundo para a fu-

tura humanidade, um mundo pelo menos mais razoável, onde reine a liberdade e prevaleçam o direito e a justiça.

Ansiosa de ouvir o pensamento da juventude mineira sobre o mundo que a espera, depois da batalha, e no qual terá que situar-se como participante da sua vida e das suas lutas, ALTEROSA imaginou esta "enquete" que foi respondida pelos jovens montanhenses, de diversos cursos de ensino, onde estão se preparando para enfrentar as eventualidades daquela hora.

Não queremos filiá-los entre os profetas de após-guerra, que se agitam em todos os pontos da terra sequiosos de levantarem o véu do tempo, e devassarem, através as névoas que encobrem os horizontes, o universo de amanhã, antevisto, apenas, em suas luzes indecisas, mas, mesmo que preparados para a paz, defrontando os problemas de sempre, renovados e eternos os seus dramas que não findam e que se enredam com as paixões e as idéias que formam o espírito particular de cada época.

A verdade, contudo, é que estamos bem longe de prevermos esse



No Colégio Estadual a reportagem da ALTEROSA fixou este flagrante onde se nota a atividade da juventude sobre a qual repousa as esperanças do Brasil de após-guerra.

mundo, onde verdejam as mais caras esperanças dos nossos contemporâneos. O que sabemos, de tudo isso é que, ao menos sob um aspecto, esta guerra, como todas as outras, trouxe para a terra um período de evolução acelerada, que se processa, sob o ponto de vista material, principalmente, aos saltos, do modo mais imprevisível possível, alcançando efeitos que, há tempos veem lesorientando o espírito de observação e o entendimento dos homens.

Esta evolução geral, como é visível no Brasil, onde o florescimento das indústrias oferece um espetáculo empolgante e caracterizador da vida brasileira contemporânea. Estamos avançando, por isso mesmo, agora, quando ainda, nos campos de batalhas, o fantasma do ódio e da destruição prossegue, como que obediente às suas intenções de demolir, pedra sobre pedra, os allcerces gastos e insustentáveis da velha cultura e da antiga civilização européia.

Esta enquete nos mostra que, compreendendo isto, os jovens do nosso tempo não fazem do bacharelato e das outras profissões liberais a sua exclusiva preocupação. Pelo contrario, os cursos técnicos se povoam de inteligências ansiosas de servirem á nossa esplendida evolução industrial, ao Brasil do Futuro.

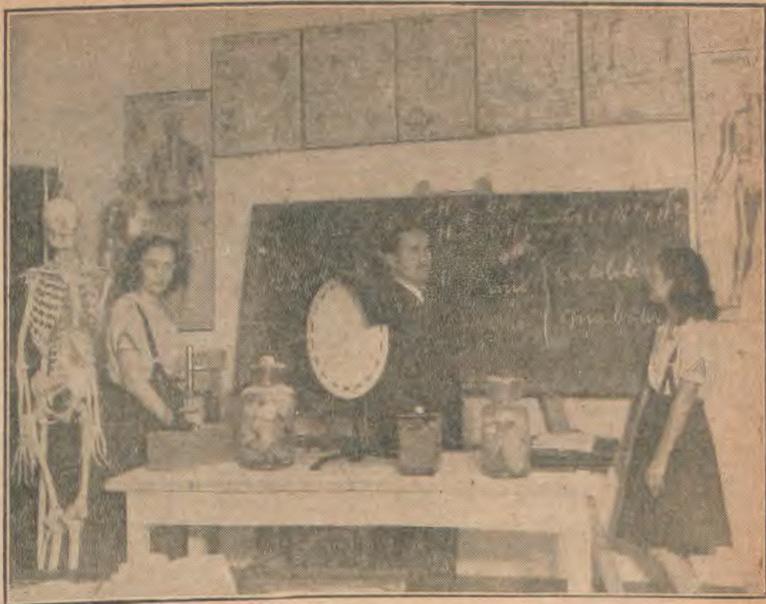
Deixemos, pois, que a juventude fale, já que, para isto, ALTEROSA se propôs ouvi-la:

NA ESCOLA TÉCNICA DE BELO HORIZONTE

Custódio Marino Schaid, que frequenta o curso de mecânica, e está no 3.º ano industrial, assim observa:

— “A evolução das leis sociais no Brasil, já agora permite ao operário não se envergonhar da profissão que exerce. Compreendendo a necessidade dos “especializados” no mundo que se anuncia temos por outro lado a certeza de que será otimamente premiado o esforço dos que souberem armazenar conhecimentos para a hora oportuna. Os mais aptos, os mais capazes serão, por força, solicitados, em primeiro lugar, pelas indústrias que se inauguram no Brasil; no Brasil de hoje, integrado no espírito de seu tempo e por isso mesmo, desejoso de encontrar soluções para os seus problemas contemporâneos.

Com esse pensamento, é que me preparo para o serviço da Pátria, e me confesso orgulhoso da profissão que pretendo exercer”



Centenas de jovens do sexo feminino estão cursando em nossa Capital os estabelecimentos de ensino técnico e profissional, numa demonstração de que o Brasil se encaminha realmente para a era da especialização. O flagrante foi fixado em uma aula do curso de peritos contadores da Academia Mineira de Comercio.

NA ACADEMIA MINEIRA DE COMERCIO

Bretas, da 3.ª série do curso básico comercial:

Eis o que opina a jovem Celia

— “A mulher, sem correr o risco de cair em “feminismos”



Centenas de jovens como este estão se preparando na Escola Técnica de Belo-Horizonte, para a era de especialização industrial que se anuncia para o Brasil de amanhã.

anti-naturais que a depreciam será, contudo, uma participante ativa na vida do Brasil de após-guerra, como tem sido mesmo agora.

Essa participação estará em todos os setores de atividades compatíveis com os seus sentimentos de honra e dignidade.

Quanto a mim, jamais pense nas profissões liberais, inadequadas à organização íntima e delicada da mulher, contrariando, por isso mesmo, as suas tendências para o recato que é a atmosfera de nobreza.

Quero, pois, servir ao Brasil, como técnica em contabilidade.

NO IZABELA HENDRIX

Da mesma opinião são as quatro graciosas estudantes do Izabela Hendrix que o nosso fotógrafo surpreendeu, à saída do estabelecimento.

Uma delas nos respondeu. — "É curioso mesmo que as mulheres, quando pensam em frequentar um curso que lhe possibilite uma profissão na vida, só saibam escolher o magistério, o que, sem dúvida, não deixa de constituir um nobre e admirável mister.

Acho, contudo, que o mundo moderno, principalmente o que virá depois da guerra, está solicitando, em outros setores, a presença da mulher. Não vejo obstáculos para que, neles, a sua atividade se exerça, sem constrangimentos de sua parte. Serei perita contadora, e espero encontrar

prazer no exercício da profissão a que fui levada exclusivamente pela minha vocação."

NO COLEGIO ESTADUAL

Abordamos o aluno Francisco José da Costa Carvalho que está fazendo o seu curso de humanidades no Colégio Estadual Francisco, que revela uma esplêndida vivacidade, respondeu-nos:

— Minha confiança no após-guerra justifica-se com o que a História me tem ensinado a respeito das transformações de ordem geral que as grandes conflagrações sempre trouxeram para o mundo. Este, espero, terá um ambiente de paz, onde os homens possam desenvolver as suas atividades e trabalhar cercados de conforto a que têm direito e sem o qual seriam reduzidos a uma situação inferior. Nêle haverá lugar para os homens do espírito e os homens do trabalho. A justiça reinará, porque compreendemos que sem ela não será possível a paz, incompatível com o direito da força. Haverá liberdade porque haverá justiça. Assim, nós, a juventude que haveremos de reconstruir o mundo, ansiamos pelo momento que há de vir. O Brasil tem diante de si perspectivas desconhecidas do seu passado, e o surto das indústrias trouxe oportunidades novas para os moços. Já o anel de grãu não é hoje o sonho romântico dos jovens, já ninguém se importa com títulos

dos quais poucos fazem uso, solicitados por outras atividades mais cômodas e sem exigências de sacrifícios. Creio que os profissionais técnicos sequestrarão as atenções dos grandes industriais. Escolherei uma profissão que me permita ser útil à Pátria e aos homens."

UMA JÓVEM QUE CONFIA NO FUTURO

Na sucursal d'A NOITE", a Senhora Maria de Lourdes Sousa atendia, atenciosa, a vários intelectuais conhecidos que escolhiam os últimos livros chegados a Belo Horizonte. Mantivemos com ela uma rápida palestra, enquanto os fregueses discutiam.

— "Não creio que só as indústrias solicitem os técnicos, porque nem só das indústrias pode viver uma nação. Sintô que um mundo novo se anuncia. Ele está em todos os artigos de jornais que tenho lido ultimamente e, desde algum tempo, que os estadistas esboçam o seu quadro no futuro. Hoje, emprego aqui as minhas atividades, mas sei que tenho de me especializar numa profissão que me permita situar-me na vida do após-guerra, e numerosos cursos de ensino profissional estão chamando as criaturas de boa vontade. Vou decidir-me, pois sei que um papel bastante nobre está reservado à mulher. O Brasil conta, também, com o nosso concurso e não fugiremos ao cumprimento do dever." — Disse-nos a nossa entrevistada. E, assim, demos por encerrada a nossa "enquete". Já tínhamos elementos suficientes para crermos que a juventude de hoje será digna do "mundo melhor" por todos esperado.

*

O VALOR

O VERDADEIRO valor é uma das qualidades que indicam grandeza de alma. Há várias classes de valor pessoal — valor contra a força adversa, que é filosofia; valor contra a miséria, que é paciência; valor na guerra, que é valentia; valor nas empresas ariscadas, que é arrojo; valor ativo e temerário, que é audácia, e valor contra o vício, que é severidade.

VAUVENARGUES

O verdadeiro valor nos ergue acima dos acontecimentos.

MADAME SOMEY

O orgulho sem o valor é a balança sem a espada.

J. A. GIMENEZ

ALTEROSA 4 JUNHO DE 1944

Melhore
SUA VIDA...

O "CAMPEÃO DE MINAS",
COMO TODOS SABEM, E
COMO SE TEM VISTO, VENDE
DE FATO SORTES
GRANDES E, EM TODAS
AS EXTRAÇÕES,
VENDE SEMPRE MUITOS
PRÊMIOS.

A SORTE QUEM DÁ É DEUS,
EM LOTERIA É O

CAMPEÃO de MINAS

RUA CAETÉ'S, 170 - BELO HORIZONTE



MODELOS DO MÊS



Um pequeno casaco em jersey preto com aplicações do tecido do vestido forma um conjunto muito original.



Casaquinho em "Marrocain" preto, fechado por quatro botões dourados. No decote sobressae o jabot do vestido



3011

3012



3013



3015

3016



3014



3018

3019



3017

3011 — O decote deste formoso vestido termina com uma gravata do mesmo tecido. Os recortes sobressaem com os pespontos formando bolsos. 3012 — O único enfeite deste modelo em seda lavavel são os pespontos formando desenhos. 3013 — Modelo em lã muito simples, enfeitado com a mesma fuzada em viés e botões em cor clara. 3014 — Delicioso traje em seda lavavel com bolsos muito originais. Como complemento um cinturão em camurça. 3015 — Vestido juvenil em fazenda listada, trabalho em diversas direções. 3016 — Vestido-capote em lã, inteiramente abotoado e enfeitado com

★ Tendencias

nervuras. 3017 — Vestido todo abotoado, com nervuras enfeitando a saia e a blusa. 3018 — Vestido estampado, muito simples, tendo como enfeite franzidos na saia e na blusa. 3019 — Vestido em lã fina, tendo como enfeite, tiras abotoadas.



da Moda ★

3020 — Modelo em lã fina, branca, com enfeites em lã multicolor. 3021 — Uma disposição muito original de pinças embeleza este vestido. Cinto em duas cores. 3022 — Vestido juvenil em lã listada, arrematando com um laço na goia. 3023 — Este modelo

de lã é usado sobre uma blusa de seda estampada. 3024 — Modelo gracioso, enfeitado com pespontos. 3025 — Vestido em lã clara, de corte original e enfeitado com aplicações escuras. 3026 — Combinando com a blusa, vemos na saia os mesmos recortes e pregas, que dão ao modelo uma certa originalidade. 3027 — Vestido de lã com franzidos, gola aberta e enfeitado com pespontos. 3028 — Vestido em duas peças gola esporte, saia pregueada e casaço pinçado.



JUVENIS

*

1 — Vestido em côr mar-
ron, preso atraz. Mangas dra-
peadas e saia plissada.

2 — Modelo em lã verde.
A pala e a faixa são do mes-
mo tecido em duas cores.
Saia pregueada.

3 — Vestido em lã azul,
bem cintado e enfeitado com
flores em tom claro.

4 — Conjunto em lã mar-
ron. O peitinho, os bolsos e
os punhos em lã beije borda-
da.

5 — Vestido em lã angorá
bordeaux. A blusa leva bol-
sões e flôres aplicadas. Corpo
justo.

OBRAS PRIMAS BRASILEIRAS



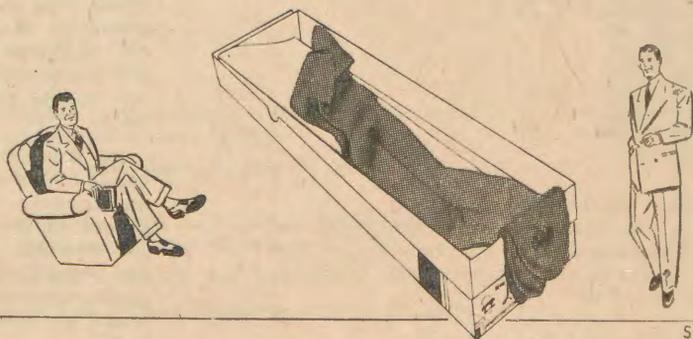
A BATALHA DOS GUARARAPES ★ Victor Meirelles ★ 1890

QUANDO os primeiros raios do sol tingiam as encostas dos Montes Guararapes, desencadeou-se uma das mais violentas batalhas travadas em terras do Brasil, tendo a bravura de seus filhos subjuguado poderosas forças invasoras, escrevendo uma página imortal na história das lutas pela liberdade. Victor Meirelles legou-nos este admirável cenário épico, numa tela famosa no mundo inteiro. Possuidor de aprimorada técnica, Victor Meirelles especializou-se na criação de quadros de grande movimento, ao par de rigorosa fidelidade nos

detalhes e riqueza de colorido. Nas indústrias brasileiras da atualidade também se observa o mesmo notável rigor técnico. As Meias Lobo, fruto do esforço conjugado de uma laboriosa legião de técnicos e operários especializados, tornaram-se conhecidas em todo o Brasil pela sua tradicional resistência, beleza das padronagens e perfeição no acabamento.

Meias LOBO

UM PRODUTO DA FÁBRICA LUPO



Standard

Use o esmalte que
vive nas unhas...



...e na admiração de todos!

• De aplicação facilíma e secagem rápida, CUTEX lhe pede apenas alguns minutos para lhe dar satisfação permanente!...

Escolha entre as lindas e originais criações CUTEX o colorido que melhor condiz com a graça e a fidalguia de suas mãos. E depois... domine com CUTEX!

ESMALTE

CUTEX

J.W.T.

— para a manicura perfeita!



TROVAS

Que vale à flôr, em janeiro,
(Não procede assim quem ama!...)
— Gota d'água — um telegrama!...
... E sêca para o ano inteiro?...!

Meu amigo, não te iludas:
— Da vida, pelos caminhos,
Semê:a o irônico espinhos,
Abrem-te abismos os judas!

ANITA CARVALHO

CHAMANDO A' ORAÇÃO

CADA rênligião, ou melhor, cada povo, tem um modo particular de se dirigir aos fiéis, quando chega o momento de elevar o pensamento às coisas sagradas e celestiais.

Não deixa de ser digna de atenção a maneira com que os musulmanos se dirigem a Deus. Como é sabido, eles fazem cinco vezes por dia a sua clássica oração, que consiste em gritar: "Só Alá é Deus! Mahomét é seu profeta! Alá é grande! Só Alá é Deus!"

Esta oração é feita ao nascer do sol; ao meio dia; ao meio da tarde; ao pôr do sol; e, finalmente, ao anoitecer.

Além disso, nas cidades populosas como o Cairo, há mesquitas onde a oração é feita mais uma vez, à meia noite. Alguns fiéis também oram uma hora antes do nascer do sol.

Em países do Extremo Oriente, ao invés das campainhas que se vêem nas igrejas, usam-se pesados gongos, que são badalados fortemente, durante o officio religioso.

Em algumas regiões da Birmânia, à hora das orações, entra em ação uma verdadeira orquestra de "ambobres e gongos, no terceiro dos templos.

Em vários santuários budistas da Corêia os principais officios diários e noturnos são anunciados pelo badalar de uma enorme campainha de bronze e de um enorme gongo, enquanto que, para os simples officios, ouve-se a chamada dos fiéis por pequenas campainhas de cobre.

Japoneses e chineses têm também seus enormes gongos ou grandes címbalos suspensos nos templos, mas o soar destes instrumentos não se dirige aos fiéis mas à divindade, que, se estiver dormindo, despertará e atenderá às supplicas dos crentes.

Nisto reside a diferença dos budistas para os sintoístas; entre os primeiros são os sacerdotes que dão os sinais do gongo, enquanto que nos templos de Sinto é o próprio devoto que badala os címbalos.

Na Rumania se chama os fiéis dando com um páu numa plancha de madeira, cujas vibrações produzem um som claro e harmonioso. Proibido pelos turcos o uso das campainhas nos templos, em muitos monastérios e santuários ainda perduram esses instrumentos.



PASSEIO

*

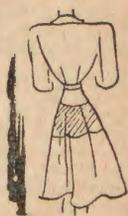
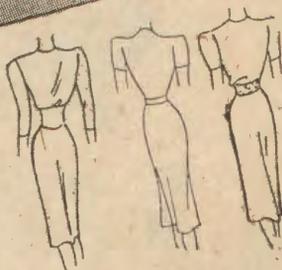
1 — Elegante modelo confeccionado em setim, cujo lado brilhante foi utilizado somente como enfeite.

2 — O decote e os bolsos deste modelo de lã são enfeitados com tafetá.

3 — vestido em crepe bege com bolsos drapeados. O adorno do ombro é do mesmo tecido da faixa.

4 — Vestido juvenil em lã de dois padrões.

5 — Vestido preto de linhas elegantes e proprio para menina moça.



4



*Todo o encanto de uma
"Estrêla" do Cinema*

★ Os corações nobres cedem ante a graça de um sorriso que Kolynos tornou atraente. Kolynos é o Crème Dental de Triple Ação: (1) limpa, (2) embeleza, (3) refresca, de uma só vez. Experimente e verá como lhe agradam o sabor e a ação penetrante da espuma de Kolynos, que proporcionará maior encanto à sua personalidade.

Use-o com Confiança



Um copo de leite por dia e cem gramas de carne ou sessenta gramas de queijo proporcionam ao homem a quantidade de proteínas que requer sua nutrição.

*

Não assentam bem os vestidos de linhas retas às mulheres mais favorecidas com vestidos de suaves drapeados na cintura e nos ombros.

*

Os bolsinhos bordados continuam em grande moda, principalmente nos vestidos simples.

*

AS MAIS BELAS CRIANÇAS DA CIDADE



Aleçou ruidoso sucesso o "V Concurso de Beleza Infantil" promovido, como é costume, pelo "Diário da Tarde", o prestigioso vespertino da cadeia dos "Diários Associados".

Depois de um movimentado certame em que se inscreveram varias centenas de crianças da cidade, a Comissão proferiu o seu *verdictum*, classificando Dimas Pinto da Cunha Junior, como o primeiro entre os meninos, e Dircéa Efigenia Salvi e Marta Suzana de Abreu Rosebaum, respectivamente em primeiro e segundo lugares na classe de meninas. Estas lindas crianças aparecem no clichê acima, em um flagrante colhido após a classificação final do concurso que marcou uma das notas culminantes de nossas atividades sociais nestes ultimos meses.

AMOR MATERNO

ÉIS UM CASO, narrado por famoso explorador, que prova o amor materno de uma baleia:

Certa vez, uma baleia e seu baleote, durante a maré alta, entraram em um braço de mar, onde, surpreendidos pelo refluxo, se concentraram como que aprisionados. Visto por certos pescadores, os cetáceos tornaram-se alvo de uma pescada geral. Os pescadores, com chalupas e arpões, puseram-se em ação. De pronto, o mar se tingiu de sangue. A baleia mãe conseguiu, depois de muitos esforços, ganhar o mar, escapando do estreito. Vendo porém que o filhote não a havia seguido não vacilou em retroceder para salvá-lo ou participar de sua sorte. Os pescadores redobram seus esforços no sentido de não perder a preciosa presa.

Subindo a maré, a abnegação maternal teve a justa recompensa. Com maior espaço para mover-se e defender-se, embora debilitados com a perda do sangue, os cetáceos puderam escapar vivos das chalupas e arpões, ganhando o alto mar.



TARDES FRIAS

*

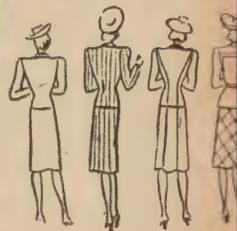
6 — O adorno deste vestido de lã fantasia, pode ser de camurça ou lã lisa.

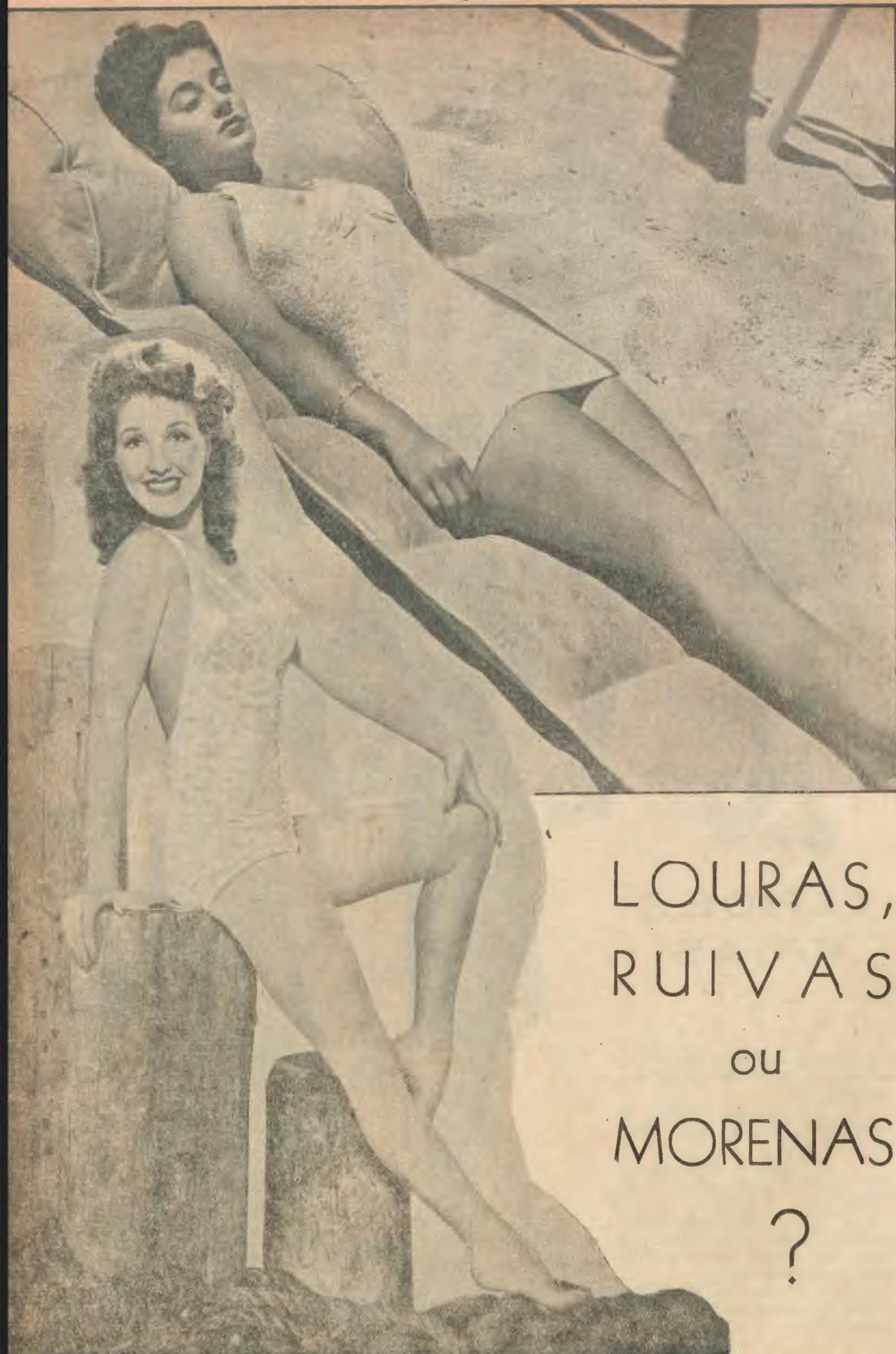
7 — Um formoso bordado de "soutache", enfeitado este "Tailleur", de lã.

8 — Os bolsos formam um detalhe original neste costume de lã riscada de corte classico .

9 — Tiras recortadas da mesma fazenda, são aplicadas como enfeite no casaco deste conjunto de lã. Gola de astracã.

10 — Costume com casaco em lã lisa, de corte simples e saia xadrezada.





LOURAS,
RUIVAS
ou
MORENAS
?

TEM constituído uma preocupação eterna para os homens, conhecer as preferências sobre os tipos femininos que se enquadram em louras ruivas e morenas.

Poetas e prosadores, em todos os tempos, encheram páginas e páginas de versos e crônicas sobre o tipo preferido de mulher, começando pela disputa entre a loura e a morena, às quais veio se juntar, mais tarde, a ruiva.

Mas para que tanta preocupação se todas elas se equivalem? Quem seria capaz de se sentir indiferente diante de uma dessas três belidades da Paramount que ilustram essa nossa reportagem, quer seja ela a loura, a ruiva ou a morena?

Contemplem as fotografias e digam se não temos razão quando afirmamos que a cor do cabelo não impede que uma mulher seja digna de novos e maravilhosos poemas de amor, especialmente se os seus encantos pessoais reúnem tantos pontos de exclamação como os que os leitores estão reunindo ao admirar essas três estrelas de Hollywood.



É fácil compreender porque as amigas de colégio chamavam Gail Russell, beleza de cabeleira negra, a "Heddy Lamarr de Santa Monica". Pode-se prever a sensação que causará no público a sua aparição na tela, ao lado de Ray Milland, em "The Uninvited". Não é difícil profetizar o brilhante futuro em Hollywood desta ex-estrela de olhos azuis. Porque? Basta contemplar a sua fotografia, em que aparece deitada nas praias de Califórnia.



Jean Parker tem cabelo vermelho e aos vinte anos já é uma veterana em Hollywood. Ha nove anos teve início a sua fama na película "Sequoia" e, desde então, tem-se firmado como estrela. Sua última produção para a Paramount é "Alaska Highway", com Richard Arlen. Jean mostra na fotografia um belo modelo de "maillot" claro.



Marie MacDonald é uma das loiras de maior prestígio da constelação de Hollywood. Acariciada pelo sol ardente da primavera, ela goza de merecidas férias, apoz um período de intenso trabalho que está realizando nos estúdios da Paramount, na filmagem de "Caribbean Romance", musical de pequena metragem, e "Standing Room Only", comédia com Paulette Goddard e Fred MacMurray, ambos ainda sem título em português.



MARGUERIT CHAPMAN REALIZOU TODOS OS SEUS SONHOS!

Por W. CARROLL

A MANIA de Marguerite Chapman, desde os 14 anos de idade, era comprar quanta revista de modas lhe caísse sob os olhos... E folheando-as sonhar, ver-se dentro daquelas "toilettes" magníficas, elegantíssimas... Ah! Se ela pudesse ser um dia "manequim"!...

E a menina ia estudando. E crescendo. Terminado o curso secundário Marguerite empregou-se no comércio. Não gostou. Foi ajudante de dentista e depois telefonista. Mas qual! As revistas de modas não lhe saíam da cabeça...

Mas de repente, como num passe de mágica, Joan Powers, da famosa agência de "modelos" de Nova York, realizou o sonho douorado de Marguerite: transformou-a, da noite para o dia, num dos mais elegantes "manequins" da cidade!

Marguerite Chapman tinha então vinte anos e sentia-se feliz. Mas essa felicidade foi logo perturbada por uma voz que lhe susurrava que o seu lugar não era ali. Era em Hollywood, no cinema... O dono dessa voz chamava-se Howard Hughes!

Um ano depois, contratada pela Warner Bros, Marguerite fazia a sua primeira aparição na tela. Obteve relativo êxito e tomou parte em oito filmes nessa produtora, progredindo de filme para filme. Os "talent-scouts" da Columbia notaram isso e "raptaram-na", prendendo-a por um longo contrato.

De então para cá a ascensão de Miss Chapman foi rápida. Elevada ao "stardom", acaba de obter dois espetaculares triunfos: um ao lado de George Sanders em "Encontro em Berlim" e outro no formidável drama de guerra no Pacífico "Destroier", com Edward G. Robinson e Glenn Ford.

Marguerite Chapman é solteira. E uma das garotas mais "solicitadas" de Hollywood. Pudera!... Mas não se sabe de nenhum "romance" seu...

Está atualmente trabalhando na filmagem de "Meu Reino por um Cozinheiro", comédia romântica em que o grande Charles Corburn tem uma notável "performance" e onde estréia William Carter, novo galã da Columbia que, dizem os entendidos, tem todo o jeito de ser a "coqueluche" das pequenas na próxima temporada!



MARGUERITE CHAPMAN, a linda estrela de "Destroier", com Edward G. Robinson e Glen Ford; "Encontro em Berlim", com George Sanders; e "Meu reino por um cosinheiro" com Charles Corburn.

CHERYL WALKER
A estrela do film
«Noivas de Tio Sam»

Linda!

...num minuto!

com

PAN-CAKE MAKE-UP

a original criação de Max Factor-Hollywood para as estrelas da tela e para você. Fácil e rápido de aplicar, o seu efeito é mágico. A sua pele ficará de um suave avermelhado e de colorido perfeito.



PAN-CAKE MAKE-UP

Max Factor
HOLLYWOOD

A VENDA NAS CASAS DO RAMO

Eis aqui um grupo das Cover Girls, do filme ["MODELOS", produção colorida da Columbia que tem Rita Hayworth no principal papel.

Esta película, ora em exibição na Radio City Music Hall, de Nova York é um musical verdadeiramente moderno, isto é, com piadas e muito enredo. O technicolor, segundo as notícias que nos chegam, é simplesmente soberbo e, conquanto apareçam muito rapidamente, as "cover-girls" causam uma profunda impressão.

*

Anne Gwynne e Richard Quine, da Universal, realizam aqui uma cena de "We never been licked", tal como a desejariam ver as mocinhas românticas de hoje. Ele, pronto para servir a Patria em perigo. Ela orgulhosa do amor de seu herói.

*

DE CINEMA

MAE WEST, a "dama das curvas" que aí vem nessa "torrida" "Sedução tropical", para a Columbia, é a responsável por uma nova palavra na língua inglesa.

Pois que os rapazes da RAF chamam aos galecon, salvavidas que levam vestidos durante seus raids: — MAE WEST. E' que, dizem eles, com semelhante traje ficam cheio de "curvas", que lembram a original estrela americana. Além da famosa estrela, atuará nesta película, a orquestra de Xavier Cugat, Victor Moore e a notavel pianista "colored" Hazel Scott que vimos recentemente em "Canta Coração".



Ella Raines, a conhecida "garota dos milhões", como ficou apelidada, depois que foi organizada a companhia de Charles Boyer e Howard Hawks, e da qual ela passou a ser logo a primeira estrela.

Miss Raines era aluna da Universidade de Washington quando foi "descoberta" pelos "talent scouts" de "Hollywood, e uma das amadoras mais ativas em arte dramática de sua Universidade. Faz parte do elenco de "Aurora Sangrenta", filme Metro com "cast" 100% feminino.

*

A encantadora Lucille Ball sabe bem como passar as suas férias na fazenda que possui em Chatsworth. Mandou construir uma piscina estilo agreste, assim como esta, e aí costuma passar os dias esquecida da labuta dos estudos. A bela esposa de Desi Arnaz, que no ano passado foi contratada pela Metro, tem já para serem exibidos entre nós "Du Barry era um pedaço", "Rainha dos Corações" e "Meet the People", todos em technicolor.



**Nos penteados reside
a nota alta da
elegancia das estrelas**

Dê ao seu penteado uma nota de requintada elegancia e bom gosto, servindo-se do Instituto de Beleza Venus, dirigido por Reinaldo, o mestre dos mestres em sua arte.

PERMANENTES e MANICURES

**INSTITUTO DE BELEZA
VENUS**

RUA RIO DE JANEIRO, 598
BELO HORIZONTE



O GOVERNADOR BENEDITO VALADARES EXCURSIONA PELO SUDOESTE MINEIRO

● APÓS A INAUGURAÇÃO DAS GRANDIOSAS OBRAS DA ESTANCIA DE ARAXÁ, O GOVERNADOR DO ESTADO REALIZA MAIS UMA IMPORTANTE VIAGEM DE INSPECÇÃO AOS NOSSOS MUNICIPIOS — EXPRESSIVAS HOMENAGENS DA SOCIEDADE DO SUDOESTE AO CHEFE DO GOVERNO MINEIRO.

AINDA repercutiam em todo o

Estado as excepcionais homenagens recebidas pelo Presidente da República e pelo Governador do Estado em Araxá, onde se inauguraram as monumentais obras da estância ali realizadas pelo atual Governo de Minas, quando, após despedir-se do sr. Getúlio Vargas, que regressou ao Rio, deu início o sr. Benedito Valadares a mais uma importante viagem de inspecção aos nossos municípios do Sudoeste em cumprimento ao seu plano de observar "in-loco" as possibilidades e as necessidades de nossas comunas.

Visitando as escolas e repartições, inspecionando pessoalmente as obras públicas do Estado e dos municípios, sentindo de perto as necessidades reais da indústria, da lavoura, da pecuária e do Comercio do nosso "hinterland", o governador Benedito Valadares, nessas longas viagens que está empreendendo com sacrifício de seu conforto pessoal, tem podido colher os mais compensadores resultados, como se pode sentir nos diversos atos de seu benemerito governo, determinando novos melhoramentos a serem executados rapidamente, tomando providencias as mais diversas para incremento de nossa produção e estímulo de todas as atividades relacionadas com o progresso dos municípios visitados.

Durante a excursão pelo Sudoeste, o Chefe do Governo Mineiro visitou a Usina Pai Joaquim, a grande central elétrica, que êle fez construir para estimular o progresso industrial do Triangulo Mineiro, tendo percorrido ainda os municípios de Ibiracá, Cassia, Passos, São Sebastião do Paraizo, Pratápolis, São

*

Antes de empreender a sua viagem ao Sudoeste mineiro, o Governador Benedito Valadares assistiu, em Araxá, ao desfile da mocidade das escolas realizado em sua honra e do Presidente Getúlio Vargas.

Tomaz de Aquino e Capetinga, além da localidade de Itaú, onde visitou a grande industria de cimento que tem o mesmo nome. Encerrando a sua excursão, dirigiu-se o Governador do Estado para Uberaba, onde foi inaugurar

a exposição Agro-Pecuária que ali abriu no dia 1.º de Maio ultimo.

Por todas as cidades visitadas, teve o governador Benedito Valadares oportunidade de conhecer o quanto é estimado e admira-



Despedindo-se do Presidente da República. Os dois governadores se abraçam com a sincera amizade que os une na causa de bem servir ao Brasil. E interpretando os sentimentos de todos os mineiros, o governador Benedito Valadares deseja ao Presidente Getúlio Vargas uma feliz viagem e um breve regresso.



Em visita aos departamentos de nossas municipalidades no Sudoeste, o governador Benedito Valadares analisou a organização dos serviços públicos que lhe são confiados mostrando-se satisfeito com os resultados colhidos pela orientação que seu Governo vem dando a esse setor da administração no Estado.

rado pelo seu povo. Autoridades, elementos de representação social, além da mocidade escolar, todos vibrando de entusiasmo cívico e patriótico, uniram-se na mais comovente demonstração de apreço que já se tributou naquela zona a qualquer homem público. Sucederam-se, por todo o trajeto, as manifestações populares ao Governador do Estado,

numa eloquente afirmação de união do povo mineiro em torno de seu esclarecido governo.

A viagem do Governador Benedito Valadares ao sudoeste do Estado, representou, sem dúvida alguma, mais uma proveitosa excursão que refletirá em benefícios de toda ordem para aquelas comunas mineiras. E serviu

ainda para proporcionar ao ilustre dirigente do nosso Estado, mais uma oportunidade para receber a justa consagração a que faz jús, pelo patriótico governo que vem realizando em Minas Gerais com os olhos voltados para os legítimos interesses de seu povo e para a grandeza da Pátria.

A pecuária deve ao governador Benedito Valadares, sem nenhum favor, a magnífica fase de expansão que ora atravessa nosso Estado. Criando, em moldes modernos, o crédito rural; fornecendo assistência técnica eficiente; promovendo as facilidades e os recursos que possibilitaram a realização das exposições regionais; e ainda por outras medidas do mais largo alcance, pode o governador Benedito Valadares contribuir para a confortadora situação de prosperidade que se observa nesse importante setor de nossa economia. Aqui o vemos, em uma grande fazenda de Cássia, examinando um famoso reprodutor de propriedade do sr. Antenor Machado de Azevedo.



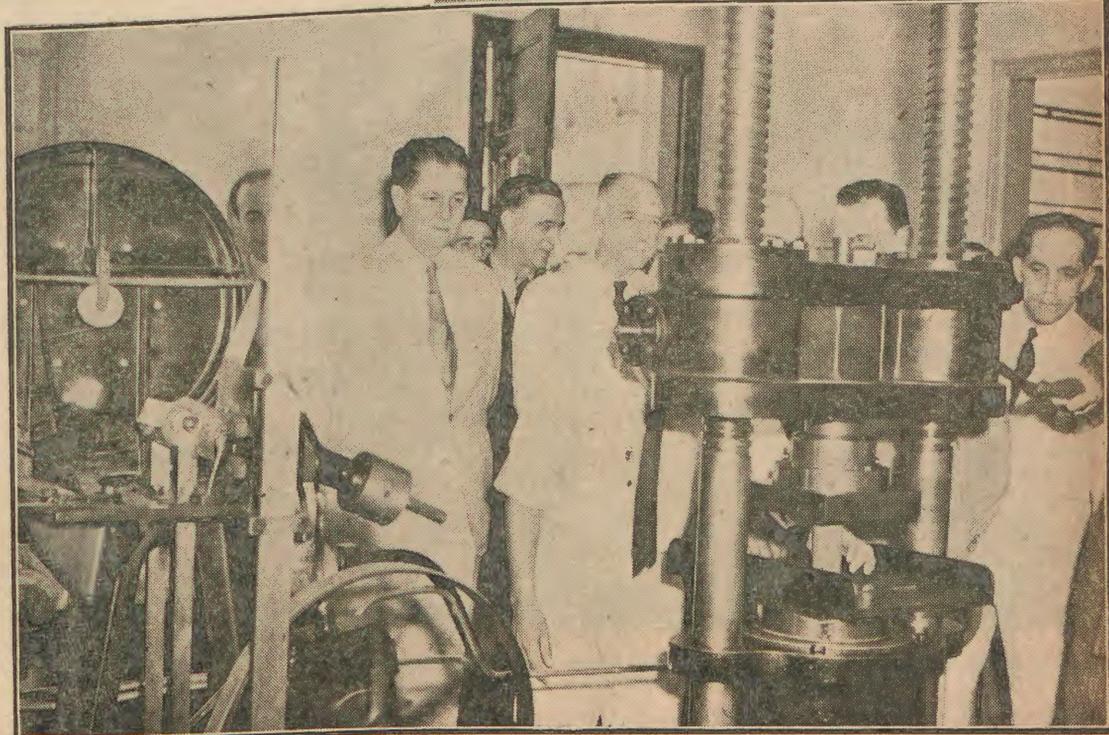


Em Pratapolis, o governador Benedito Valadares agradece a manifestação popular que lhe foi prestada à sua chegada, cercado pelas autoridades civis e eclesásticas do município e sob as palmas do povo.

Sensível às manifestações da infância mineira, pela qual o seu governo muito tem realizado, o Chefe do Governo Mineiro ouve carinhosamente a saudação que lhe faz uma escolar de Cássia.

*

Interessado no surto industrial mineiro, por cujos interesses o seu governo tem trabalhado incansavelmente, o sr. Benedito Valadares visita as instalações da grande fabrica de cimento Itau.



onde a aguardamos, depois de anunciados pelo telefone, Eros Volusia aparece, espiritual e leve, seguida de D. Gilka Machado, que faz, amavelmente, as apresentações.

Iniciando a palestra, fala em primeiro lugar a poetisa admirável da "Mulher Nua", que nos faz o elogio do ritmo, que ela acha indispensável à poesia, como à vida. E, quando, finalizando, alude à morte, a cessação dos ritmos da vida — nós nos voltamos para Eros, que é a vida na mais alta plenitude de seus ritmos, o ritmo integral, vibrando, aos nossos olhos, toda ela nervosa e musical como a asa, volátil como a névoa, assim como a temos visto tantas vezes, maravilhosa e alada, na execução de seus bailados magníficos.

Eros, bastante moça, já recebeu os aplausos dos maiores críticos de arte, e, entre nós, a sua notoriedade estará para sempre ligada à oficialização da dança popular brasileira, estilizada, de que ela não é apenas a suprema intérprete, mas a sua notável criadora. Mas o título que hoje a singulariza, Eros não o conquistou sem o esforço que distingue os artistas verdadeiros, sem experimentar essa dose de contrariedade, advinda das incompreensões de seu meio, a que estão sujeitos quantos já ofereceram alguma coisa de novo, nos domínios da beleza! E isto, ao invés de depreciá-la, pelo contrário, emoldura de maior renome os seus tí-

EROS VOLUSIA TEM MEDO DE AMAR

tulos de arte, a sua glória esplêndida, para cuja escala contou, apenas, com os impulsos de uma vocação tirânica, absolvente, que, vitoriosa em breve, deveria tornar o seu nome cultuado em todo o continente, pelos críticos, pelas platéias, pelas multidões.

Afeita a aplaudir as danças típicas de outros povos, executadas por intérpretes estrangeiros, a ignorância que, de casaca e peitilho engomado, costuma, nos grandes centros de arte, expandir-se em admirações fáceis por tudo quanto venha de fora, sempre olhou com olhos superiores para a nossa dança popular, tão rica de aspectos e de sugestões, como a encontramos catalogada por Afonso Arinos em suas belas "Lendas e Tradições Brasileiras".

Mas a menina petulante e atormentada pela vocação, estava disposta a aceitar o desafio. E logo em seu primeiro contato com o público, Eros triunfa, abafa o pessimismo patricio, esmaga a má vontade dos mais caturras, levando de roldão, na mesma onda fervente de entusiasmo, os críticos, as casacas e os peitilhos.

Eros nos recorda essa grande noite:

— "Foi, sem dúvida, a minha maior vitória. Naquela noite inol-

vidável do Municipal, impondo a oficialização da nossa dança popular, eu havia, bem o sei, alcançado o meu maior triunfo. As emoções que guardo daquelas horas são as mais inesquecíveis, porque sentia as responsabilidades que pesavam sobre mim. Mas tudo, felizmente, redundou em sucesso estrepitoso, e até o Ministro da Educação, para penetrar no recinto viu-se obrigado, tal a disputa de ingressos, a exibir, na porta, as suas credenciais.

Antes, na Escola de Belas Artes, ilustrando uma conferência de Luiz Edmundo, já eu dansara as danças do Brasil Colonial, com os mesmos aplausos e os mesmos louvores. Estou certa, contudo, que dali me vieram os melhores estímulos e um desejo mais forte, mais ardente, de trazer, à luz os ritmos do povo, a sua dança singular e impressionante, toda ela esplendidamente brasileira.

Depois... vieram outros estímulos, outros aplausos, outras compreensões. Nos Estados Unidos, quando lá estive, fui, até agora, com relação ao cinema, a única candidata dispensada dos tests a que se tem submetido os artistas mais diversos do mundo.

Eros faz uma pausa. Resolve-mos conhecer um pouco do temperamento e da alma da bailarina, fora da sua arte. A palestra recai sobre o amor. D. Gilka expõe conceitos finos sobre as paixões que tem observado, assunto de que ela tratou com maestria em quasi todos os seus admiráveis poemas. A conversação animasse, ainda mais. Eros nos dá a sua opinião:

— "Seria melhor não falar daquilo que não conheço. Ou daquilo que me alegraria bastante conhecer. Para ser franca, não me acancho de confessar: Tenho medo do Amor. Conheço de sobra o meu temperamento sei que a minha serenidade habitual correria perigo, pela primeira vez. Talvez, por isso, embora tenha que o casamento seja a finalidade da mulher, acho que, para os artistas, o casamento é obstáculo dos mais sérios. Não se pode, ao mesmo tempo, ser artista e constituir família. Isto, contudo, são teorias. A vida tem surpresas, nem sempre desagradáveis, e — quem sabe? — encontrarei, ainda, um amor mais forte do que a minha arte?"

Nacionalista, preferiria casar-



Eros Volusia e Gilka Machado fotografadas em nossa redação quando palestravam com um dos diretores da ALTEROSA



Como, há 35 anos.

este é um tratamento de beleza

**SIMPLES...
PERFEITO!**



Complete seus cuidados de beleza, lavando os cabelos, ao menos duas vezes por semana, com o shampoo de luxo "Stellax", de espuma abundante e fina - E use um depilatorio realmente eficaz e sem cheiro: Porlac.

NENHUMA consagração poderia ser tão decisiva como a preferencia das mais formosas mulheres através de 35 anos! Hoje, como então, Cera Mercolizada (Mercolized Wax) representa um simples e perfeito tratamento de beleza. Todas as noites, ao deitar, passe a Cera Mercolizada sobre a sua cutis. Cera Mercolizada acelera a renovação das células gastas e elimina panos e espinhas, rejuvenescendo a pele. Cera Mercolizada acha-se à venda nas farmacias, drogarias e perfumarias



CERA MERCOLIZADA

CONSERVA SUA CUTIS *Bella e Fresca*

me, nesse caso, com um brasileiro. Tolice é a gente fixar um tipo, de vez que os instintos que nos governam são bastante sábios para escolhê-lo ao seu modo, sem que sejamos consultadas no assunto. E, ao demais, tenho ajudado pouco com os homens. A carreira tem me colocado, até agora, no centro de grandes multidoes. E esta tem sido, a par de minha arte, o meu único amor".

Nesse ponto, outras visitas reclamavam a presença de Eros Volúcia. Despedimo-nos, felicitando-a pelo êxito que alcançou em Belo Horizonte. E ela nos prometeu incluir as impressões que vai levar de nossa capital entre as melhores que tem recebido em sua vida.

*

A JOVEM que ao romper o noivado fala mal do ex-noivo, se coloca em pessimo lugar. O ex-noivo que, por despeito, procede de identica forma, não é um cavalheiro. O rompimento do noivado, sempre por motivo grave, deve permanecer em segredo e não ser motivo de falinhas nem mutuos ataques.

AO PÉ DA LETRA

A DOECEU a mulher de um lavrador e este mandou chamar o médico.

O clínico manifestou algum receio pelo pagamento de seus honorarios, porém, o lavrador lhe disse:

— Não tenha cuidado, doutor: tenho cinco onças de ouro; veja. Tanto matando minha mulher como curando-a, será pago.

Morrêdo a esposa do lavrador, ao cabo de alguns dias, o medico se apresentou para receber o dinheiro. O lavrador, então lhe disse:

— Aquí me tem o senhor disposto a cumprir a minha promessa. Porém, antes, permita-me fazer-lhe duas perguntas diante dos presentes:

— Diga-me: matou o Sr. minha mulher?

— Não, certamente, respondeu o médico.

— Alegra-me isto. Curou-a, então?

— Desgraçadamente, não.

— Pois se não a matou nem a curou, nada lhe devo.

*

A CIVILIZAÇÃO é a "domesticção" do homem. Sempre relativa, muitas vezes precária.

AFRÂNIO PEIXOTO

O crítico é o homem que exige nos outros o que não tem em si.

CLEÓMENES CAMPOS

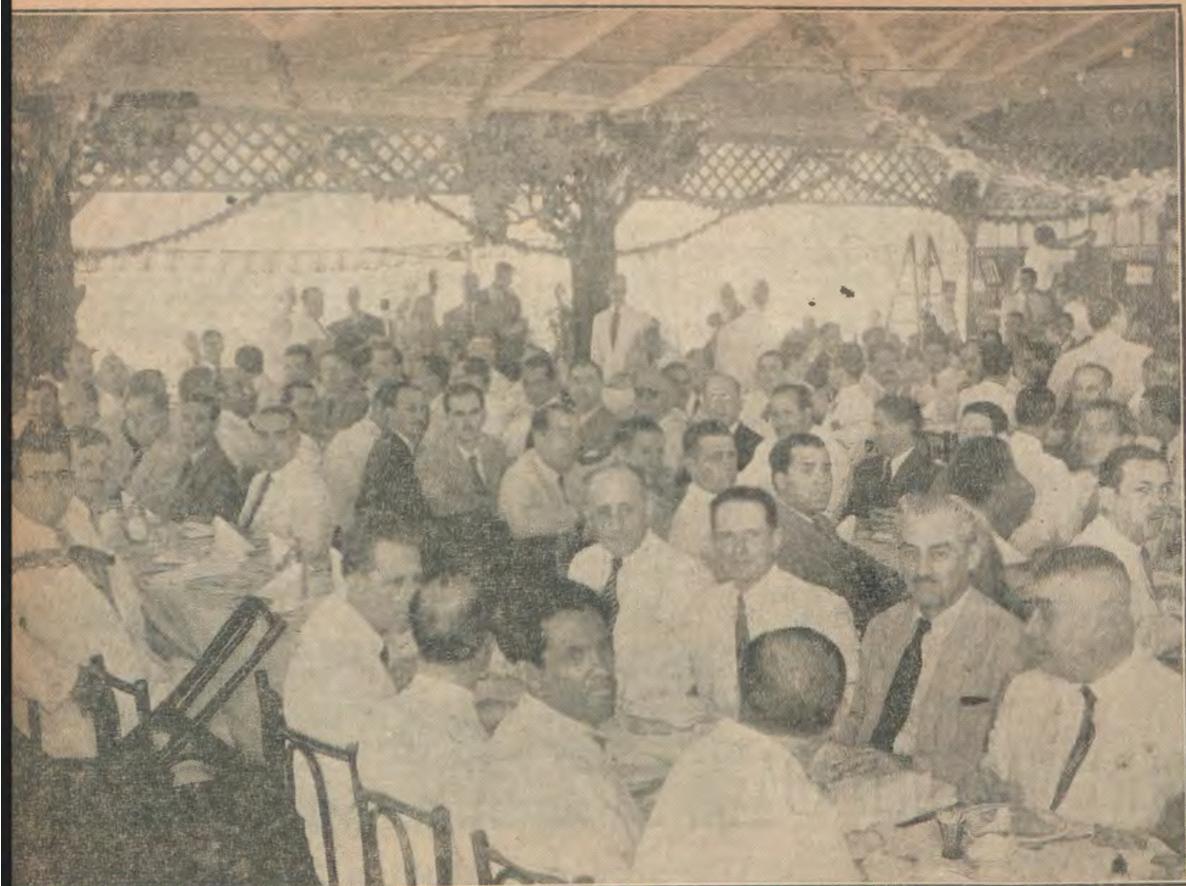
SRS. DENTISTAS

**LABORATORIO
ROCHA**

Protese dentaria especializada

*

Av. Afonso Pena, 526 — Fone 2-5447 — Edifício Mariana Belo Horizonte — Minas



OS GRANDES EMPREENDIMENTOS COMERCIAIS E NACIONALISTAS

A "CHURRASCADA GAÚCHA" tornou-se um dos estabelecimentos mais populares do Rio de Janeiro. Essa vitoriosa iniciativa, nascida de um profundo sentimento nacionalista, obra de um autêntico gaúcho, conquistou a simpatia do público e, muito particularmente, daqueles que conhecem a confecção desse prato regional, dessa magnífica especialidade que os entendidos consideram como alimentação essencialmente saudável e necessária.

Deve-se tal iniciativa, que hoje possui vários imitadores como todas as coisas que conseguem tornar-se vitoriosas, ao espírito organizador de Sady Gonçalves da Silva, fundador da "Churrascaria Gaúcha", homem de inextinguível visão e vontade férrea "double"

de negociante e diplomata, cuja delicadeza e critério impuzeram sua personalidade a um prestígio dos mais dignos no seio da melhor sociedade carioca.

A "Churrascaria Gaúcha", que está devidamente aparelhada e possui um pessoal distinto e competente, tornou-se o ponto predileto para grandes reuniões, ali se comemorando acontecimentos esportivos e sociais, aniversários de firmas comerciais e outras festas íntimas ou de aspecto público.

Este belo e amplo estabelecimento está instalado nos terrenos da antiga Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, bem defronte do Aeroporto Santos Dumont. Nosso "cliché" focaliza uma das animadas reuniões realizadas na "Churrascaria Gaúcha".

CARIDADE

A alma do homem se torna egoísta e [má] porque a impiedade de hoje é a sua [escola]. Essa, que no Evangelho se acrisola, Caridade cristã, onde é que está?

Capazes hoje em dia poucos há dessa piedade rara que consola, que os olhos fecha para dar a esmola, a fim de que não veja a quem a dá.

Sede piedosos. Bemaventurados os que fazem o bem de olhos fechados, pois a esmola é só útil e eficaz,

só tem justo valor, sem dano ou perda, Se não chega a saber a mão esquerda o benefício que a direita faz.

FRANCISCA JULIA

*

A MULHER veste para agradar ao homem, ou simplesmente para aparecer às outras mulheres? Seria o caso de se fazer esta pergunta!

Agora, principalmente, e mais do que nunca, Eva devia se apresentar mais agradável aos olhos dos Adões do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Mas como? De certo que fazendo-se bela e encantadora perante os soldados que cumprem seu dever patriótico em todos os "fronts" aliados. Um vestido que revele os encantos da namorada, é tudo que pôde desejar o jovem soldado, quando volta à terra natal, em gozo de licença, — diz Irene, a famosa figurinista da Metro. Repugna-lhe ver na "pequena" trapos chelos de "visage" a lhe ofuscar a carinha bonita.

A guerra jamais destruirá o "it" e o fascínio femininos, se os homens por fim compreenderem que nunca a mulher será mulher medida em uniformes severos e rígidos de elegância.

A moda feminina, agora, tem que ser suave como a própria mulher.

Os enfeites exagerados estão



42

"SINTO-ME
SATISFEITA,
E
COM
RAZÃO!"

VERIFIQUE
O ACAM-
PAMENTO
INDIO
EM CADA
PACOTE

Naturalmente, sinto-me tão bem disposta... cheia de vivacidade e energia. Boa saúde é a razão da alegria de viver! Assimile alimentos verdadeiramente nutritivos, preparados com Maizena Duryea — o alimento supremo.

**MAIZENA
DURYEA**

▲ LTDA.

A ELEGANCIA E A GUERRA

* * *

sendo substituídos por modelos de linhas simples, que serão, aliás, a característica dominante

*



COM MENOS DE 6 MEZES V. S. FARÁ desenhos como este: de imaginação porque desenhar não é copiar figuras.

Aprenda **DESENHO ARTISTICO**
AMIANTO 302 — SANTA TEREZA

te nos estilos das próximas estações.

Afirma Irene que os últimos modelos que tem visto de "soirées" e vestidos de passeio são distintos, sobretudo pela sobriedade de feitura.

Os chamados "slacks" estão positivamente caindo da moda. Continuam, entretanto os chamados macacões para moças que trabalham em fábricas, por serem mais práticos. Toleram-se calças, igualmente, para o esporte.

A falta de meias poderia constituir outro problema bastante sério para o que diz respeito à delicadeza e encanto da mulher moderna. Não se vendem mais meias de seda natural, e, mesmo as de "nylon" estão escasseando cada vez mais — porém as de algodão que hoje se fabricam adquiriram já um padrão de perfeição, que substituem, perfeitamente, aquelas. A carência de panos e variedades de enfeites não será capaz de afetar a habilidade dos figurinistas, pois que esses sempre sabem descobrir um meio de adaptar as suas criações às exigências da guerra.

MAIS UM SORTEIO DAS CONSOLIDADAS MINEIRAS

Contemplada com Cr \$ 500.000,00 a apolice n. 1.215.449, da serie B
Outros premios do grande sorteio realizado em 30 de Abril ultimo



Aspecto fixado por ocasião do sorteio, vendo-se o Secretario das Finanças, sr. Edson Alvares da Silva, cercado pelos representantes das entidades de classe, altos funcionarios daquela repartição e assistentes.

AS APOLICES do Emprestimo Mineiro de Consolidação continuam distribuindo, com a pontualidade do costume, os grandes premios em dinheiro constantes do plano de sorteios que caracterizam o seu plano.

No dia 30 de Abril último, no auditório da Escola Normal desta Capital, realizou-se mais um grande sorteio de prémios das apolices da Serie B, com a presença do sr. Edson Alvares, secretário

das Finanças do Estado, altos funcionários daquela repartição, banqueiros, representantes de nossas entidades de classe, jornalistas e convidados. O ato foi público e presidido pelo sr. Francisco Martine, superintendente do Departamento da Despesa Variavel da Secretaria das Finanças, tendo a êle comparecido também grande número de portadores de títulos.

Damos, a seguir, o resultado geral do sorteio.

I. 215.449	Cr\$ 500.000,00
I. 838.164	Cr\$ 50.000,00
1.633.722	Cr\$ 20.000,00
1.338.012	Cr\$ 10.000,00
1.416.377	Cr\$ 10.000,00
1.786.453	Cr\$ 10.000,00

PREMIOS DE CR\$5.000,00

1.021.286 — 1.331.625 — 1.743.529 — 1.993.591 — 1.999.101

PREMIOS DE CR\$1.000,00

1.081.110 — 1.052.932 — 1.092.841 — 1.09.621 — 1.118.649 — 1.120.104 — 1.124.705 — 1.129.576 —
 1.134757 — 1.144.789 — 1.150.735 — 1.173.444 — 1.185.706 — 1.195.094 — 1.195.805 — 1.206.192 —
 1.206.669 — 1.219.124 — 1.228.377 — 1.229.065 — 1.243.716 — 1.245.209 — 1.253.188 — 1.246.805 —
 1.276.586 — 1.291.136 — 1.323.274 — 1.324.396 — 1.328.512 — 1.330.321 — 1.355.267 — 1.361.869 —
 1.392.766 — 1.416.877 — 1.421.612 — 1.426.455 — 1.429.567 — 1.429.640 — 1.452.363 — 1.466.355 —
 1.519.472 — 1.536.212 — 1.542.416 — 1.543.736 — 1.555.107 — 1.563.925 — 1.566.789 — 1.570.667 —
 1.576.376 — 1.583.700 — 1.594.652 — 1.600.043 — 1.636.436 — 1.665.430 — 1.706.116 — 1.715.971 —
 1.721.734 — 1.737.482 — 1.745.651 — 1.746.442 — 1.752.457 — 1.776.454 — 1.777.670 — 1.800.626 —
 1.881.930 — 1.896.049 — 1.898.748 — 1.904.622 — 1.925.551 — 1.934.069 — 1.946.139 — 1.959.400 —
 1.990.697 — 1.996.721 — 1.997.427.

D'ALESSANDRO

O programa "artistas novos do Brasil", organizado e dirigido pela conhecida jornalista carioca Magda-la Gama de Oliveira, para a Rádio Transmissora, incontestavelmente, tem atingido seu grande objetivo, qual seja o de apontar os elementos capazes de dignificar a arte, amadores dignos de amparo e estímulo.

*

Da "cidade maravilhosa" nos chegam notícias sobre o provável reaparecimento de Carmen Miranda na Rádio Mayrink Veiga. Esta notícia, que divulgamos em primeira mão, nos foi fornecida por pessoa de alta projeção no "broadcasting" guana-barino, adiantando-nos mais que a conhecida sambista "se encontra atualmente muito indisposta na pátria do cinema." Que o "boto" vingue, são os desejos de milhões de brasileiros.

*

Fala-se na vinda do Nhô Totico o "imitador inimitável" para uma temporada na estação da Feira de Amstras. Confirmada a notícia, teremos oportunidade de nos deleitarmos com excelentes programas de fino humorismo que somente o grande artista da Rádio Cultura de São Paulo é capaz de proporcionar ao público brasileiro.

*

A conhecida Maria D'Avila excursionou a Araxá e Uberaba, mas já regressou às programações de estúdio de PRI-3, onde continua emprestando o valor de sua arte à emissora "mais perfeita do Continente".

*

As Irmãs Pedroso que também estavam afastadas do nosso rádio reapareceram na onda da Rádio Guarani. Artistas natas, dotadas de vozes privilegiadas e de uma personalidade inconfundível, as Irmãs Pedroso detêm ainda agora, o cetro de soberanas absolutas da radiofonia montanhosa.

*

Carlos Galhardo virá a Belo Horizonte, no próximo mês, para uma temporada numa das emissoras citadinas. Confirmado o nosso "furo", teremos ensejo de escutar e ouvir de perto o feliz criador de tantos sucessos radiofônicos de nossa terra.

*

A Rádio Nacional continua marchando na frente da radiofonia nacional. Seus programas e seus artistas, o que há de mais selecionado, são qualquer coisa de extasiar os mais exigentes rádios-escutas.

*

Cesar Ladeira, depois de realizar vitoriosa "temporada" ao microfone da Rádio Clube, de Pernambuco, regressa, onde o conhecido locutor paulista se firmou como um elemento indispensável às programações da "nossa" PRA-9.

*

A programação de PRA-9, Radio Mayrink Veiga, continua melhorando. Especialmente agora, com a volta de assumiu seu posto na Mayrink Veiga Cesar Ladeira, e as recentes aquisições de elementos de valor que deixaram o "cast" da Nacional pela "sua estação".

○ "CLUBE DO LERO LERO", da PRH-6, continua sendo a mais dolorosa interrogação do "broadcasting" mineiro. Até agora ninguém conseguiu apurar a finalidade apresentada pelo programa das terças-feiras, irradiado pela Rádio Guarani.

*

○ ENSAIO do cantor deve restringir-se apenas à adaptação do ritmo, afinação, entendimento das "entradas" e colocação ao microfone. Isto feito, os resultados serão magníficos, desde que não continue a acontecer o que se vem passando com o Regional da Rádio Inconfidência, sempre a "cobrir" totalmente, a voz dos cantores.

*

○ OS PROGRAMAS literários da Rádio Inconfidência continuam sendo o ponto alto das irradiações da emissora oficial. Organizados por pessoas cultas, competentes e entendidas, os vários "broadcasts" literários da P.R.I.-3 veem correspondendo em tôda linha à finalidade para a qual foram criados e lançados ao ar.

*

○ OS PROGRAMAS de Alaor Brasil na Rádio Guarani, continuam agradando sobremaneira ao seu numeroso público ouvinte. O jovem cantor de músicas portenhas vem fazendo jus às elogiosas referências que a crítica local lhe tem dispensado em abundância.

*

NINGUEM negará a Pitanga e Bentinho o talento capaz de fazer sucesso sem necessidade de recorrer a excêso de sal e... pimenta. Daí a estranheza de muita gente que assistiu o programa de sua "rentrée" na PRH-6, inogavelmente dos mais "apimentados" que já foi irradiado em nossa Capital.

* * *

LÚ MORENO NA PRI 3

MAIS UMA BÓA APRESENTAÇÃO DA POTENTE EMISSORA OFICIAL

A RÁDIO INCONFIDENCIA "pioneira" na apresentação dos grandes cartazes do "broadcasting" nacional e estrangeiro, teve a primazia de apresentar a cantora carioca LÚ MORENO, fidelíssima interprete de melodias aztecas.

Seus programas tiveram sempre o cunho festivo dos grandes acontecimentos. Exclusiva da PRA-9, LÚ MORENO tornou-se querida dos louvintes da "estação dos astros".

E foi lá que a Rádio Inconfidência foi buscá-la para proporcionar, ao seu público ouvinte, uma série de audições. A temporada de Lú Moreno assinalou um acontecimento na vida radiofônica de Minas Gerais.



LÚ MORENO

CONVERSANDO COM PAULO LESSA, O DE'CANO DOS LOCUTORES MINEIROS



PAULO LESSA

PAULO LESSA, o veterano de nossos locutores, é o conhecido Reporter Esso, da Radio Inconfidência, em cujo microfone atua desde 1936, depois de haver iniciado as suas atividades na Radio Mineira, a nossa primeira emissora.

Cercado do aplauso de seus fans, estes são numerosos, quer em Minas, quer fora de nosso Estado, Paulo Lessa é uma vocação autêntica, um homem para quem a vida teria sido sem finalidade, no caso em que tivesse vindo ao mundo, antes que o rádio se tivesse tornado a força que ele representa, em nossos dias. Mas, acontecendo de modo diverso, encontrou no seu clima, o ambiente propício à vida de suas aspirações, e a sua própria vida. Veterano do rádio, como já dissemos, ele sabe contar, em interessante palestra, fatos pitorescos relacionados com a passagem radiofônica de outros tempos, e é o que ele vem fazer, hoje, procurado por ALTEROSA, para uma entrevista-relampago, num dos cafés da cidade.

— “Cheguei a Belo Horizonte, vindo do Amazonas, onde vivi algum tempo, — disse-nos ele — justamente na época em que a veterana de nossas emissoras, a Mineira, promovia, querendo entrar numa nova fase, um concurso para locutores. Tive conhecimento da notícia no mesmo dia do concurso, e não entrei, sem inscrição. Eu ignorava, ao tempo, o que fosse a exata atividade de um locutor, mas resolvi apresentar-me em concurso, apenas desejoso de to-

mar uma direção na vida. Até hoje não consigo me explicar porque, entre 34 candidatos, fui eu o feliz vencedor. E assim, de uma hora para outra, com verdadeira surpresa minha e de quantos me conheciam, me vi locutor, profissão em que me acho, hoje, verdadeiramente aclimatado.

Depois de uma pequena pausa, prosseguiu:

— É interessante recordar um fato, ocorrido então. Entre os 34 candidatos do aludido concurso, encontrei meus velhos amigos Enio de Oliveira Santos, Waldemar Tavares Pais e dr. Augusto Ribeiro de Carvalho, figuras que hoje ocupam lugares de destaque e projeção na vida mineira.”

Achamos curiosa a revelação, e Paulo Lessa continuou:

— “Não me foi difícil ambientar-me no rádio, contando com numerosos amigos, dentro da emissora. São eles Josafat Florêncio, Henrique Silva, Frutuoso Monteiro e José Campos, então diretores da estação.

Não me esqueço, porém, de uma passagem curiosa, que deu motivo a grandes festas. Foi a estréia do primeiro artista apresentado ao microfone, em Minas. Nesse dia, para comemorar o acontecimento, que teve grande repercussão, houve muito chope e muita alegria. Esse artista era meu inseparável amigo Cezar Prates, cantor àquela tempo e hoje advogado e alto funcionário do Banco do Brasil. Ele estrelava, como seresteiro, e eu, como locutor, conseguindo ambos despertar atenções gerais e suscitar fortes entusiasmos. Tivemos o prazer de receber as primeiras cartas dos “fans” mineiros e o telefone não nos permitia descansar, nos intervalos. Também, pudera... Eramos nós os únicos frequentadores do microfone na Cidade, e não tínhamos nem esperanças de futuros concorrentes.”

O garçon nos interrompe, para servir o café, e Paulo Lessa continua:

— “Podemos taxar de salário de camaradagem o que recebíamos naquela época. Pagavam-me duzentos e cinquenta cruzeiros, ordenado incontestavelmente pequeno, mas compensado pelas afeições que nos dedicavam os diretores da estação. Um dia, entretanto, deu-se um fato verdadeiramente notável, para mim, calouro do rádio. Foi um grande tiro econômico, cujo estampido ensurdeceu-me. O nosso generoso amigo Amaral, então gerente da Companhia Antártica Mineira, me espantou com o prêmio de dois mil e quinhentos cruzeiros, a mim conferido por uma pequena composição musical de propaganda de uma nova marca de cerveja, lançada ao mercado. Foi este o meu primeiro lucro da profissão. Depois, houve uma alteração em mi-

nhas atividades profissionais. Isto em 1933, quando conclui o curso em nossa Faculdade de Direito, e coincidindo o fato com o término da revolução de 32, na qual tive oportunidade de prestar serviços ao Governo, relativo à propagação, fui nomeado promotor de justiça de Bonfim, pelo Presidente Olegario Maciel. Deixei o meu lugar de locutor a meu irmão Francisco, que nessa época me auxiliava nas atividades radiofônicas. Um ano depois, o meu amigo dr. Gabriel Passos, assumindo a Secretaria do Interior, removeu-me para Itapeerica. Depois de um curto período naquela Comarca, senti saudades do rádio. Achava-me deslocado na promotoria, tendo, então, certeza de que minha vocação autêntica estava no ambiente radiofônico. E foi assim que, voltando a Belo Horizonte, fui, em 1932, a distinguido pelo dr. Israel Pinheiro com uma incumbência de publicidade junto à Exposição Farroupilha, lá tendo permanecido seis meses. Quis, então, o diretor da Rádio Farroupilha que eu ficasse no sul, como locutor-chefe daquela emissora. Resolvi, porém, regressar a Minas, onde em junho de 1936, o dr. Israel Pinheiro me fez convite para atuar na Inconfidência. Ali estou desde aquela época. Sintome satisfeito. Tenho boas relações de amizade e fui sempre distinguido pelo grande jornalista Luiz de Bessa e agora pelo Dr. Murilo Rubião, diretores da P.R.I-3.”

Estava, com estas últimas palavras, terminada a nossa entrevista. Despedimo-nos de Paulo Lessa, em quem vemos uma figura amável e simpática, digna do alto nome radiofônico que possui.

* * *

ALMIR NEVES



ALMIR NEVES

Transcorreu no dia 20 de Maio, p. p. mais um aniversário natalício de ALMIR NEVES, muito estimado nesta Capital, mercê de suas qualidades de coração e caráter. Almir Neves é o cronista radiofônico de “Folha de Minas”.

A HOMEOPATIA

EM

BELO HORIZONTE

DR. WILSON ATAB

Médico especialista — Cursos de Medicina Alopática e Medicina Homeopática, pela Universidade do Rio de Janeiro — Do Serv. Clin. do Prof. Galhardo, do Rio — Membro do Inst. Hahnem do Brasil.

Consultório e residência: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo telefone: 2-3212

A TELEVISÃO EM "CHARGE"



Com esse magistral flagrante do "Teatro Imaginário" da Rádio Guarani, dirigido por F. Andrade, ALTE ROSA inicia uma série de "charges" destinadas a mostrar aos seus leitores, por dentro, os programas de maior popularidade em nosso "broadcasting". Enquanto não chega a "televisão" — que se anuncia para breve — iremos satisfazendo deste modo a natural curiosidade dos "rádio-fans", sequiosos de conhecer os artistas, locutores e personagens cuja voz corta o éter de nossas montanhas. Nesta "charge" de Fábio Borges, vemos Yolanda Melo, F. Andrade, Cid Carvalho, Lidia Castro, Anita Araujo e Artur Marques, quando eram caricaturados pelo desenhista de ALTEROSA.

*

FIGURAS DO RADIO



JOSÉ LINO, uma das últimas revelações do programa "Gurilandia" de PRH6.



O MAIOR SORTIMENTO DE LÃS DE TODAS AS MARCAS PELOS MENORES PREÇOS.

LOJA CENTRAL

É QUEM TEM!

*

AVENIDA AFONSO PENA, 555

— FONE, 2-7011



Grupo feito por ocasião da visita feita pelos diretores e convidados das duas grandes indústrias brasileiras, mostra de seus produtos no "hall" do Cine Brasil

INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DA "CIA. SALGEMA, SODA CAUSTICA E INDUSTRIAS QUIMICAS" E DA "CIA. ITATIG", NA CAPITAL

A Exposição de Produtos das duas grandes indústrias nacionais no "hall" do Cine Brasil — As solenidades tiveram o comparecimento do cel. Costa Neto, do almirante Virginius De Lamare e do Dr. Orlando Laurito Prioli, presidentes, e vice-presidente das novas e pujantes organizações nacionais

BELO HORIZONTE viveu dias de intensa atividade e brilho social em Maio ultimo, com as solenidades promovidas pelas duas grandes organizações industriais brasileiras que surgiram para servir ao nosso largo programa de libertação econômica iniciada sob os auspícios do Estado Nacional: — a "Cia. Itatig" e a "Cia. Salgema, Soda Caustica e Indústrias Químicas do Brasil".

Com a presença de seus respectivos presidentes, cel. Costa Ne-

to e almirante Virginius de Lamare, que aqui estiveram especialmente para presidir às solenidades, sendo cercados pela mais carinhosa recepção por parte da sociedade belorizontina e altas autoridades do Estado, teve lugar a inauguração solene das novas instalações da filial local, à Rua Espírito Santo, 604, 2.º andar, superintendida pelo cel. Hercúlando de Assumpção e sob a gerência do dr. Moacir Gosling Assumpção, além da Exposição de Produtos da Sal-

gema e da Itatig, no "hall" do Cine Brasil. As solenidades foram ainda abrilhantadas com a presença do dr. Orlando Prioli, vice-presidente da Cia. Salgema, que viajou em companhia do cel. Costa Neto e do almirante Virginius de Lamare.

INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DAS FILIAIS DE MINAS GERAIS

No intuito de corresponder ao vertiginoso aumento de suas atividades em nosso Estado, as duas pujantes indústrias nacionais fizeram inaugurar as novas instalações de suas filiais em Belo Horizonte, cujo endereço já indicamos.

A solenidade revestiu-se do aspecto de um verdadeiro acontecimento em nossa vida social e econômica, a ela comparecendo não somente os ilustres visitantes, como ainda os diretores e funcionários de suas filiais em Minas, altas autoridades e numerosos convidados, além dos representantes de toda a imprensa diária e periódica da Capital. O governador do Estado fez-se representar no ato pelo dr. Antonio Afonso de Moraes, tendo comparecido ainda os representantes do Presidente do Conselho Administrativo, dos Secretários do Governo Mineiro, do Prefeito da Capital, e do Chefe de Polícia.

Iniciando a solenidade, usou da palavra o cel. Costa Neto/



Aspecto fixado quando discursava o almirante Virginius De Lamare, presidente da "Cia. Salgema"

presidente da Cia. Itatig, que, em brilhante improviso, disse das finalidades que motivaram a fundação das referidas empresas e dos objetivos que se propuzeram, discorrendo largamente sobre a necessidade da industrialização do salgema e seus derivados em nosso país e os benefícios de ordem econômica que daí advirão para o Brasil. Teve o orador palavras de aplausos pelo que já se realizou nesse sentido, terminando a sua oração sob vivas aclamações de todos os presentes.

A seguir, discursou o almirante de Lamare, presidente da Cia. Salgema, Soda Caustica e Industrias Químicas do Brasil, que se deteve na análise do papel que essa importante industria representa nos quadros da economia nacional, salientando que o valor do salgema na industria química não precisa ser acentuado, pois que todos conhecem as multiplicas aplicações que lhe conferem um dos primeiros lugares na escala dos produtos nacionais. Enalteceu a simpatia com que está sendo recebido o empreendimento da Cia. Salgema e o grande interesse com que os mineiros sempre acompanharam os seus passos desde a sua fundação. Depois de estender-se em outras considerações, terminou o almirante Virginius de Lamare o seu discurso afirmando o seu regozijo ao constatar o alto prestígio que desfruta em Minas Gerais a empresa que tem a honra de presidir, encerrando a sua oração sob vivos aplausos de todos.

Falou ainda, em nome da diretoria da Cia Salgema, o dr. Orlando Prióli, seu vice-presidente, e um dos fundadores, depois do que usou a palavra o cel. Herculano d'Assumpção, superintendente das filiais das Cias. Salgema e Itatig em Minas Gerais, que teve ocasião de fazer um brilhante histórico das atividades dessas industrias em nosso Estado, terminando por enaltecer os resultados do esforço que ambas estão realizando no país para libertar a nossa industria da importação de produtos básicos, cuja aquisição nos mercados estrangeiros tem representado um permanente sacrificio para o Brasil.

A oração do cel. Herculano d'Assumpção foi concluída sob calorosas palmas de todos os presentes.

Em seguida, encerrou-se a solenidade, sendo servida uma taça de champagne aos convidados.

EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS DA "ITATIG" E DA "SALGEMA"

Terminada a solenidade inaugural das novas instalações das Cias. Salgema e Itatig em Belo Horizonte, todos os presentes se dirigiram ao "hall" do Cine Brasil, afim de visitar ali a Exposição de amostras dos produtos de fabricação dessas empresas.

A interessante mostra industrial causou magnífica impressão, revelando a completa vitória dos esforços em que estão empenhadas personalidades de



Flagrante colhido quando falava o cel. Costa Neto presidente da (Cia Itatig).

relevô nas classes conservadoras do país.

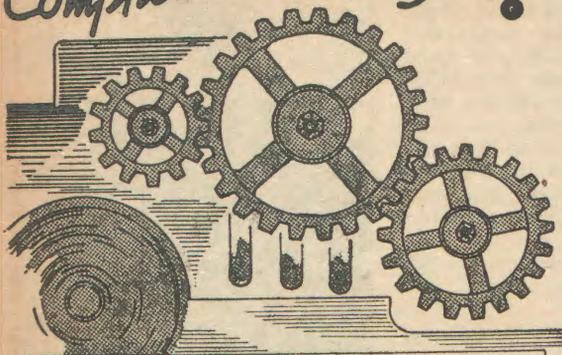
Os diretores das duas grandes empresas foram muito solícitos para com os visitantes e as altas autoridades presentes, fornecendo-lhes detalhadas informações sobre os produtos de sua fabricação, seu emprego, etc., tendo sido muito apreciadas as amostras dos óleos minerais nacionais, o modo de fabricação do asfalto, as amostras do petróleo, do salgema, etc..

O 5.º ANIVERSARIO DE "ALTEROSA"

O MÊS de Agosto próximo assinala a passagem de mais um aniversário desta revista. Serão completados cinco anos de circulação ininterrupta, durante os quais, sem embargo das dificuldades de toda ordem impostas pelas circunstâncias da guerra, ALTEROSA tem podido crescer e aperfeiçoar-se, objetivando corresponder da melhor forma possível à honrosa preferência que lhe dispensa a sociedade mineira de todo o Estado.

Comemorando o seu primeiro lustro de existência, ALTEROSA circulará em Agosto com uma edição especial consideravelmente aumentada e melhorada, para a qual os seus leitores devem desde já, pedir reserva de exemplares aos seus fornecedores ou diretamente à gerência da revista, enviando, para tanto, a importância de Cr\$ 3,00, que será o preço do exemplar.

TAL QUAL UMA
Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pôde paralisar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o desarranjo completo de toda a nossa saúde.



LABORATÓRIO OSCIRIO DE MORAIS
• RUA MURIAE, 92-BELO HORIZONTE •

BRAHMA - CHOPP

EM GARRAFAS

AGORA TAMBEM
A' VENDA EM
BELO HORIZONTE

SUGESTÕES PARA

IVETE

A ESCOLHA DO PERFUME



O perfume deve ser usado com um pulverizador. Usa-lo retirando-o diretamente do frasco, ainda que este tenha um fecho bem estreito, resulta em muito maior gasto e uma distribuição menos perfeita da essência.

○ PERFUME é um auxiliar valioso no tocador da mulher elegante. As essências permitem realizar o encanto pessoal e destacar, além disso, o gosto que se possui. Nem por isso tem merecido a justa atenção pela importância de que se reveste a sua escolha.

Considera-se a coisa mais simples possível a eleição de uma água de colônia qualquer ou uma fragrância, sem levar em conta o tipo físico, a oportunidade de seu uso, e até a personalidade, o que é ainda mais grave.

Enquanto perfumistas, com os cinco sentidos atentos, se entregam à preparação de qualidades de perfumes e experimentam centenas de vezes diversas combinações, até obterem uma essência que seja distinta das demais, que possa ser reconhecida imediatamente, muitas pessoas taxam de facilíma a seleção do perfume.

Antigamente, o perfume era considerado um luxo, uma expressão de suntuosidade. Atualmente, o seu uso é quase uma necessidade imposta pelas circunstâncias e gênero de vida que caracteriza o nosso século.

Em todos os ramos, a mulher procura acentuar a sua personalidade, e para isso, não tem poupado esforços. Aspira que a distingam, que a vejam livre do "standard". Cada uma precisa de um perfume de acordo com sua figura, com sua maneira de ser. Perfumar-se não é, pois, adquirir uma essência, usando-a como em ensaios tímidos e às apalpadelas, nem tão pouco adotar o mais em voga, pelo simples fato de estar êle mais cotado no comércio.

O perfume contribui para acentuar a sugestão feminina. Eis porque é difícil perfumar-se com acerto.

A morena não deve usar a mesma essência que a ruiva, e a jovem que está à espera de um casamento não poderá usar a mesma que leva uma moça de quinze anos. As loiras e as que ainda não atingiram os vinte anos, ficam bem com fragrâncias de flores, tais como de rosas, jasmim, violeta. As mais desenvolvidas têm uma infinidade de perfumes à disposição de cunho oriental, como o de Chipre, almíscar cu sândalo.

O essencial para se perfumar bem não é variar de marcas de quatro em quatro dias pelo sim-

(Continua na página 83)

A SUA BELEZA

MARION

A BELEZA DAS MORENAS



Para alimentar a pele na região abaixo dos olhos, aconselham-se às morenas o uso de cremes finos e a limpeza constante da pele na forma prescrita no texto deste artigo.

A PELE das morenas contém, em abundância, o óleo natural destinado a manter a sua conservação. As rugas não se formam nelas com a mesma facilidade com que aparecem nas peles mais delicadas e secas das loiras, e mesmo sem precauções especiais, sua cútis conservará o aspecto de juventude durante mais tempo.

Mas, por ser precisamente mais gordurosa, a pele da morena tem um inimigo implacável — os poros aberto. E estes trazem, como consequência, as pintinhas pretas, que, em geral, podemos observar nas morenas. Elas terão sempre dificuldade em encontrar um pó facial apropriado à sua pele, pois devem evitar tudo que contenha matéria gordurosa, mesmo que seja em mínima quantidade, afim de prevenir um excesso de gordura, cuja consequência imediata seria a absorção do pó e o aparecimento da pele brilhante, preocupação de toda mulher, zelosa de sua aparência.

Tão pouco são recomendáveis os cremes grossos e pegajosos que, obstruindo os poros, provocam a imediata aparição dos pontos negros. Pela mesma razão, a morena não deve usar um pó facial muito grosso, evitando ainda empregar repetidamente a mesma esponja. É essencial a limpeza cuidadosa da cútis, pelo menos duas vezes ao dia, afim de evitar que as impurezas do ar se fixem na superfície gordurosa da pele, tapando os poros. Toda morena deve ter presente que, apesar da abundância do óleo natural, existe, em todo tipo de pele, uma deficiência do mesmo óleo nas glândulas que ficam abaixo dos olhos. Para manter a juventude de sua cútis deve alimentar a pele no referido ponto.

Oferecemos aqui, um tratamento adequado para a cútis de nossas leitoras morenas:

Como já dissemos, a limpeza é o mais importante. E o melhor método, o mais eficiente, consiste no uso de um leite para a limpeza facial, que poderá ser escolhido entre os que se encontram no comércio. O leite, além de tirar todas as impurezas do ar que tenham ficado no rosto, exercerá uma ação benéfica. Esta operação pode ser feita em um ou em dois minutos, e poderá ser repetida duas ou três vezes, por dia. Os momentos mais propícios são a manhã e a noite.

ALTEROSA * JUNHO DE 1944

BAZAR AMERICANO

(LOJAS NOCE S/A)

CONVIDA A SOCIEDADE MINEIRA PARA UMA VISITA AS MODERNÍSSIMAS INSTALAÇÕES DA SUA NOVA SEÇÃO DE

SORVETERIA

MONTADA COM O MÁXIMO DE TÉCNICA E BOM GÓSTO, OFERECENDO ABSOLUTA HIGIENE E CONFORTO, ALÉM DE AMBIENTE ESSENCIALMENTE FAMILIAR



ABERTA DIARIAMENTE
ATE' A'S 22 HORAS

COM SORVETES FINOS E VARIADOS DOCE, REFRESCOS E SERVIÇO DE LANCHE

AVENIDA AFONSO PENA, 788

A ESCOLHA DO PERFUME (CONCLUSÃO)

ples fato de tal ou qual amiga tenha esta ou aquela loção no seu toucador. Este afã de imitação não conduz senão a um lamentável extravio do próprio gosto que redundará em detrimento da personalidade. É preciso ter paciência e constância para permanecer fiel a uma essência determinada, até que se torne uma característica definitiva de sua personalidade.

O perfume não é senão um colaborador valioso da elegância, um meio de exaltá-la; mas perde todo o efeito se a essência não é um fiel reflexo da individualidade.

Para a roupa interior são muito adequados os aromas frescos, como o do heliotropo, alfazema, etc.

As roupas suntuosas exigem, ao contrário, um perfume penetrante, que proporcione uma atmosfera balsâmica, atraente, cativante.

É muito comum pessoas fabricarem seus próprios perfumes, mediante combinações de essências diferentes; isto, sendo possível à nossa cara leitora, podemos dizer que equivale um largo passo para o êxito.



Srta. Mariana Noronha, da sociedade da Capital



Não nos devemos distrair enquanto alguém nos fala, não só por ser uma descortesia, como porque será impossível responder às perguntas que nos façam. Por pouco interessante que seja o que nos contam, devemos ouvir, sempre, com delicada atenção.



LUVAS

DE TODOS
OS TIPOS
PELOS
MENORES
PREÇOS

Completo
sortimento
das afa-
madas
LÁS SAMS

A PRINCIPAL

AV. AFONSO PENA, 1.000
TELEFONE 2-1293

UMA VISÃO DE SERRANIA

UM MUNICÍPIO QUE VIVE E FLORESCE AO CLIMA DE UMA SÁDIA ADMINISTRAÇÃO — SUAS IMENSAS POSSIBILIDADES ECONÔMICAS — RECURSOS NATURAIS — O INCENTIVO À EDUCAÇÃO — REALIZAÇÕES DO GOVERNO MUNICIPAL.

SERRANIA — Maio (Da enviada especial de ALTEROSA) — A reportagem de ALTEROSA, numa linda manhã de outono, aportou na encantadora cidade sul-bineira de Serrania.

A amenidade de seu clima, o seu esplêndido panorama e o seu povo bom e hospitaleiro causam tal emoção ao viajor desconhecido, que este logo se sente enamorado da cidade-menina, que nasceu em 1938.

Possuindo uma invejável localização, natureza pródiga, o seu solo fértil, exuberante de seiva, torna-a uma cidade rica nos domínios da flora e da agricultura.

Nada deixa a desejar no que concerne à criação de bovinos, suínos e à avicultura.

Tendo, na sua direção a pessoa simpática do dr. Plínio do Prado Coutinho, caráter nobre, espírito progressista e, por isto mesmo, grandemente estimado de seu povo e de todos os que o conhecem, esta terra abençoada tem o dever imperioso de progredir, de crescer sempre.

Grande impulso tem tomado a instrução primária sob tão bela orientação. E' lamentável que o número de educadoras, naquela cidade, não corresponda à necessidade, ainda mais que, dia a dia, cresce o número de crianças em idade escolar. Não contando com as 350 crianças que frequentam o Grupo Escolar local, outras 240 são atendidas pelas 5 escolas isoladas que se acham espalhadas pelo município, escolas estas estaduais e municipais.

Infelizmente, nestes últimos tempos, com a falta de gasolina, ficou bastante prejudicado o progresso de Serrania. A falta de meios de comunicação com os demais municípios, dificulta-lhe o comércio, retardando-lhe a sua marcha para a frente.

Com 840 metros de altitude, tem, como já dissemos, excelente clima, o que fica provado ao se verificar que o número de óbitos é muito inferior ao de nascimentos. A sua população atinge a um total de 12.000 habitantes.

Um matadouro abastece a cidade de carne diariamente, e o mercado, já em construção, será brevemente inaugurado.

A indústria é floescente, contando a cidade com sete fábricas, ótimamente aparelhadas para a fabricação de manteiga, aguardente e rapadura.

Na parte recreativa, conta a cidade com dois excelentes clubes.

Foi com pesar que deixamos aquela encantadora cidade para continuarmos na nossa peregrinação para a qual nos impelia o dever jornalístico.

NASCEU UM BEBÊ

O NASCIMENTO de um filho deve ser comunicado aos parentes mais próximos e aos amigos íntimos no mesmo dia em que se verifica, passando-se telegramas aos que se encontram fóra e enviando cartões aos que não se possa participar pelo telefone.

Demorar está comunicação não é correto, posto que se poderia tomar por descaso e a falta seria mais grave, dentro do círculo familiar.

A's demais relações se participa o mais breve possível para que ninguém se julgue esquecido.

*

A ÉTICA DOS CONVITES

PODE-SE enviar um convite a um cavalheiro sem fazer o mesmo à sua esposa. Mas nunca se convida uma senhora sem convidar também ao seu esposo.

*

"BULLETIM"

A CABA de ser lançado o n.º 1 de "Bulletin", órgão mensal editado sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.

A nova publicação, que tem como diretor-responsável o dr. Mozart Me-

*



Srta. Cecy Matar residente em Cajurú

DE FAMA INTERNACIONAL...

Michels

BATON DE TRÍPLICE ENCANTO

Aformoseia... é Benéfico... Durável

É tão fácil de aplicar e espalhar... possui tanta consistência e tenacidade... seu efeito é não sedutor que quem o usa pode esperar — e receber em abundância — atenção, admiração, cumprimentos, onde quer que se apresente. As côres Michel nunca mostram superfície gordurosa ou desigual. Com a sua base de creme especial e consistência exclusiva, Michel merece a preferência que desfruta entre as damas que aspiram à formosura — e entre os galãs atraídos pelo seu poder maravilhoso.

10 BELÍSSIMOS MATIZES

Amapola • Raspberry • Vivid
Amaranth • Scarlet • Cherry • Blonde
Cyclamen • Brunette • Capucine

MICHEL COSMETICS, INC.
NEW YORK



niconi, destinã-se a servir ao programa da entidade de aproximação cultural britânico-brasileira, e traz in-

teressantes artigos firmados, em português e em inglês, por figuras conhecidas em nosso meio social, além da apresentação feita por G. Christian.

*

SOCIEDADE

*



Sra. Mariana de Paiva, esposa do Dr. Horacio Branco, residente em Borda da Mata



Srta. Letícia Leite Naves, residente em Boa Esperança

DE 1.º A 8 DE JULHO, A XI EXPO

A PROXIMA-SE o dia em que a Capital de Minas, mais uma vez, terá oportunidade de assistir a um dos grandes certames econômicos do país, a XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, que reunirá em Belo Horizonte a representação de varios Estados brasileiros.

Ao aproximar-se a magna data, que já desperta o mais vivo interesse entre os criadores de todo o nosso Estado, reuniu o Secretário da Agricultura, sr. Lucas Lopes, em seu gabinete, os representantes da imprensa local para, mais uma vez, falar sobre as providencias que o nosso Governo vem pondo em pratica, afim de assegurar o maior êxito ao sensacional prelo economico.

Depois de tecer amplas considerações sobre a importancia de que se reveste, para os criadores de todo o Estado, a excelente oportunidade que se lhes depara com a próxima abertura da XI Exposição Nacional, em Belo Horizonte, teve o sr. Lucas Lopes palavras de entusiasmo para com o grande conclave, assegurando:

— A XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados assumirá excepcional relevo, como índice dos progressos alcançados não só em Minas Gerais como em outros Estados pecuaristas, pelos trabalhos de seleção e genetica. Equipes providas das mais diversas regiões pastoris brasileiras, entrarão em competição ativa, sobretudo no que concerne à categoria dos bovinos.

A RIVALIDADE ENTRE AS RAÇAS INDIANAS

— Irems, continuou o Secretário da Agricultura, assistir a um verdadeiro torneio em que a adaptação das raças às condições mesológicas e os processos zootécnicos mais recomendáveis são confrontados dentro de um forte espirito de rivalidade, que se tem acentuado extraordinariamente nos últimos tempos. Dentro mesmo de Minas é visível a concorrência nesse tipo, pleiteando uma supremacia difficil de determinar-se. O Triangulo Mineiro, a Zona da Mata, com Ubá e outros Centros criadores, o Sudoeste Mineiro com Passos e Cássia, são regiões típica do Gtr, com fortísimas possibilidades de representação. Quanto ao "Nelore", o Estado do Rio e S. Paulo apresentam-se como sérios concorrentes de Minas. O mesmo se dirá do Indubrasil. Varios Estados já contam com nucleos especializados de criação e melhoramento. — O "Guzerá" surge também como nova atração.

Nesta altura, a conversa do Secretário com a reportagem se encaminhou para a apreciação das rivalidades existentes entre os maiores selecionadores de gado indiano, partidarios uns e outros das raças em que se divide a pecuaria originaria das pastagens indianas, sendo citados, então, casos curiosos em que se patenteiam claramente o entusiasmo com que o criador brasileiro vem se dedicando ao aperfeiçoamento de seus rebanhos.

A REPRESENTAÇÃO GAÚCHA

A seguir, o sr. Lucas Lopes informou que, de varios Estados brasilei-

FALA A' IMPRENSA DA CAPITAL O SR. LUCAS LOPES, SECRETARIO DA AGRICULTURA DO ESTADO

ros estão chegando diariamente numerosos pedidos de inscrições para o grande torneio. Todos querem brilhar na XI Exposição Nacional. Até do Rio Grande do Sul estão sendo enviadas inscrições importantes, acrescentando que um trem direto virá deste Estado para Minas Gerais, afim de trazer os especimens a serem expostos.

— Os gaúchos, adiantou ainda o Secretário da Agricultura, enviarão de preferencia ovinos e os famosos equinos crioulos. Lotes organizados sob a orientação da Sociedade Rural do Rio Grande do Sul. Os criadores gaúchos pretendem lançar no Brasil os cavalos "crioulos" e, porisso, procurarão apresentar o que possuem de melhor nesse particular.

A REVALORIZAÇÃO DO GADO LEITEIRO

Em seguida, o sr. Lucas Lopes teve ensejo de se referir à necessidade da revalorização do gado leiteiro, referindo-se à atual carencia do leite e seus derivados, além de fixar as enormes possibilidades, que se abrem no momento ao criador interessado nas raças leiteiras, afirmando:

— A super-valorização do zebú e dos tipos para a balança e frigorifico, como que determinou uma substituição dos rebanhos leiteiros. Até mesmo aos leigos na materia não escapa a observação do fenomeno e as suas consequências imediatas. Sujeitamo-nos aos riscos da sub-produção do leite, dentro do coeficiente médio de consumo e das exigências progressivas deste, quer para o uso "in natura", quer como matéria prima para laticínios. Importamos da Europa, antes da guerra, animais especialmente destinados ao aperfeiçoamento do nosso rebanho leiteiro: o Schwyz e o Holandez. Tal importação cessou agora totalmente. E o mais grave é que o proprio gado europeu de leite está praticamente extinto nos países criadores e produtores em consequencia das requisições de guerra e da politica de terra arrasada adotada pela Alemanha. Isso significa que, mesmo após o conflito, nossas importações estarão prejudicadas. Teremos que acudir às necessidades com os nossos proprios recursos. O exame do fenomeno conduz, pois, a uma única conclusão logica: a revalorização do gado leiteiro e a intensificação de seu trato e de sua multiplicação pelos criadores previdentes. Voltará a ser, por conseguinte, ótima fonte de negocios.

O REGULAMENTO DO CERTAME

Depois de se referir ainda às grandes atrações que teremos este ano na Exposição Nacional, entre as quaes a participação dos equinos "Mangalarga" mineiros e paulistas, o Secretário da Agricultura teve ocasião de

se referir à organização do certame, citando o regulamento baixado pelo Governo Federal com o decreto-lei 15.342, recentemente publicado nos órgãos officiais da União e do Estado, acrescentando:

— O Regulamento aborda minuciosamente o assunto e servirá de guia a todos os interessados na pecuária e industria animal das diferentes regiões do país que, durante o certame, poderão aquilatar do seu progresso nos últimos anos.

A XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados compreenderá secções de bovinos, equinos, azininos, muares, ovinos, caprinos, suínos, avicultura, apicultura, cunicultura, piscicultura, sericultura, produtos de origem animal, etc. Para que se avalle a grandiosidade do certame, basta dizer que as suas diferentes secções foram desdobradas em 139 classes e cerca de 780 categorias. Além disso, ainda haverá concursos de vacas leiteiras, de bois gordos, de tratadores, montadores, ordenhadores e muitos outros que aumentarão o interesse que a Exposição vem despertando nos meios rurais de Minas e de todo o Brasil.

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Segundo com a palavra, assim se expressou o Secretário da Agricultura, sobre as inscrições para o grande conclave de Julho próximo em nossa Capital:

— As inscrições à XI Exposição Nacional já se encontram abertas e numerosos são os criadores que, pessoalmente ou por correspondência, tem solicitado ao Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura, à rua da Bahia, 570, 3.º andar, o fornecimento de fichas para tal fim. Grande quantidade de inscrições já se encontram em poder da Comissão Executiva Central do Certame, instalada naquele endereço. Cada dia que passa, muitas outras tem chegado dos 28 centros agro-pecuários, distribuidos em todo o Estado e que estão incumbidos de efetualas. Também de criadores de diversos Estados vem a Secretaria recebendo constantes pedidos de inscrições.

— As inscrições, prossegue o Sr. Lucas Lopes, são inteiramente gratuitas, assim como o transporte de animais (ida e volta) e a manutenção dos mesmos durante a Exposição, sendo facultada aos expositores, por essa ocasião, a venda de seus produtos que concorrerem ao certame. Todos os especimens e produtos que concorrerem serão julgados e classificados, recebendo premios em dinheiro, instrumentos agricolas, objetos artisticos, etc., motivo por que deverão dar entrada no Parque da Gamelera com a antecedência de 10 dias, uma vez que os trabalhos de julgamento devem terminar antes do dia 1.º de julho, data da inauguração do certame, quando será realizado o desfile official de todos os animais expostos. E'

SIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS

DETALHES DO GRANDE CERTAME ECONOMICO QUE TERA' LUGAR EM NOSSA CAPITAL

necessário, pois, que os expositores atentem nesse ponto, providenciando a remessa de seus animais dentro daquela prazo, sem o que não poderão concorrer aos inúmeros e valiosos prêmios que serão concedidos.

Continuando, declara-nos o illustre titular da pasta da Agricultura:

— A impressão dos dirigentes da grande parada de valores da pecuária nacional é a mais lisonjeira, em face do interesse e entusiasmo despertados no meio pastoril e industrial, bem demonstrados, numericamente, no grande movimento de inscrições e pedidos de informações, de toda ordem, partidos de diferentes recantos do país.

O LOCAL DA EXPOSIÇÃO

Continuando a sua palestra com os representantes da imprensa, teve ocasião de se referir o Sr. Lucas Lopes ao local do certame e outras providências tomadas pelo Governo do Estado, para seu maior brilho, afirmando:

— Teremos na Gameleira, além da exhibição e cotejo dos animais, diversos concursos programados e diversos atrativos típicos. Os "stands" de produtos derivados serão instalados e funcionarão simultaneamente, na Feira Permanente de Amostras, cujo recinto vai ser devidamente adaptado para esse fim.

Referiu-se ainda o Secretário da Agricultura a uma importante exposição de Produtos Agrícolas de Minas, que funcionará no Pavilhão Lakmé e constará de produtos de cada uma de nossas Circunscrições Agro-Pecuárias. Há no Estado 26 circunscrições e o volume da indústria rural das respectivas zonas constituirá expressiva mostra do que temos produzido, do que vimos produzindo e do que podemos produzir, em maior escala, na função economico-agrícola.

DIVERSÕES PÚBLICAS

Prosseguindo a sua palestra, assim se expressou o Secretário da Agricultura:

— Como todos os certames dessa natureza, que atraem grande número de visitantes e despertam interesse nitidamente popular, o que ora se vai realizar na Capital dará ensejo a organizações de diversões, que são complementos tradicionais de todas as exposições. Este ano, facilitaremos a vinda de um dos grandes parques de diversões com atrativos inéditos para o público, numa temporada que se iniciará juntamente com a XI Exposição Nacional.

MELHOR APARELHAMENTO DA FEIRA PERMANENTE DE ANIMAIS

— Seguindo as instruções recebidas do Governador Benedito Valadares, a Secretaria da Agricultura vem desenvolvendo os melhores esforços

para o completo êxito do grande certame nacional. Já foi providenciada a remoção de todos os rebanhos estabelecidos na Feira Permanente de Animais, em cujo recinto será instalada a XI Exposição Nacional, enquanto continuam os trabalhos de limpeza de todos os pavilhões onde serão alojados os espécimes inscritos. Organizamos também um serviço veterinário especial para o exame sistemático e o tratamento prévio, inclusive o de imunização de suínos, para os animais que irão concorrer. Essa desinfecção completa do recinto, embora suas condições sanitárias sejam as melhores, é medida de máxima importância, uma vez que virá assegurar a maior garantia às representações enviadas, todas elas de alto preço. Os "stocks" de forragem já se acham organizados, de forma a garantir a cada animal as rações adequadas ao seu regime.

TRANSPORTE DE VISITANTES PARA A GAMELEIRA

Essas são as medidas já adotadas no sentido de oferecer toda garantia possível às representações enviadas. Há, entretanto, outro problema de grande interesse para o êxito da Exposição: o transporte dos visitantes, das milhares de pessoas que, por certo, desejarão apreciar os belos espécimes expostos no certame. Sobre isso, adianta-nos o Secretário da Agricultura:

— Cuida-se, de acôrdo com a experiência, de organizar racionalmente o transporte de visitantes até a Gameleira. Nesse sentido, será providenciado o aparelhamento necessário. O prolongamento da avenida

Amazonas, já facultado ao tráfego em todo o trecho que contorna o parque pecuário, bem como a abertura de vias especiais de acesso, saída para veículos, permitirão, entre outras medidas, maior liberdade de trânsito tanto para veículos como para pedestres. Os meios de comunicação popular serão aumentados na época, afim de melhor atender ao deslocamento de grande massa de visitantes.

O PROBLEMA DA HOSPEDAGEM

Agora a conversa toma outro rumo. Já não se fala em rivalidades de zonas criadoras, em garantia às representações vindas dos diversos pontos do País, na questão do tráfego, nem nos mostruários de produtos derivados da pecuária. O que passa a preocupar e a centralizar as conversas, das quais participam os altos funcionários presentes, é o problema da hospedagem, bem sério quando se sabe que a cidade se encherá de forasteiros, de fazendeiros de todos os Estados que virão a Belo Horizonte para assistir ao desfile de seus rebanhos ou fazer negócios, pois, por essa ocasião, a Capital mineira é que se tornará a Meca dos pecuaristas brasileiros. O sr. Lucas Lopes esclarece então que esse assunto vem sendo objeto de demorados estudos por parte da Comissão Executiva Central do Certame. Tomando-se por base o número de visitantes que aqui estiveram por ocasião da VII Exposição Nacional de 1937, calcula-se que acorrerão este ano à Capital de oito a dez mil pessoas, cuja hospedagem já está sendo objeto de cogitações.

— Tudo faremos, conclui sua excelsa, para que nada possa vir empanar o brilho do grandioso certame. Todos os problemas relacionados com a Exposição vêm sendo cuidadosamente estudados e a Comissão Executiva está empenhada em dar a esse grande acontecimento pecuário uma organização que corresponda à sua alta significação nacional.



O sr. Lucas Lopes, Secretario da Agricultura, falando aos jornalistas

PREVIDENCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO

RELATORIO APRESENTADO AO CONSELHO ADMINISTRATIVO DA PREVIDENCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO PELO SEU PRESIDENTE, OSCAR MENDES GUIMARAES E REFERENTE AO EXERCICIO DE 1943

Srs. Membros do Conselho Administrativo da Previdência:

No cumprimento dos deveres do nosso cargo, de acordo com disposições estatutárias, temos o prazer de apresentar à vossa consideração o relatório do movimento geral dos varios departamentos da Previdência dos Servidores do Estado, no decorrer do ano de 1943.

Perdurando muito embora o estado de beligerancia, em que se encontra o nosso país, com as consequências anormais dele decorrentes, a Previdência conseguiu manter, nos seus varios departamentos, o mesmo ritmo de desenvolvimento dos anos precedentes, com assinalavel progresso em alguns setores, como se verifica da comparação com o balanço do ano anterior.

Assinala, especialmente, o ano administrativo de 1943, o fato de ter sido aquele em que foi pago o maior montante de peculios, por falecimento de socios, desde a criação deste Instituto. A Previdência efetuou pagamentos de seguros, num total de um milhão e quinhentos e oitenta e nove mil cruzeiros (Cr\$1.589.000,00). Outras carteiras atestam acentuado aumento em suas transações, como veremos adiante, discriminadamente.

Se bem que não se hajam ainda normalizado as condições de transporte para o interior, o serviço de nossos agentes, na admissão de novos socios, vem-se mantendo eficiente tendo sido admitidos 824 contribuintes novos.

Passaremos agora a demonstrar todo o movimento da Previdência, em suas varias carteiras, no ano de 1943.

MOVIMENTO DO QUADRO SOCIAL CARTEIRA DE SEGUROS

Em 1943, foram admitidos 824 novos socios, para peculios no valor de Cr \$10.561.000,00 e contribuições mensais no de Cr 12.143,00.

Elevaram seus peculios 305 sócios, num montante de Cr \$2.532.000,00, para contribuições mensais no valor de Cr \$3.337,80 sobre o aumento.

Foram excluidos 10 socios para peculios no valor de Cr \$99.000,00 e contribuições mensais no de Cr \$122,00 e readmitido um, para peculio no valor de Cr \$14.000,00 e contribuição mensal de Cr \$14,00.

Ao terminar o ano de 1943, o quadro social da Previdência se compunha de 11.910 socios, para peculios

no valor de Cr \$182.651.100,00 e contribuições mensais no de Cr \$222.483,60.

PAGAMENTO DE PECULIOS

Atingiu a uma centena o numero de socios falecidos, cujos seguros foram imediatamente pagos, num total de Cr \$1.589.000,00 e contribuições mensais de Cr \$2.445,40.

CARTEIRA PREDIAL

Não obstante as dificuldades decorrentes do estado de guerra, a carteira predial manteve um ritmo apreciavel de movimento. Os pagamentos de empréstimos prediais somaram a quantia de Cr \$2.006.400,00, num total de 166 processos despachados. A arrecadação nessa carteira foi, em amortização e juros de Cr \$2.485.861,50.

CARTEIRA HIPOTECARIA

Foram deferidos 55 pedidos de empréstimos, no valor total de Cr \$418.000,00, tendo sido arrecadados, de amortização e juros, Cr \$769.171,80.

CARTEIRA BANCARIA

Esta carteira realizou 3.038 empréstimos sob consignação de vencimentos e relativos a três meses de vencimentos dos socios, num total de Cr \$6.022.100,00. No ano anterior, 1942, a soma de empréstimos atingiu o numero de 3.886, num total de Cr \$5.839.000,00.

A arrecadação dessa carteira, em amortização e juros, foi, em 1943, de Cr \$6.584.928,70.

ADIANTAMENTOS "RAPIDOS"

Durante o ano de 1943, foram atendidos 11.270 pedidos de empréstimos "rapidos" num total de Cr \$2.422.119,80, tendo sido arrecadados, de amortização e juros, Cr ... \$2.645.516,30.

Em 1942, haviam sido atendidos 11.036 pedidos, num total de Cr .. \$2.260.867,80, sendo arrecadados Cr \$2.042.690,00.

ARRECAÇÃO GERAL

A arrecadação geral das varias car-

teiras apresenta um total de Cr \$18.248.690,00, tendo-se verificado um aumento de Cr \$3.084.844,70, sobre a arrecadação de 1942, que fora de Cr \$15.163.845,30.

FUNDOS PATRIMONIAIS

O patrimonio da Previdência que era, em 31 de dezembro de 1942, de Cr \$32.954.483,00, apresenta em 31 de dezembro de 1943 o montante de Cr \$37.895.283,50, tendo sido, portanto, acrescido de Cr \$4.940.800,50, valor do "superavit" deste ano, distribuido e incorporado aos diversos "Fundos Patrimoniais". Dêsse montante, apenas Cr \$34.200,00 provêm de pequenos prêmios de Consolidadas Mineiras, Cr 21.000,00 de premio de Consolidadas da Serie C, sorteadas em novembro do corrente ano, passarão para o exercicio de 1944.

Em 1942, o "superavit" somou Cr \$4.378.298,10, havendo, pois em 1943, uma diferença para mais de Cr \$562.502,40.

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Com a dedicação e prestimosidade costumeiras, o Conselho Administrativo realizou as sessões regulamentares, despachando todos os processos submetidos à sua consideração.

Ao terminar, este breve relatório das atividades da Previdência dos Servidores do Estado, durante o ano de 1943, queremos deixar aqui consignado o agradecimento da diretoria ao exmo. sr. governador do Estado, dr. Benedito Valadares Ribeiro, bem como ao ex-secretario das Finanças, sr. Francisco Balbino Noronha e ao atual secretario, dr. Edson Alvares da Silva, pelo apoio sempre pronto às realizações deste Instituto de beneficencia. Nossos agradecimentos se estendem aos dedicados srs. membros do Conselho Administrativo da Previdência, aos srs. exatores estaduais e a todos os funcionários da Previdência. Graça à dedicação e operosidade de todos é que vem esta instituição conseguindo realizar os seus objetivos de auxiliar e beneficiar o honrado funcionalismo do Estado.

Belo Horizonte, 28 de janeiro de 1944.

(a) Oscar Mendes Guimarães, presidente.

A Editora Epasa e a Coleção "Montanhese"



Souza Sobrinho, diretor da Editora Epasa

SOSA SOBRINHO é um dos editores mais ativos e empreendedores do atual momento cultural, caracterização por uma febre de intensa atividade editorial, índice sem dúvida do nosso progresso literário.

Há poucos meses Sousa Sobrinho esteve aqui entre nós, a serviço da grande editôra que dirige e para estudar as possibilidades do lançamento duma coleção denominada "Montanhese". Entrevistado por um vestertino carioca, "A FOLHA CARIOCA", o ilustre editor declarou, respondendo às perguntas abaixo que lhe fez o repórter:

— E o movimento intelectual da terra?

— Pareceu-nos prodigioso, realmente. Belo Horizonte, que associa à placidez provinciana o dinamismo metropolitano, é uma cidade propícia aos produtos do espírito. A cidade possui 30 livrarias.

— Pretende editar livros mineiros?

— Sim, sem fugir das selções imprescindíveis, em correspondência à lisonjeira confiança que depositam na linha cultural da EPASA. Nossas edições são prestigiadas e aprofundadas em Minas. Por falar em montanhês, saiba que "Montanhese" é o título da coleção que dedicaremos aos escritores mineiros, na qual já temos programados nomes como os de Iago Pimentel, Mário Matos, Vicente Guimarães, João Dornas Filho, Oscar Mendes, Aires da Mata Machado, Osvaldo Alves e Rósario Fusco (estes dois últimos residentes no Rio), sem falar daqueles que, pertencendo ao passado, constituíram o objeto mesmo da nossa viagem a Minas: Diogo de Vasconcelos ("Histórias de Minas Gerais") e Bernardo Guimarães ("Obras Completas"). Mário Matos e Aires da Mata Machado Filho, que estão negociando os respectivos direitos autorais, encarregar-se-ão dos prefácios e das notas críticas desses livros."

NOVA ESTAÇÃO!
 CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS
 PELOS MAIS RECENTES FIGURINOS.

PINTO O ALFAIATE DA MODA
 RUA RIO DE JANEIRO 374 — 1. ANDAR

O ESPORTE NO TRIANGULO



O cliché mostra a adestrado conjunto da "Associação Atlética Pratense", que tem alcançado memoráveis vitórias nos prelios de futebol do Triangulo Mineiro

OUÇA OS MAIORES ESPETACULOS
RADIO - TEATRAIS

NA PRAÇA
RADIO
MAYRINK
VEIGA



MARIA SAMPAIO

terça-feira; - às 22 e 5 - CORTINA SONORA
quarta-feira: - às 22 horas - RADIO-TEATRO-FLAMOUR
quinta-feira: - às 22 e 5 - TEATRO PELOS ARES
sexta-feira: - às 22 horas - LENDAS MARAVILHOSAS

*

ELENCO:

Cesar Ladeira
Souza Filho
Armando Louzada
Manoel Braga
Placido Ferreira
Urbano Lóes
Paulo Moreno
Edmundo Maia
Sebastião Leporace
Cordélia Ferreira
Sarah Nobre
Lidia Matos
Anita Spá
Yara Sales
Maria Sampaio
Wilma Faria
Sonia Otticica
Sagramor de Scuvero
Jair de Taumaturgo



YARA SALES



PAULO MORENO

Grandes VULTOS de Minas Gerais

BERNARDO CISNEIRO DA COSTA REIS, figura entre os constituintes mineiros de 91. Não é moço. Diz-se destituído de ilusões, porque vinte anos de lutas políticas as crestaram. De resto, o asserto, é d'êle próprio: já sou meio velho.

Outra circunstância que lhe atesta a idade reside em ter sido êle eleito senador. Na lista ajunta-se-lhe ao nome o característico dr., o que quer dizer que é médico.

Meio velho, médico, senador, político traquejado, tem feito a sua vida em Minas, mas não é de Minas. Aquí fixára a sua tenda, aquí se metera na vida pública. De tal sorte se aclimatou em Minas que não admite distinção entre mineiro nato e não nato. E' que, durante a monarquia, quando o título de republicano era uma temeridade, Cisneiro (é assim que de certo lhe chamavam, porque assim aparece numa das eleições), Cisneiro fôra republicano e pela Republica se sacrificara.

Por isso, quando Viriato Mascarenhas alude ao ilogismo de não exigir o projeto constitucional a qualidade de mineiro nato para a presidência do Estado, porque para a presidência da Republica se exigia a condição de brasileiro nato, Cisneiro aparteia com vigor:

— Não apoiado; a ser assim, seria V. Excia. querer estabelecer luta aberta na família brasileira! Eu protesto, porque não sou mineiro nato e previno ao Congresso que me aponte quem, em idéias republicanas, mais tenha direito de falar em Minas do que eu!

Cisneiro interpretara mal o pensamento de Viriato Mascarenhas. E' que êste assevera ajuntando-lhe ao nome um "a quem tanto considero e a quem Minas tanto deve". Pensa apenas que a condição de domicílio para a eleição de cargos estaduais não deveria exigir-se do mineiro nato, porque se presume que tenha real interesse pela terra natal.

A isso responde Cisneiro:

— A condição de domicílio é necessária para evitarmos a política de almanaques. E' para evitarmos que o mineiro residente fóra do Estado somente procure saber qual o número de eleitores, para lhes escrever ao tempo da eleição.

Isso vem provar que Cisneiro não tem uma idéja vaga e remota dos prêlios eleitorais, porque tem vivido no meio d'êles, não os despreza nem os teme. Ama a altura e não quer que na Republica se repita o que ocorria no Império, e era a imposição de nomes pelo Centro, e de homens inteiramente afastados da terra e da vida da provincia.

Temos aquí o nosso homem, sem sairmos dos **Anais**: meia idade, médico, mineiro por conquista, político, republicano, senhor de bom eleitorado, senador. Na eleição da comissão dos Onze para emitir parecer sobre o projeto da Constituição, cabe-lhe o sétimo lugar, e isso prova que, simpático ao seu povo, não o era menos aos chefes...

COSTA REIS

ESCREVEU:

MÁRIO CASASSANTA

A sua atuação nos debates desenvolve-se dentro dessas linhas, porque, se as idéias republicanas o levaram a ala dos jovens, a idade e a experiência alegam também os seus direitos.

Assim, quando se discute e se vota a discriminação de rendas, os republicanos radicais agem, pulam e gritam, porque desejam atribuir aos municípios a parte do leão. A questão afigura-se-lhes de vida e de morte, e a transigência uma capitulação com o passado. Cisneiro está com êles. Diz as últimas. Chega a afirmar que, se não se discriminarem as rendas como os radicais pretendem, os velhos republicanos devem enrolar a bandeira republicana, sair da luta e passar para os moços a tarefa de

*

Dôr de dente?

CÊRA

Dr. Lustosa

Inoffensiva aos dentes - Não queima a bocca

organizarem republicaneamente o Estado.

— Fizemos com os nossos esforços a proclamação da Republica em pleno domínio da Monarquia, é justo que agora façais da Republica uma realidade para o bem da nossa pátria.

Afirma que a discriminação de rendas, como quer a outra banda, importa uma continuação disfarçada da monarquia, e, para fixar bem as responsabilidades, requer a votação nominal.

Faz-se a votação nominal, e, por 36 votos contra 32, vence a corrente conservadora, que não quer desaparelhar o Estado de meios suficientes para organizar-se, precisamente na hora de sua organização.

O problema apaixonou de tal modo os ânimos que os constituintes se dispersaram, antes de se encerrar a sessão. Um estouro.

Até aí o republicano.

Fale-se em não se criar o Senado, e a idade e a experiência lhe elaboram o pensamento, a palavra e o voto. E' por uma segunda câmara, porque tem os desvairados de uma câmara única, e quando a criação do Senado é definitivamente fixada pela assembléa sente real alegria.

Mais tarde, referindo-se a tal votação, não dissimula o seu encantamento:

— A criação do Senado em Minas trouxe-me prazer quase igual ao que tive, quando vi a Republica brasileira proclamada a 15 de novembro, e aqui vejo a conservação da Republica Mineira...

A instituição não merecia evidentemente tamanho barulho, tratando-se de um Estado-membro, mas depõe bem da prudência dos constituintes, porque era mais um órgão moderador e conservador entre as paixões desencadeadas de um novo regime.

O Senado não veio a ter o papel de relêvo, que se lhe futurava, mas não deixou de ser uma coisa útil, porque deu a um grande número de mineiros, alguns ilustres, boa parte velhos e alquebrados, com ótimos serviços, uma oportunidade a mais de servir e de opinar.

Cisneiro não foi profeta, mas agiu bem, tanto mais quanto se considera que o Senado teria de fato o seu papel, se o regime funcionasse normalmente.

GRATIS! peça este livro



ENVIE UM CRUZEIRO EM SÊLOS PARA O PORTE POSTAL

UZINAS QUIMICAS BRASILEIRAS LTDA.

CAIXA POSTAL, 74
JABOTICABAL
EST. DE SÃO PAULO

Se não foi profeta dessa vez, soube sê-lo de outra, quando pleiteando que se remunerasse o vice-presidente do Estado e se tivesse o mesmo cuidado na escolha do vice-presidente quanto na do presidente, conjectura que bem poderia ser que o presidente não viesse a terminar o seu mandato e, nessas condições, a presidência viria caber ao vice-presidente, o que seria um mal, se o vice-presidente não estivesse à altura.

Piloto experimentado, via, com objetividade, as nuvens que se acastelavam no horizonte...

Dito e feito. Cesario Alvim, o primeiro presidente, não logrou terminar o seu quadriênio, porque, solidário com Deodoro, teve de demitir-se com Floriano.

Outra opinião, que honra a mentalidade de Cisneiro, é o seu desdém dos sistemas e o seu gôsto das realidades. Nisso se distinguu, particularmente dos seus

companheiros de propaganda que apaixonados por abstrações, não consideravam devidamente as coisas. Era e fazia timbra de proclamar-se um empírico.

Nada mais simples, mas também nada mais certo do que a sua conclusão:

— Sr. presidente, digo sempre aos meus amigos que prefiro uma constituição sofrível, sendo o seu primeiro governador bom, do que uma constituição boa e seu governador sofrível.

Homens dessa raça, que vêm as coisas como elas são, que tomam as coisas como elas vêm, sabem fazer a felicidade dos povos, porque não os querem reformar, ou melhor, deformar, de acordo com programas a priori.

Cisneiro não era mineiro nato, mas êsse pensamento era por si bastante para lhe atestar a mineiridade, que se caracteriza, sobretudo, pelo bom senso, pelo senso do real.

PRECISANDO DEPURAR O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA



Combate as: Feridas, Espinhas, Manchas, Eczemas, Ulceras e Reumatismos



DESENHOS COMERCIAIS TECNICOS E ARTISTICOS

CARTAZES
GRAFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS

RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

COMPRA
BONUS DE GUERRA

O PAPEL E OS JUDEUS

A ESTAÇÃO Radio Vaticano comunicou o seguinte:

"Durante uma das mais longas audiências concedidas na quarta-feira de cinzas e que durou quatro horas e meia, o Santo Padre Pio XII recebeu um pequeno grupo de jovens hebréias, não convertidas, apresentadas por uma religiosa irlandeza que durante anos exerce de uma maneira notável seu apostolado entre os hebreus de Roma.

O Sumo Pontífice teve, para as jovens, expressões paternais, exortando-as a se manter fieis às Leis de Deus e afastadas dos perigos que ameaçam o mundo".

INDICADOR da Cidade



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA
PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS
Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS
DRS. JONAS BARCELOS CORREIA, JOSE DO VALE FERREIRA, RUBEM ROMEIRO PERÉ, MA-NOEL FRANÇA CAMPOS
Escritório: Rua Carijós, 166 — Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fone: 2-2919

DR. J. ROBERTO DA CRUZ
Cirurgião-dentista
Tratamento das afecções buco-dentárias e maxilo-faciais. Tumores, quistos, granulomas, necroses dos maxilares, estomatites, sinusites e fistulas crônicas e recentes de origem dentária, extrações, etc.
Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6 horas — Ed. Rex — Salas 607 e 608 — Hora Marcada: Tel. 2-7976 — Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR
DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO
Diagnóstico e tratamento das molestias do estomago, intestinos, fígado, pancreas e vesícula biliar.
Consultorio: Ed. Cruzeiro — Av. Afonso Pena, 774 — 5.º andar — Salas 504-506 — De 1 às 3,30
Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

AGUARDEM A EDIÇÃO ESPECIAL DE AGOSTO DE
"ALTEROSA"

AS BOMBAS PÕEM TERMO A' HISTORIA DE UMA HEROINA

Por NEWBOLD NOYES JUNIOR
(COPYRIGHT DA INTER-AMER.CANA)

NÁPOLES — Abril — Estamos de pé e de cabeça descoberta, pensando em Miss Mac. Há alguns meses não a víamos, mas os dias em que nos tratavã no Pavilhão 4 de um hospital de Nápoles nos parecem muito próximos nesta tarde de hoje.

Era uma moça inglesa, pálida e esbelta, com cabelos e olhos escuros; parecia muito satisfeita com as suas insígnias em seus ombros, que indicavam tratar-se de uma enfermeira e além disso tenente do Corpo Médico do Exército Britânico. Os ingleses chamam suas enfermeiras de "sisters", mas esta expressão não tem o mesmo caráter de familiaridade com que a empregam os norte-americanos. Miss Mac era fielmente dedicada à disciplina e à ordem. Por isso tinha tido muitas dores de cabeça com o Pavilhão 4, onde eram recolhidos, quando enfermos, os chauffeurs voluntários de ambulâncias do serviço de campanha norte-americana. Eramos muito desordeiros, muito descuidados e às vezes pouco cortezes, por motivos que ela não podia compreender.

Estivemos alguns no Pavilhão o tempo suficiente para conhecê-la bem. Bernie, que se achava de cama havia seis semanas, era o "decano" do pavilhão. Eu estive lá pouco menos tempo que êle. O ambiente era o de uma espécie de clube, e nossa principal ocupação consistia em fazer falar Miss Mac.

Nunca a chamavamos pelo verdadeiro nome. Punhamo-lhe vários apelidos tais como "Spitfire", "Young Witch", "Pisto! Packing Mama", às vezes a chamavamos "Bela", o que fazia ruborizar-se mais que tudo.

Havia uma coisa notável em Miss Mac — ruborizava-se com mais facilidade e mais intensamente do que qualquer outra mulher. E era como um brinquedo para nós. Se alguém lhe elogiava o penteado, ou perguntava se ia sair a passeio aquela noite, ou se referia a ela como "a noiva do decano" — imediatamente ficava vermelha.

Seus piores dias eram aqueles em que o coronel inspecionava os pavilhões. Ela não podia se conformar com que Wally enten-



Não pesa apenas "talharim" —

EXIJA TALHARIM COM OVOS

AYMORE

TALHARIM COM OVOS
AYMORE

AYMORE

AYMORE

desse de fumar justamente num momento antes da inspecção. Corria de um lado para outro, abrindo as janelas, para que se dissipasse a fumaça. E por mais frequentemente que isso se desse sempre a incomodava horrivelmente encontrar a gaveta de nossa mesa central cheia de pão dormido e outros restos de comida que não sei porque havíamos poupado dos "menus".

No dia de Ano Bom, alguém conseguiu uma garrafa de conhaque. Fizemos ponche de leite numa vasilha do hospital, e a convidamos para a nossa festinha. Como dizem que a bebida e os

hospitais não se dão bem, ela não aprovou o que havíamos feito. Recordamos-lhe que era uma noite excepcional, e ela acabou concordando em dar uma provadinha da bebida. Nunca esquecerei a expressão do seu rosto quando a expressão do seu rosto quando seu capitão, o oficial médico, entrou na sala — no instante preciso em que ela levava o copo aos lábios. Sendo um homem experiente, êle compreendia os norte-americanos, e a festa se generalizou. Os dois permaneceram conosco até o fim.

Um dos rapazes havia recebido

(Concluí na página 99)



ENLACE MARIA DE LOURDES LIMA NAVES - LUIZ GONZAGA RENO'

A NOTA alta das atividades de nossa Capital em Maio último, foi marcada, sem dúvida alguma, pelo casamento da senhorita Maria de Lourdes Lima Naves, com o dr. Luiz Gonzaga Renó.

A noiva, filha do banqueiro e jurista, dr. CAn-

dido Naves, e de sua exma. senhora, d. Ester de Lima Naves, é, pelos seus peregrinos dotes de espírito e de coração, aliados a um fino trato que lhe tem valido a estima e admiração de nossa melhor sociedade, uma das figuras mais benquistas em nosso mundo feminino.

O noivo, médico de reconhecida competência, é filho do dr. Benedito Renó, diretor do Banco de Crédito e Comercio de Minas Gerais e de sua exma. esposa, d. Estefânia de Carvalho Renó.

O ato civil teve lugar na residência de campo da família Naves, na Pampulha, tendo servido como padrinhos, por parte do noivo, o sr. Nazareno Carvalho Renó e d. Maria Bustamante Renó, esposa do sr. José Carvalho Renó; o dr. Herodiano Naves e sua exma. esposa, d. Julieta de Aguiar Naves. Por parte da noiva, foram padrinhos o sr. José Negrão de Lima e a senhorinha Maria da Conceição Lima, o sr. José Carvalho Renó e d. Luzia Moreira.

A cerimônia religiosa, oficiada na Matriz de São José, foi paraninfada, por parte da noiva, pelo sr. Benedito Renó e sua exma. esposa d. Estefânia Carvalho Renó; pelo dr. Jarbas Machado Borges e senhorinha Maria Mercês de Lima Naves; por parte do noivo, pelo prof. Cândido Naves e sua exma. esposa, d. Ester de Lima Naves, pelo sr. José Palma Renó e sua exma. senhora, d. Maria José Carvalho Renó.

Serviram de "demoiselles d'honneur" a senhorinhas Nazaré Carvalho Renó e Maria Lucia Naves.



Após a celebração da cerimônia religiosa, foi oferecida uma recepção aos convidados na residência dos pais da noiva, à rua Rio de Janeiro 1040, onde se podiam ver, na "corbeille" da noiva, os mais ricos e maravilhosos presentes.

Após a recepção, os noivos partiram de avião com destino a Guarujá, a poética praia paulistana, onde passarão sua lua de mel.



Nas páginas, apresentamos três expressivas fotografias do casamento que marcou a nota culminante de nossas atividades sociais em Maio ultimo, vendo-se a noiva fotografada isoladamente e em companhia do noivo, e as "demoiselles d'honneur".



NO MUNDO DOS ENIGMAS

Direção de **POLIDORO**

LEXICOS ADOTADOS

Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Chompré; Fonseca e Roquete, os dois; Breviário e Provérbios, de M. Lamenza.

TORNEIO DE JUNHO DE 1944

Premio: uma assinatura anual de **ALTEROSA**

ENIGMA N. 1

Esta "mulher" tem má "nota"
Por ser muito preguiçosa,
No seu viver só adota
Fazer coisa vagarosa.

Jairo — B.B. — Capital

LOGOGRIFO N. 2

(A' illustre turma de Presidente Vargas).

De **pez mineral** — 7 — 10 — 5 — 3 — 6.
Se fez um **outeiro**; 1 — 4 — 7 — 2 — 6.
De um **monte de sal** — 9 — 2 — 5 — 4.
Um **alvo certo**. 9 — 8 — 3 — 10.

O mundo, afinal,

Transforma-se inteiro;

Num pouco de cal

Um nobre altaneiro.

Quem sobe na vida
Se torna esquecida
Que somos mortais...

"Olha a água" que corre,
Vai como quem morre:
P'ra traz... nunca mais!...

Moema — Boturobi

CHARADAS Ns. 3 a 7.

De muito vasto se acusa
Certo templo japonês,
— E' a prisão de Siracusa,
Feita em forma de xadrez. 2 — 2.

Moema — Boturobi

(Para a distinta congreira Moema, agradecendo)

3 — 1. Deite **molho picante**, em grande quantidade, neste "**peixe da Bahia**" e sirva-se à vontade.

José Solha Iglésias — Brumadinho

3 — 1. Houve **briga** entre nós, só por causa de uma espécie de **peneira grossa**.

Zigomar — B.B. — Capital

3 — 1. Prendi o "**corvo marinho**" num **laço** não muito grande.

José Solha Iglésias — Brumadinho

2 — 2. Por causa de um **fruto** a "**mulher**" provocou grande **confusão**.

Zigomar — B.B. — Capital

MESOCLITICAS Ns. 8 a 10.

Ninguém bem calcula o que Alda

Sofre, oculta em seu sobrado:

Chorosa beija a **grinalda**

De seu despeito noivado... 2 — 1.

Moema — Boturobi

2 — 1. A pessoa mal encarada não se deve confiar a guarda do muro da fortaleza.

José Solha Iglésias — Brumadinho

SIMBOLICO N.º 11

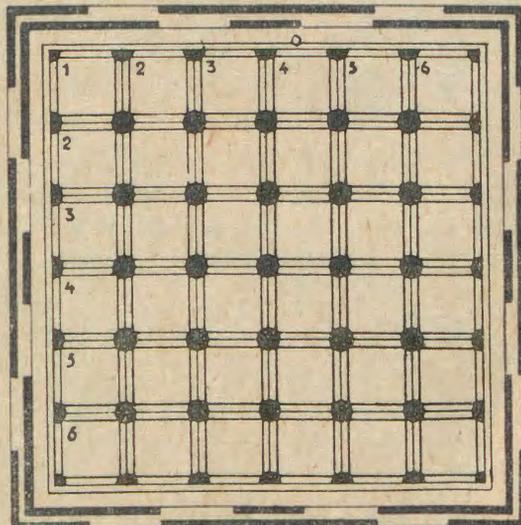
AO CONFRADE ALVARO



"MERLIM" — B.P. — PARÁ

Agua Branca — B.A. — Pará de Minas

PALAVRAS CRUZADAS



ALVARO DE ASSIZ PINTO — Presidente Vargas

HORIZONTAIS: 1 — alma de gato; 2 — desenvolvem; 3 — pessoa astuta; 4 — atenuar; 5 — dezena; 6 — esconder.

VERTICAIS: 1 — pausa; 2 — alisem; 3 — característico; 4 — enganar; 5 — jogo de cartas; 6 — desviar-se da terra.

SORTEIO DE PRÊMIOS

Em presença de vários interessados, procedi ao sorteio dos prêmios correspondentes aos torneios de Setembro, Outubro, Novembro, Janeiro, Fevereiro e Março, com o seguinte resultado: Felistea (Setembro); Jam (Outubro); Raif Kurban (Novembro); Flora (Janeiro) Zelira (Fevereiro) e Zigomar (Março). Vou providenciar a remessa da revista, exceto quanto à de Zelira, que, antes, deverá mandar-me o seu atual endereço.

Por falta de espaço para a publicação prévia da relação dos concorrentes empatados no primeiro lugar, fui obrigado a realizar o sorteio por outro sistema.

ALMANAQUE SUL-AMERICANO PARA 1944

Apareceu, afinal, o Almanaque Sul-Americano para 1944, que vinha sendo esperado com ansiedade pelos admiradores da excelente publicação de Alvaro de Carvalho. Dizendo que o A.S.A. para 1944 não é, em nada, inferior aos anteriores, tenho feito o seu elogio.

"AS" DOS COMPOSITORES DE 1943

Por grande número de votos, foi eleito "As" dos compositores de 1943, do Almanaque Sul-Americano, o talentoso enigmista bahiano Von Protozoário, que outro não é sinão o distinto advogado Egberto Mendes de Agular.

Mando daqui o meu cordial abraço a Von Protozoário, cujos trabalhos charadísticos não canso de admirar.

FREI PAULINO, culto e distinto enigmista da cidade de Juiz de Fora, aparece no A.S.A. para 1944, com magnífica colaboração.

EM UBERABA, ainda há gente que consegue ao menos por momentos, esquecer do zebú e entregar-se à composição de trabalhos charadísticos. Firmando bem feitos trabalhos, aparece no A.S.A. para 1944, o charadista El-Príncipe.

AGA' R. M. criou e mantém no "O Vale do Rio Doce", hebdomadário que se publica em Governador Caladare, uma seção enigmística com o título de "Esfingicas". A do número de 30 de Abril que me foi apresentado pelo meu velho amigo, professor Aimoré Dutra, diretor e redator do jornal, agrada plenamente.

BODAS DE PRATA

O casal Nelson Vasconcelos de Almeida Sobrinho e d. Olga Vasconcelos de Almeida, comemorou no dia 22 de Maio último, as suas bodas de prata. Nessa ocasião o distinto casal teve a oportunidade de verificar quanto é realmente estimado, pois grande foi o número de amigos que compareceu à missa votiva, rezada na igreja da Floresta e à sua residência.

Nelson Vasconcelos de Almeida Sobrinho outro não é sinão o Zigomar, que desde o aparecimento desta seção vem deliciando os apreciadores da pansofia com perfeitos trabalhos desenhados, principalmente.

O
CAFÉ
ONDE SE
REUNEM OS
CIRCULOS
ESPORTISTAS
DA
CAPITAL!

CACHORRO QUENTE
A' MODA DA CASA
—
LEITE ESPECIAL
—
APERITIVOS
—
CONSERVAS
EM GERAL

O CAFÉ' PALHARES

PÔE EM CONTACTO OS ESPORTISTA SDA CAPITAL,
DIVULGANDO OS RESULTADOS DE TODAS AS
COMPETIÇÕES ESPORTIVAS REALIZADAS NO PAÍS

RUA TUPINAMBÁS 638 — FONE 2-6119

FALECIMENTO

Em plena mocidade, quando a vida lhe oferecia farta messe de esperanças, faleceu o jjoyem Breno Barbosa, funcionário da Drogaria Araújo, desta Capital. Pertencia à família do nosso distinto amigo e estimado colaborador, João de Azevedo Barbosa (Jásbar), a quem apresentamos sentidas condolências.



ENLACES



Flagrante colhido por ocasião do enlace matrimonial do sr. Eurico Paiva, gerente do Hotel Sul Americano, com a Srta. Maria Cunha, da nossa sociedade.



A CIÊNCIA DA BOA ALIMENTAÇÃO

O CRESCENTE interesse ora observado em todos os problemas de nutrição está mais que justificado, não só porque os conhecimentos de que dispomos nos mostram patente a sua importância, como também porque as circunstâncias atuais de guerra nos impõe o dever de velar mais do que nunca pela nossa saúde como fator primordial para a vitória. Nos Estados Unidos, onde muito se cogita deste problema, devido às dificuldades de transportes e ao racionamento a que a guerra nos obriga, as autoridades cogitaram de substituir os alimentos racionados por outros de igual valor nutritivo.

Publicamos, abaixo, as regras de alimentação observadas naquele país para a preparação de "menus" diários, nos quais entram todas as vitaminas necessárias ao nosso organismo.

- 1.ª) Leite e derivados — pelo menos meio litro para cada pessoa. Um litro para as crianças — queijo, leite fresco fervido, condensado ou em pó.
- 2.ª) Laranjas, tomates ou suco de tomates, toronjas — puras ou em saladas verdes, cruas — pelo menos um destes alimentos por dia.
- 3.ª) Vegetais verdes e amarelos — uma ou duas porções abundantes por dia, uns crús outros cozidos.
- 4.ª) Outros vegetais e frutas — frescas, secas ou de latas — tais como geléas, etc.
- 5.ª) Pão e cereais — farinhas de grão completo ou reforçadas para alcançar o seu valor nutritivo original — Pão de trigo inteiro ou pão branco de trigo puro.
- 6.ª) Carne, aves ou pescado — grãos secos ou neses — de vez em quando.
- 7.ª) Ovos — 3 a 4 por semana para cada pessoa, cozidos ou de qualquer outra forma, mesmo entrando na composição de outros pratos.
- 8.ª) Manteiga e similares — incluindo margarina reforçada com vitamina A.

Confecionando pratos que além de nutritivos serão agradáveis ao paladar sul-americano, poderemos aproveitar muito dos conselhos contidos nestes oito mandamentos. Senão vejamos, nas sopas vegetais, muito ricas em vitaminas, que oferecemos às nossas leitoras no cardápio deste mês.

* * *

CARDÁPIO

SOPA DE FEIJÃO MANTEIGA

- 1 chicara de feijão manteiga
- 1 litro de caldo de verduras
- 1 colherada de azeite
- 1/2 chicara de leite
- 1 colher de cebola picada

Depois de lavar o feijão e deixá-lo de molho por doze horas pelo me-

nos, escorre-se a água, esquentam-se o azeite numa caçarola, juntam-se a cebola e o feijão, e mexe-se a mistura durante 5 minutos. Ajunta-se o caldo de verduras e faz-se ferver durante 3 horas. Quando estiver tudo tenro, passa-se pela peneira. Leva-se de novo ao fogo, juntando-se o leite. Aquecer sem ferver. Servir com pão torrado.

- 1/2 chicara de cevada
- 3 " de água
- 1/2 chicara das seguintes verduras moidas: cenouras, nabos, repolho, espinafre, vagens, ervilhas, milho verde, etc.

- 1/2 cebola pequena
- 2 talos de aipo
- 1 1/2 colheres de manteiga
- 2 colherinhas de sal
- 2 colheres de farinha tostada, cheiro picado.

Havendo posto de molho a cevada na noite anterior, lava-se bem, deixa-se escorrer e depois se ferve com a água indicada até que esteja bem tenra. Põem-se à parte as verduras moidas, a cebola e o aipo com a manteiga e o sal, deixando-se cozer por 10 minutos. Ajunta-se a farinha tostada, mexendo bem, uns 30 minutos. Junta-se a cevada cozida, salga-se ao gosto e faz-se ferver mais 15 minutos. Serve-se com salsa picada. Na falta de manteiga use-se azeite.

*

CALDO VEGETAL

- 2 chicaras de cenouras cortadas em fatias
- 2 chicaras de nabos
- 1 " de espinafre e repolho picados
- sal ao gosto
- 3 talos de aipo
- 1 cebola
- 1 raminho de salsa
- 2 chicaras de batatas cruas, picadas
- 1 tomate
- 3 litros de água

Ajuntam-se às verduras a água fria, o azeite, o sal, cosinhando-se lentamente durante umas 3 horas. Durante a cocção pode-se fazer corar a sopa com umas folhas de beterraba. Cõa-se, junta-se sal ao gosto e serve-se com salsa picada.

*

OS ASSADOS

Para se preparar num forno uma assação grande é preciso que a temperatura seja regular, a fim de que fique bem cozido e lentamente.

*

Para se separar a clara da gema do ovo, fazem-se duas pequenas aberturas nas respectivas extremidades. O ar, entrando pela superior, fará com que a clara saia pela inferior, deixando a gema intacta.

CACILDA T. SEABRA

Diretora da Escola de Arte Culinária da Companhia Du Gaz — Rio de Janeiro.

ARTE CULINARIA

O livro ímortal completo — mais verdadeiro — Receitas experimentadas — verdadeiras.

Não comporta reclame! As senhoras donas de casa comprem e verificam quem si há coisa igual

Mais de 500 páginas — cartonado Cr\$18,00 em todas as livrarias, e na

EDITORA GETULIO COSTA — CAIXA POSTAL, 1.829 — RIO

As bombas põem termo á história de uma heroína

(CONCLUSÃO)

do uma caixinha com presentes de casa. No dia de Natal demola a Miss Mac. Puzemos dentro alguns cigarros e doces, sabonetes, e um potinho de creme para a cútis que alguém havia encontrado. Enchemos o resto com laranjas e nozes.

Aquele dia, quando ela abriu a gaveta onde geralmente guardávamos o pão, encontrou a caixa com o cartão que dizia: "Feliz Natal, Miss Mac."

Tomou-a nas mãos e voltou-se lentamente para nós, muito corada. Abriu a boca, mas não pronunciou nenhuma palavra. Saiu correndo da sala.

Mas ao voltar, mostrou-se especialmente gentil quando nos tomava o pulso ou endireitava as cobertas.

Isto foi há coisa de três meses. Ante-ontem, os alemães atacaram Nápoles e bombas caíram sobre aquele hospital.

Em esta tarde, alguns de nós que pudemos lá ir, estamos de cabeça descoberta e de pé, pensando em Miss Mac. Seu ataúde parecia incrivelmente pequeno quando o fizeram descer à fossa. No fim, todos os oficiais do hospital passaram um a um diante do túmulo e fizeram a saudação militar. Não pudemos evitar o pensamento de como aquela saudação a teria ruborizado.

O "decano" chorou mais que todos nós. Era natural, porque a êle é que Miss Mac havia tratado por mais tempo'.



BOLO SIMPLES Bata 1 xícara de açúcar com 1/3 de xícara de Composto «A Patrôa» até ficar cremoso, adicione 2 ovos, um de cada vez, batendo bem. Peneire 1 xícara e tres quartos de farinha de trigo, 2 colheres e meia, das de chá, de fermento em pó, e uma pitada de sal, adicione à primeira mistura, alternadamente com 3/4 de xícara de leite. Adicione 1 colherinha de baunilha e coloque o conteúdo numa fôrma forrada de papel untado com Composto «A Patrôa». Leve ao forno brando durante 30 minutos.

POR QUE se arriscar a "surpresas" se há uma maneira segura de fazer bolos

MAIS CRESCIDOS!
FÔFOS!
MACIOS!

• Imagine a decepção dos seus... e a sua própria... se o bôlo aparece mirrado e de mau aspecto e sabor... Evite êste «desastre» usando o Composto «A PATRÔA».

De textura finíssima e isento de umidade, o Composto «A PATRÔA» assegura bolos crescidos, macios, de aparência convidativa e sabor delicioso!

O Composto «A PATRÔA» é ótimo, também, para frituras leves e digeríveis! Experimente êste excelente produto.

COMPOSTO

A Patrôa

UM PRODUTO DA Swift do Brasil



J. W. I

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

*

* * *



Preparando novos técnicos para a nossa grande "Batalha da Produção", a Legião Brasileira de Assistência vem de diplomar a sua segunda turma de Monitores Agrícolas. O cliché mostra um aspecto da mesa que presidiu a solenidade, vendo-se ao centro a sra. Odete Valadares, presidente da L. B. A. em Minas Gerais, e, quando discursava, a srta. Helia de Lourdes Pinheiro.



PÁGINA *das* Mães

O PREMATURO

DR. CLODOVEU DE OLIVEIRA

O PREMATURO quando nascido em condições relativamente boas, sem transtorno e sem debilidade, mas tão somente em estado de imaturidade, decorrente do seu nascimento antes do tempo normal, e apesar do seu baixo peso, tamanho reduzido, deficiente no seu conjunto, em precária situação de aparente inviabilidade, possui entretanto bastante vitalidade e encerra grandes possibilidades de bom exito.

Por isso cumpre ao seu assistente não se esquecer desse fato no aproveitar essas possibilidades do prematuro e ampliá-las melhorando-as por meio de métodos apropriados ao caso para conseguir mantê-lo com vida, pois que ele poderá vir a ser uma criança bem normal.

Em face, pois, de um prematuro, qualquer a situação do seu estado geral, não deve o seu assistente desanimar, não agir prontamente com ponderação e habilidade no emprego insistente dos meios de que dispõe a puericultura ao lado do necessário otimismo que deve sempre existir para o bom exito na solução do caso.

Regra geral, o prematuro — o que vale dizer feto nascido antes de completar o seu tempo normal de gestação, — caracteriza-se pelo seu baixo peso, fontanelas muito estensas e quasi sempre uma extra-numeraria devido à incompleta soldadura dos ossos do crânio; circunferências abdominal, torácica e craniana, assim como estatura, abaixo do normal. Abundante lanugem cobrindo-lhe o corpo que se apresenta magro, pele fina e friavel; orelhas mal desdobradas, tegumento frio, tudo isso indicando uma evolução mal concluída. Para completar esse quadro, o seu choro debil ou mesmo não tendo força sequer para chorar, assim como para realizar a sucção do leite ao seio, nos casos mais graves.

São fatos característicos de uma situação muito compreensível e bastante clara, denotando que o nascido antes do tempo deveria persistir na sua existência anterior para completar a sua evolução.

Nestas considerações refiro-me ape-

DUAS GERAÇÕES DENTRO DE CASA

UM ESCRITOR russo abordou em um romance o problema insolúvel da luta entre as gerações que se sucedem, luta que começa com a divergencia notada em cada família entre os pais e os filhos.

Até certo ponto, o filho encara o pai como se ele fosse um Deus, com todos os atributos da divindade. Mas, assim que a sua intelligencia principia a desenvolver-se, imbuído da eficiencia e do entusiasmo que marcam os moços, logo começam também a insurgir-se contra a autoridade paterna.

O fato será mais especialmente entre o filho e o pai. As idéias de ambos são antagonicas, porque um representa o espirito de reforma e de aventura e outro o espirito pratico e a experiencia. E' a luta do que tem e o do que não tem mais illusões.

Não há possibilidade de harmonizar-se estes dois sentimentos opostos.

A solução do problema é muito difficil devido a sua propria natureza, mas o fato é que não se resolve esta questão convertendo-se um ao outro, porém pela attitude de compreensão.

O melhor é a adoção do metodo socrático de discutir, adotando-se unicamente o argumento como arma de combate, e adotando-se também a calma como tática.

Já que se trata de uma luta, que sirva ao menos como jogo de espirito, em que cada qual possa mostrar pelo menos a parcela de razão que lhe assiste.

Adotado este metodo, o pai intelligente pode não convencer ao filho mas, pelo menos lhe captará a admiração pela agilidade mental. E, conquistando a admiração, amortecer-se-á naturalmente o animo belicoso. O mesmo recurso poderá usar o filho.

Agora, o que é impossivel é harmonisá-los, porque se trata do choque de duas gerações e nenhuma pode abrir mão de suas idéias, sentimentos e paixões.

O pai deve discutir com o filho como se fosse um esgrimista e o filho deve fazer o mesmo.

*

nas ao prematuro, isto é, ao organismo sem debilidade, mas em condições normais, e que apenas antecipa de algum tempo o nascimento, e que, imaturo que é, se acha pouco ou ainda mal preparado para conti-

nuar sua existencia em outro ambiente.

Daí a necessidade de intervenção do assistente e cuidados especiais para assegurar esses elementos que lhe faltam.

*

AS CRIANÇAS

AS crianças são como o sol: onde quer que penetrem levam a irradiação da luz. O sol ilumina a natureza, e as crianças resplandecem o lar. Elas são como as brisas da primavera, impregnadas de perfumes. São como as nuvens brancas e diáfanas que vemos no céu. São os anjos do amor, que enfeitam a terra.

Seus risos e algazarras estrepitosas são o hino constante da inocência. Tristes ou alegres, sentimos uma suave tranquillidade ao contacto com essas criaturas adoráveis.

As crianças são ternos mensageiros de esperanças sublimes.

Seus semblantes sempre irradiam uma promessa.

Deus ama os meninos porque são na terra os divinos intérpretes do amor e da bondade.

No entanto, há quem se compraz em colocar nos seus lábios palavras indecorosas, com o fim único de despertar nos outros hilariedade inconciente e fóra do sentido moral.

INAUGURADA A NOVA SECÇÃO DE SORVETERIA DO BAZAR AMERICANO

O "BAZAR AMERICANO", o conhecido emporio da nossa Avenida, vem de inaugurar em seu interior um novo e modelar departamento que está atraindo a atenção geral da sociedade mineira.

Trata-se da secção de SORVETERIA, montada caprichosamente com os ultimos aperfeiçoamentos da técnica em instalações desse gênero — as mais modernas e luxuosas que existem no Brsail —, assegurando aos seus frequentadores a maior higiene, conforto e bom serviço, além de ambiente essencialmente familiar.

Com excelentes e variados sorvetes, refrescos, doces e bombons finos, chocolate e serviço de lanche, o novo departamento do Bazar Americano foi inaugurado com uma recepção oferecida à imprensa local pela firma Lojas Noce S. A., e está despertando vivo interesse, especialmente por parte da população feminina da cidade.

*

É LAMENTAVEL que quando as crianças de ambos os sexos já sabem ler não disponham de bons livros, e satisfaçam a sua natural curiosidade com leituras mal recomendadas.

*



IMPORTANTE PALESTRA NO ROTARY CLUBE

A CONVITE do Presidente do Rotary Clube, o dr. José Bernardino Alves Junior, da alta administração do Banco da Lavoura de Minas Gerais, proferiu momentosa palestra sobre o recente decreto federal que reformou a Caixa de Mobilização Bancária, da qual damos o flagrante colhido pela nossa reportagem fotográfica. A palestra do diretor do Banco da Lavoura teve grande repercussão nos meios financeiros do Estado, onde s. s. goza de merecido prestígio pela sua alta competência em assuntos econômico-financeiros.



Flagrante tomado por ocasião da palestra do Dr. José Bernardino A. Junior



DA ALTURA DA ESCRITA E SUA SIGNIFICAÇÃO

DE UM MODO geral, a escrita alta denota elevação nas idéias, grandes aspirações e capacidade de realização. Alguns grafólogos, entre outros Michon, apelidaram-na "grafia magistral". Não resta dúvida que a idéa de beleza liga-se comumente à da grandeza e a de mesquinheria, à da pequenez. Isso não é, no entanto, um conceito absoluto.

Nenhum grafólogo pôde também contestar a grande porção de orgulho que existe nos indivíduos que têm a letra desmesuradamente alta.

Com formas simplificadas e artísticas, a escrita alta dá uma inteligência privilegiada, onde, provavelmente o orgulho saberá colocar-se sem grande prejuízo do seu possuidor.

Se ao contrário, os caracteres altos forem vulgares, será um desastre. Imaginemos um insignificante pretencioso. Quem o toleraria?

*

CONSULTAS

DESCRENTE (Campanha) — Minas — Grafia de pessoa valdosa, inteligente, voluntariosa e algo egoísta. Temperamento sentimental normal, gostos finos e poeticos, sentimento do belo e capacidade afetiva. Boa educação, finura e "savoir-faire". Vontade bem orientada, noção do cumprimento do dever e notaca independência de caráter. Alguma ironia, graça e cultura geral apreciável.

*

INDECISA (Campanha) — Minas — Eis o que se pode chamar um tipo ideal da grafia feminina: equilíbrio, bondade, inteligência, senso prático, controle, vontade bem dirigida... um conjunto, enfim, harmoniosíssimo. Não sei porquê usa o pseudônimo "Indecisa". Não é um espírito hesitante; reflete, apenas, como devem fazer todas as pessoas sensatas, antes de tomar qualquer deliberação.

Notam-se traços de boa educação, boa cultura e ótimas qualidades morais. Embora presa dos preconceitos sociais e religiosos, sabe viver sem obedecer a uma rotina sem personalidade. Ama as artes e as letras e sabe encaminhar-se sempre no sentido do melhor, do mais belo e do mais alto.

*

GALVES (Rubim) — Minas — Grafia de pessoa ativa, dotada de tino administrativo, iniciativa e coragem. É pródigo nos gastos e um tanto desconfiado. A inteligência é boa. De temperamento é desigual. Tem crises de desânimo, mas de um

modo geral, sabe viver. A vontade é variável. É pessoa autoritária e gosta que sejam acertadas as suas opiniões. Notam-se traços de inquietação e nervosismo.

*

ETEDO — Rio — Letra de pessoa discreta, inteligente, algo desconfiada e observadora. Traços de hesitação, timidez e impaciência. Temperamento sentimental; normal, controle consciente das emoções, alguma fantasia e idealismo acentuado. Cultura geral. Gostos artísticos. Sentimento da forma. Modéstia e pouco conhecimento do seu próprio valor.

NABOPOLASAR III — (Campos do Jordão) — São Paulo — Grafia do tipo dedutivo, denunciadora de lógica, raciocínio, gostos matemáticos e inclinação às ciências positivas e que demandam estudo sério e apurado. Coração generoso, sinceridade e grande capacidade afetiva. Vontade bem orientada, inteligência normal, bondade natural e clareza nas idéias.

Igualdade de humor e de impressões, constância nas afeições, franquesa e lealdade.

*

DAISY (Itaúna) — Minas — Sinais de vaidade, orgulho e amor próprio. Hesitação, fantasia, egoísmo e alguma desconfiança. Tendência à miopia e amor da discussão. É um pouco teimosa, o que lhe tem custado alguns aborrecimentos. Vontade frágil, personalidade pouco acentuada, idealismo e alguma ironia.

*

FLOR DE MAIO (Três Pontas) —

Minas — Letra de pessoa dotada de delicadesa de sentimentos, afeição, devoção e amor do lar. Coração generoso, constância nas afeições, sentimentalidade normal. Gosto artístico, meticolosidade, boa observação, alguma impaciência e nervosismo. Imaginação e necessidade de movimento.

Finura no trato e cultura livresca. MARILENE (Barra do Piraí) — Rio — Espírito em formação com tendência a modificar-se. Tipo intuitivo. Capacidade inventiva, imaginação e inteligência apreciáveis. Educação bem cuidada, gostos poéticos, sentimento de ritmo. Alguma irreflexão própria da idade. Pouca atenção e vontade desigual.

*

ERASMO (Rubim) — Minas — Letra movimentada, própria das pessoas ativas, perseverantes e que não vêem obstáculos quando se propõem a uma determinada realização. A sensibilidade como a afetuosidade são extremas e a paixão cega, às vezes, a razão. É um espírito claro, dotado de imaginação e gostos artísticos. Traços de crítica parcial, impulsividade, nervosismo e agitação.

Boa inteligência, amor da poesia e das artes em geral. Autoritarismo, caráter forte, vitalidade física, temperamento sanguíneo. Personalidade nitidamente acentuada. Espírito levado às utopias e aos paradócos.

*

PASCOALINA (Caravelas) — Bahia — Grafia de pessoa dotada de equilíbrio psíquico, afetividade, sentimentalidade e bondade natural. Coração generoso, gostos poéticos e sentimento de arte muito pronunciados. Espírito em formação, com vontade bem orientada e sensibilidade apurada. Vivacidade, calma e tenacidade. Alguma vaidade.

*

HILDEAS (Caravelas) — Bahia — Letra de pessoa discreta, reservada, dissimulada e um tanto teimosa. Variabilidade de humor, impaciência e atividade cerebral. Traços de exclusivismo e egoísmo. Vaidade, desconfiança, teimosia e fantasia desregulada. Inteligência normal, vontade desigual, temperamento instável. Nervosismo. Agitação. Senso crítico.

LOUÇAS
QUASI DE GRAÇA!
CASA CRISTAL

RUA ESPIRITO SANTO,
ESQ. DA AVENIDA

FE'BO - SECÇÃO GRAFOLO'GICA

Junto a esta mais de 20 linhas, á tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME.....

PSEUDÔNIMO.....

CIDADE.....

ESTADO.....

A EXPOSIÇÃO AGRO-PECUARIA DE UBERABA



Constituiu magnífico espetáculo de vigor econômico a última Exposição Agro-Pecuária realizada em Uberaba. O certame, que reúne todos os anos os mais soberbos exemplares da pecuária triangulina e desperta o interesse dos mais adiantados criadores do país, foi inaugurado este ano pelo governador Benedito Valadares, contando também com a presença do Ministro Apolônio Sales e do Coordenador João Alberto, que aparecem também no clichê.

*



O dr. Lindolfo Batista Goulart, cirurgião dentista em nossa Capital.

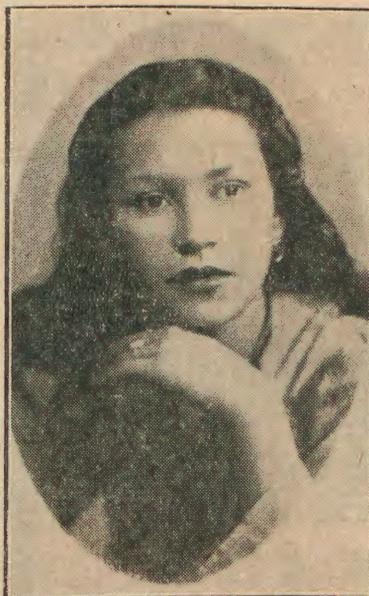
HELIO PIMENTEL & CIA. LTDA.

Des srs. Helio Pimentel & Cia. Ltda. recebemos atenciosa comunicação do estabelecimento de seus escritórios de representações em geral nesta cidade, à Avenida Amazonas, 481 — 2.º andar, onde se encontram à disposição do comércio e consumidores da praça.

*



Srta. Dolonita Silva, da sociedade de Guaratinga.



Srta. Anita Mendes Santana, da sociedade da Capital.

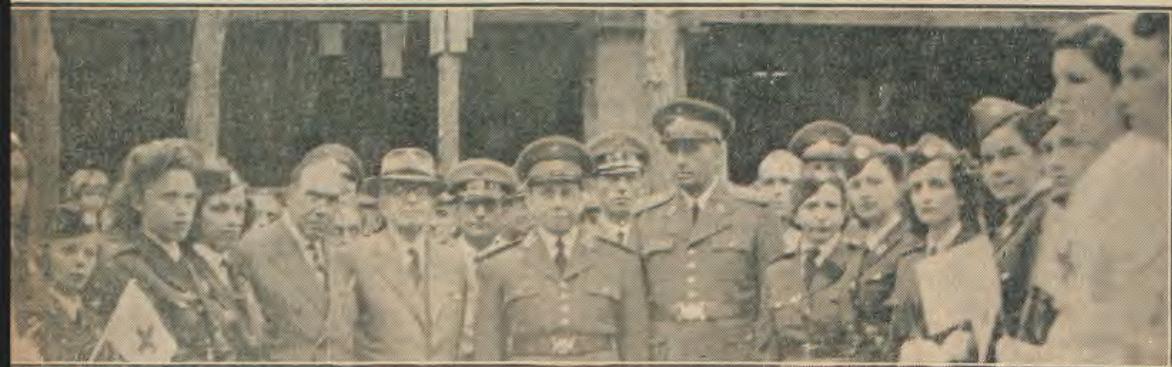


Srta. Nicatulis da Conceição Rios, da sociedade de Pouso Alegre.

O MÊS EM REVISTA



Os funcionários da Diretoria Regional dos Correios e Telegrafos de Belo Horizonte, com uma concorrência brilhantíssima, realizaram em Maio último a sua Páscoa. O clichê focaliza um grupo feito após a solenidade religiosa, que teve lugar na Matriz da Boa Viagem, vendo-se ao centro do numeroso grupo o dr. Braz Baltazar da Silveira, chefe daquela repartição federal em Belo Horizonte.



Cruz Vermelha Brasileira, filial de Minas Gerais, promoveu em dias do mês passado as solenidades da inauguração das obras do Hospital-Escola que foram presidiadas pelo Prefeito da Capital, sr. Juscelino Kubitschek. O flagrante mostra um aspecto colhido durante a festividade.



Os diretores do Centro de Comércio e Produção de Minas Gerais ofereceram um coctél à imprensa e às emissoras da Capital, tendo discursado por essa ocasião o dr. Sílvio Pereira e o sr. Josué de Azevedo, que saudaram os jornais, revistas e estações de rádio de Belo Horizonte. O flagrante foi colhido durante a solenidade.

CRIANÇAS

Marlene, filha do casal Efigenia-Francisco da Silveira Rosemburg, residentes na Capital.



Hermínia Marília, filha do casal Vicentina-José Carmo, da Capital.



Humberto José, filho do casal Idalina-Dermeval José Serpa, da Capital.



Maria Elizabeth e Vera Catharina, filhas do casal Maria-Miguel Frzeszy, residentes em Caeté.



Norma Sueli, filha do casal Rosa-Rui Lourenço de Barros, residentes na Capital.



Os gêmeos Carlos Aluisio e Luiz Carlos, filhos do casal Edith-Clemente Luz, residentes na Capital.

José Roberto e Maria Lucia, filhos do casal Clarindo Rocha, da Capital.



EM princípios do ano passado, recebia, para comemorá-lo com felicidade, o livro de meditações de Oliveira e Silva.

Lí-o com uma avidez extrema; e agora, passados mais de doze meses, ao receber o seu novo livro de poesia "Sagitário", trechos inteiros do livro de prosa sobem-me à memória com uma nitidez extrema.

Começando mesmo a presente nota, procuro o belo livro pascaliano e não o acho: deve estar entre outros volumes, escondido, em meio a balbúrdia em que permanecem, por culpa minha, as estantes, a sala inteira em que escrevo.

Mas, me recordo das palavras perenes do poeta, no capítulo sobre a amizade; são qualquer coisa assim, a advertirem que é muito difícil conservar os amigos dos nossos vinte anos, porque as separações, as diferenças de profissão, de fortuna, de ideologia e de tantas outras desviam-nos do seu caminho.

Então, dos quatro pontos cardinaes, de outros planos e latitudes, novas imagens e sensações, outros contactos, e outras personalidades mais marcadas se interpõem entre nós e os companheiros de adolescência, interrompendo a correspondência

*

SOCIEDADE



Constituiu um acontecimento de extraordinário relevo em nossa vida social, durante o mês que findou, o casamento da srta. Vanda Santos Azevedo, dileta filha do casal Sandoval Soares de Azevedo - D. Maria da Conceição Santos Azevedo, com o dr. Anibal de Andrade Resende, engenheiro civil e figura largamente relacionada em nossos meios, onde goza de enorme círculo de amizades.

O flagrante representa um aspecto colhido pela objetiva de ALTEROSA, durante o ato religioso, que teve lugar na residência dos pais da noiva.

afetuosa, e, pouco a pouco, tornamo-nos vagamente desconhecidos.

De fato (é um dos axiomas de seu livro de meditações), só a amizade vê, vê minuciosamente, comparando, pesando, dissecando, terrivelmente lúcida.

Pois bem, dêste companheiro da adolescência, de quando publicávamos os primeiros minguados cadernos de sonetos, apesar das distâncias, das separações e de quaisquer outros fatores de afastamento, nunca me esqueci; a lucidez tão característica de amizade que tudo esquadrinha a ponto de esterilizar as afeições não alucinadas de amor ao contrário, a lucidez através do tempo e do espaço cada vez mais me leva a entrever em "Sagitário", como em "Gota d'água", no "Vôo interrompido", como em "Meditações", e no autor, no homem, um poeta vivendo vida poética apesar de tôdas as contingências.

E este choque tremendo entre o trabalhador de cada hora e o poeta que os dias ásperos podem abafar, não conseguiu nada contra as virtualidades de um menino predestinado que nasceu.

"numa rua longa, de velhos sobrados" e que podendo ser só poeta, consegue, ao mesmo tempo, ser jurista, isto é, não deixar que "les mirages propres au langage" tráiam o cientista, que como Spinoza, para compor sua Ética "more geometria", havia ao sentar-se à mesa da dialética positiva, despedir-se solenemente da poesia.

Ainda não sei quem melhor estudasse esse raro conflito, que Maurice Duval em sua extraordinária obra "La Poesie et le principe de transcendance."

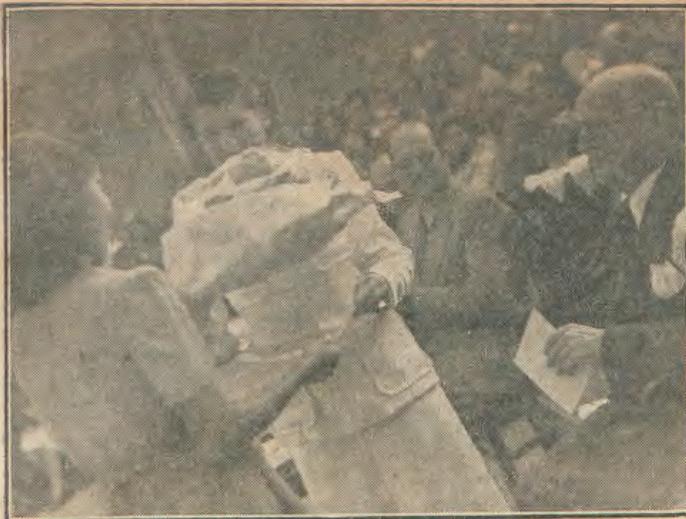
Desconfiado da razão (escreve êle) que se deixaria facilmente desviar de sua rota para entregar-se tôda às seduções da imaginação, a ética de tôda ciência positiva se preocupa em conciliar as normas de sua independência e uma certa solidariedade com o prosaico, com o geométrico, com o possível e com a experiência repetida.

Através de todos os séculos, observa-se então que a razão se limita a disciplinar o pensamento, organizar suas pesquisas, harmonizar a lógica do raciocínio específico das dialéticas construtivas com a prudência, a lentidão, o incessante controle essencial às explorações da experiência filosófica, jurídica ou de laboratório.

Suas hipóteses são cada vez menos propícias a êstes vôos do espírito em demanda dos altos planos, em que uma certa coincidência parece possível entre o Princípio e a consequência, a Causa primeira e seus efeitos.

A própria intuição, tão audaciosa e pronta para o artista preocupado em criar, faz-se tímida, hesitante para o filósofo ou para o sociólogo comprometido apenas em saber; espera tão somente o momento maduro em que a concisão deva brotar como luz de lâmpada abrigada que uma longa observação do real, um considerável acervo de fatos, sondados, perseguidos, interpretados em todos os sentidos e de diversos pontos de vista, tenha merecido suas revelações.

Para mim, o milagre poético, o milagre leigo e transcendente é mil vezes mais surpreendente quando o vejo realizar-se em meio do campo árido cavado à lança de sagitário, como o consegue, sob seu signo brilhante, o autor dos versos que acabo de ler neste primeiro domingo de janeiro.



LINDA FESTA NO GRUPO "JOSE' BONIFACIO"

Comemorando o aniversário da professora Maria Suzel de Pádua, diretora do Grupo Escolar "José Bonifácio", o corpo docente, discente e administrativo desse estabelecimento prestou-lhe significativas homenagens, entre as quais merece destaque um brilhante programa litero-musical em que tomaram parte os alunos de todas as classes. Os cli-

chés foram fixados pela reportagem de ALTEROSA e mostram a prof. D. Maria Suzel de Padua quando recebia o presente que lhe foi oferecido pelos alunos, e um flagrante do minuêto dançado pelas crianças do 1.º ano, vendo-se a menina Ení Coelho de Miranda e o menino Justo de Manso Soares.

* * *

*

A EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA

O EQUILIBRIO DA SILHUETA

AS MULHERES que souberam criar uma beleza plastica, que velam zelosamente por sua esbeltez, não se impõem regimens de privações desmedidas para conservar um pêso razoavel e uma silhueta delgada, harmoniosa. Limitam-se a resistir às tentações da gula, a equilibrar, quase cientificamente seus alimentos, contrabalanchando os excessos afim de neutralisar sua, ação desfavoravel: são em uma palavra perseverantes.

Não se esqueçam as leitôras que a esbeltez exagerada, maxime nas que perdem muito pêso para conseguí-la, apergaminha a pele e a envelhece sensivelmente, tornando-a opaca. Não se consegue, desta maneira, uma silhueta estilizada, mas sim espectral e a pele, em vez de irradiar vivacidade, demonstrará o cansaço determinado pela desnutrição.



Constituiu uma nota de palpitante relevo na vida social e artistica de Belo Horizonte durante o mês de Maio último, a Exposição de Arte Moderna, inaugurada com a presença de numerosos elementos da mais alta representação nos meios culturais e artísticos do país.

O cliché fixa um aspecto colhido durante o áto inaugural, no momento em que falava o prefeito Juscelino Kubtischek.



O Teatro do Estudante empossou em dias do mês findo a sua nova diretoria. A fotografia foi colhida durante a solenidade, no momento em que falava o estudante Luiz Gonzaga Ribeiro de Oliveira, vendo-se ainda o dr. Mário Casasanta, reitor da Universidade de Minas Gerais.

* * *

JORNAL DO POVO

A DATA DE 30 de Abril ultimo assinalou a passagem do 11.º aniversário de fundação do "Jornal do Povo", o vibrante órgão de Ponte Nova, cuja existência tem sido uma sucessão de triunfos em prol dos altos interesses da Zona da Mata, onde o seu prestígio cresce e avulta a cada dia que passa.

Superiormente conduzido por Aníbal Lopes, uma das figuras marcantes de nosso jornalismo, "Jornal do Povo" tem sido realmente um verdadeiro paladino

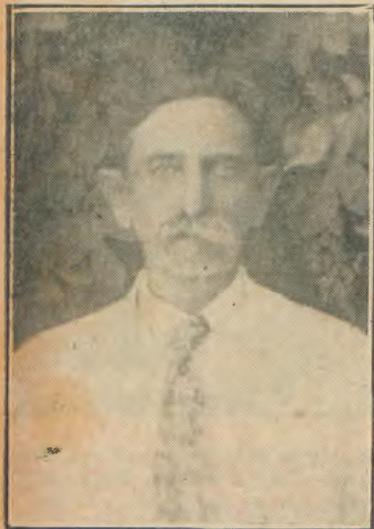
das aspirações da zona da Mata, orientando com descortino e sincero desejo de servir ao seu grande público.

Por isso mesmo "Jornal do Povo" pode receber, ao ensejo, as mais inequívocas demonstrações de simpatia de todas as classes sociais da grande região mineira a que vem servindo a 11 anos, e às quais brindou com uma grande edição especial que vale por um reflexo simbólico do seu alto prestígio popular.

*

*

EM JATAÍ



O sr. José Soares de Oliveira, aos 74 anos de idade, é ainda um grande lutador admirado e estimado em Jataí, no Estado de Goiás, onde exerce também o cargo de correspondente de ALTEROSA.

A EVOLUÇÃO DA PROPAGANDA NO BRASIL

A "COLGATE-PALMOLIVE-PEET Co., Ltda.", uma das maiores organizações mundiais que há vários anos vem confiando a distribuição de sua propaganda no Brasil à Empresa de Propaganda Standard Ltda., entidade genuinamente nacional, acaba de firmar com a mesma um grande contrato para distribuição de sua publicidade na Argentina. Este contrato, firmado em Buenos Aires, vem comprovar, mais uma vez, o enorme avanço, que a arte da propaganda tomou no Brasil, uma vez que é por todos sabido que na grande República vizinha não faltam organizações especializadas para esse fim, a exemplo do que acontece em todas as grandes nações do mundo.

*



GRAVADOR ARAUJO

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

PHOTOGRAVIAS
ZINCOGRAPHIAS,
TRICROMIAS
DUBLES, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

ALTEROSA no Rio

ESTA revista pode ser encontrada à venda, desde os primeiros dias de cada mês, nas bancas de ambos os lados da Galeria Cruzeiro, ao preço que vem sempre fixado na capa.

LEIAM

A NOVELA DE PAULO DANTAS

"Aqueles Muralhas Cinzentas..."

Um impressionante relato sôbre a vida numa penitenciária — A história de um homem que tudo sacrificou pela honra de sua mulher — Um livro que tem de tudo — Amor, tragédia, tipos humanos de sentenciados, documentário, aventuras, lirismo e realidade.

PREÇO Cr\$10,00

A venda nas livrarias

Para o interior atendem-se pedidos pelo Serviço de Recombolso Postal da Livraria Cultura Brasileira Ltda.

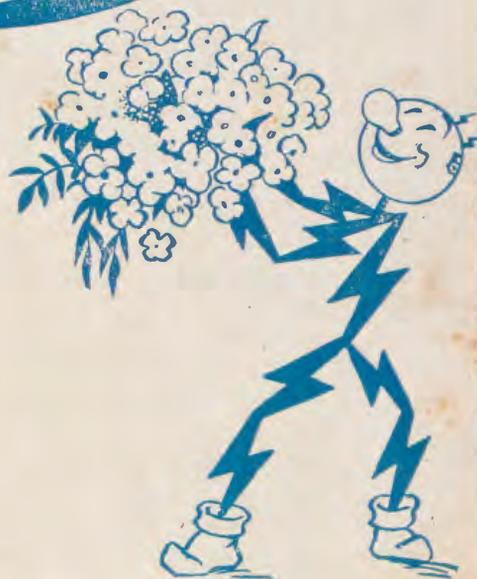
RUA SÃO PAULO, 552
BELO HORIZONTE — MINAS

Aliança!



— Para vencer esta guerra contra o eixo, celebraram as Nações Unidas uma aliança, — não sagrada quanto são os laços matrimoniais, — de mútua cooperação e sacrifício até ao termo da luta.

— E, orgulhem-se os brasileiros, nossa Pátria vem correspondendo, plenamente, aos compromissos assumidos quanto ao esforço de guerra, impondo-se, desde logo, como um dos principais esteios da VITÓRIA — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.



CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

AVENIDA AFONSO PENA, 1116 — FONE : 2-1200

Ideal para
CRIANÇAS!



CABE à mãe ensinar seu filho a usar diariamente um dentífrico adequado para a higiene bucal, a conservação perfeita dos dentes, com o seu brilho e o fortalecimento das gengivas. Prefira PYOTYL, porque é o mais completo dentífrico: quem o usa a primeira vez, jamais o substituirá por outro.

PYOTYL

o dentífrico mais completo
Creme Dental e Líquido

“O CRIADOR DE SORRISOS”

Em todas as boas Farmácias e Drogarias